

A REACÇÃO DO BOM SENSO

DO AUTOR:

Garcia Rosa (ensaio de critica), 1915.

Xavier Marques (ensaio de critica), 2.a edição, 1916.

Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito, 1916.

O crepúsculo interior, 1918.

Boa imprensa (critica), 1919.

A questão social na philosophia de Farias Brito, 1919.

Humilhados e Luminosos (Edição do «Anuario do Brasil»), 1921.

Do nacionalismo na hora presente (Edição da «Livraria Catholica»), 1921.

Pascal e a Inquietação moderna (Edição do «Anuario do Brasil»), 1922.

A SAHIR:

Afirmações.

JACKSON DE FIGUEIREDO

A REACÇÃO DO BOM SENSO

CONTRA O DEMAGOGISMO E
A ANARCHIA MILITAR

ARTIGOS PUBLICADOS N.º «0 JORNAL», DO RIO DE JANEIRO
1921-1922



EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

A
CUMPLIDO DE SANT'ANNA

E
LEITÃO DE CARVALHO

em signal de admiração
e sincera amizade.

Não se pode tratar questões encandescentes, como esta, com a placidez de um mathematico que resolve um frio problema de álgebra.

Não nos podeis prohibir que resoe tudo o que temos de fibras vivas em nosso ser, quando se trata de objectos como estes; e se nos vindes fallar de mansidão evangélica, nós vos responderemos que o Evangelho não nos veda ter sangue nas veias. Jesus, que nos deu tão bellos exemplos de mansidão, deu-no-los não menos sublimes, de energia; e de grandes santos sabemos, como S. Paulo, S. Jeronymo e outros, que foram¹ modelos tanto de vehemencia de estylo, como de sábia polemica.

E o mesmo Espirito Santo nos aconselha nas Escripturas que nos indignemos, comtanto que não offendamos a Deus e ao próximo. Traivos, diz, e não pequeis. *Irascimlni et nolite peccare.*

D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA Bispo do Pará

O nosso próximo é aquelle que soffre

Vede Lucas, X, 30, 37

PREFACIO

Reuno em livro as paginas que se seguem, porque ellas, no seu conjuncto, fazem, de facto, ura livro, na mais rigorosa significação da palavra.

O facto de serem multiplos os assumptos versados, lhes empresta, no caso, a estas paginas, ainda maior valia, aos olhos do que não é só vaidade de autor mas também paixão, a mais viva, da idéa e causa que abracei. E este novo valor, que lhes vejo, é mesmo o de poder-se verificar aqui, quando ellas assim ap-parecem agrupadas, que essa idéa, de que me fiz defensor, e dellas creadora, pôde resistir a todas as atmospheras, tomar todos os rumos, entrar todos os dominios, lutar com todos os monstros, pôr-se em contacto com todas as contradicções, miserias e preconceitos da vida

politica do Brazil contemporâneo, sem jamais se sentir diminuida, sem jamais empallidecer, sem oscillar, um só momento, sobre a sua base de experiência e de amor entranhado á patria brasileira.

Essa idéa, como se verá, foi a de pugnar, de todas as formas, por um maior respeito da Lei na vida nacional, esclarecendo o conceito de ordem, fortificando, por todos os meios — e em detrimento de uma preconceituosa Liberdade —, fortificando, digo, o sentimento da Autoridade, no domínio da nossa existencia politica.

Fil-o, antes do mais, como catholico, isto é, como inimigo declarado da Revolução, em todos os seus aspectos, e desde que, no debate em torno da successão presidencial, pude verificar que, contra tudt quanto já alcançamos realisar de sensato e ordenado —, num regi-mem de emprestimo e tão difficil de impregnar-se de bom senso e de ordem — alçava o collo, mais uma vez, em nossa paradoxal historia de povo sul-americano, a hydra, a velha, a conhecida, a repugnante hydra do demagogismo, servindo-se e a serviço das sinistras paixões caudilhescas, de um militarismo de quinta classe, babusado pelas ridiculas vaidades da egrejinha positivista...

E só duvidará da obrigação que a crença

mesma me impunha, ante a anarchia, o crime, a revolta, que se queriam estabelecer como norma de vida publica, ou o infeliz padreco, a quem o peso de interesses não permite que sinta o peso das vestes sacerdotaes, ou quem não conhecer o que doutrinaram S. Paulo, Santo Ambrosio, Fenelon, Bossuet e todos os jurisconsultos e theologos catholicos, como taes reconhecidos pela Egreja.

Esta doutrina é tão contraria á Revolução que assim a resumiu uma das maiores glorias do Episcopado brasileiro, e em hora de indizivel angustia, quando em luta aberta contra um governo maçonico e positivamente anti-christão:

— É certo — dizia elle na synopse, que apresentou, de toda a doutrina catholica sobre a obediência ao poder civil — é certo que SE UMA LEI É MANIFESTA E CLARAMENTE OPPOSTA AO BEM COMMUM, mas de tal modo que sujeitando-nos a essa lei não violamos nem o direito natural, nem o direito divino; DEVEMOS CUMPRIL-A, NÃO PORQUE ESSA LEI TENHA POR SI VALOR ALGUM PARA OBRIGAR-NOS A CONSCIÊNCIA, pois que a lei, para ser tal, deve ser justa e para o bem commum; MAS PORQUE A ORDEM E O BEM DA SOCIEDADE EXIGEM NESTE CASO A OBEDIÊNCIA. O QUE SE PODE FAZER É LEVAR RESPEITOSAS

RECLAMAÇÕES E PETIÇÕES AO IMPERANTE (1), E USAR DE TODOS OS MEIOS LEGAES PARA OBTER A CESSAÇÃO DO GRAVAME, E SE NADA CONSEGUIR-SE

É SOFFRER ESTAS, COMO OUTRAS CALAMIDADES E MALES ACCIDENTAES A QUE ESTÁ SUJEITA A VIDA HUMANA. “

E mais:

"É certo ainda, e de todos admittido, que SE UMA LEI CIVIL É CLARA E MANIFESTAMENTE CONTRARIA AO DIREITO NATURAL OU POSITIVO DIVINO, DE TAL MODO QUE NÃO SE POSSA PÔR EM PRATICA SEM OFFENDER A FÉ E OS COSTUMES, essa lei não só nenhum valor tem para obrigar a consciência, mas até devem os subditos estar dispostos antes a tudo soffrcr do que a exe-cutal-a. É o que se chama *resistência passiva*, isto é, QUE SOFFRE TODA VIOLÊNCIA, MAS NÃO COMMETTE NENHUMA."

E ainda mais:

"Emfim, É CERTO QUE NÃO É LÍCITO, NEM CONVENIENTE RECCORRER A INSURREIÇÕES ARMADAS CONTRA O PODER LEGITIMO QUE DECRETA LEIS INJUSTAS. É commum entre todos os moralistas catholicos. "S. Thomaz, Berlarmino e Suares admittera NA NAÇÃO INTEIRA — diz

(1) Assim, já se vê, em relação aos poderes competentes no regirnen republicano. Não é preciso repetir que a forma de governo é questão secundaria para p verdadeiro catholico.

o sabio Audisio — o direito de retirar a obediencia ao principe, QUE VIOLA SUBSTANCIALMENTE O PACTO FUNDAMENTAL DO ESTADO, e exerce aberta tyrannia; MAS NEM ELLES, NEM THEOLOGO ALGUM DE VALOR, TEMPOR LICITAS AS INSURREIÇÕES ARMADAS. Suarez, interpretando Berlarmino, concede ao povo o direito de defeza nos casos extremos, mas NUNCA o DE ATAQUE. (*Defens. fidei*, Lib. III, cap. III). E S. Thomaz consente também que por decreto nacional se destitua o tyranno, e recorda Tarquinio o Soberbo e Domiciano, cujos actos foram cassados pelo Senado; MAS NÃO CONCEDE TAL DIREITO SENÃO NO CASO DE TYRANNIA DECLARADA, Á SÓ NAÇÃO, E NÃO AOS INDIVÍDUOS E ÁS FACÇÕES.

Avisa que os inferiores levem LEGALMENTE suas queixas ao superior, como os Hebreus deferiram a Augusto os gravames de Archelau, imitador da paterna perversidade; e se isto não se puder, e não aproveitar a justiça humana, S. Thomaz, LONGE DE APPROVAR o uso DAS ARMAS, aconselha-nos recorrer ao Rei dos Reis, em cujas mãos está o coração dos príncipes." (1).

Esta é que é a doutrina catholica, fortalecedora por excellencia da Autoridade, guarda

(1) D. Antônio de Macedo Costa — *Direito contra Direito* — Rio, 1874 — pag. 124/26.

do Direito, por isto mesmo que mais a pre-occupa a definição dos devedores. Outros autores estrangeiros (sempre gostados) e mais modernos (sempre mais cridos), poderia ter citado em defesa do espirito christão de que me sentia animado quando comecei a defender o governo legitimo e a lei reconhecida, contra o arbitrio e a violencia das facções, que se julgavam no direito de os subverter, em proveito próprio. Intencionalmente, porém, foi que escolhi um Bispo brasileiro, e testemunha da quéda de um regimen que tudo consentiu no sentido da deseliristiani-sação da sociedade que lhe competia zelar e proteger.

Elia ahi fica, esta pagina, para meditação dos que íêm responsabilidades na vida publica nacional; que verifiquem se outra doutrina ha no mundo, que offereça fundamento tão solido, e tão provado, em que se firme o Estado, e crie mais fortes raízes e consciência do respeito que a Lei deve merecer, não só do homem superior — note-se bem — mas também do homem vulgar.

Não havia, pois, evitar a luta em defesa da ordem constitucional, por mais antipathica que esta se nos antolhasse. Era com ella, a propria civilisação brasileira o que se tinha a defender.

Porque, quando e onde, desde o inicio da

questão presidencial, se fizera ver aberta tyrannia, e em que e por quem fora substancialmente violentado o nosso pacto fundamental? Que é que poderia, mesmo de leve, justificar o processo positivo, radicalmente revolucionário, que se queria empregar para resolver aquella questão? Dentro ainda da mais intransigente cegueira democrática, que signal dava o povo da sua inteira solidariedade para com a facção revolucionaria? Pelo contrario: tudo indicava que o regimen republicano como que achara leito proprio a um volver de aguas mais calmo, e marchava para uma adaptação de character mais expontaneo ás nossas necessidades. E foi nesse momento que a Revolução se fez ideal de meia dúzia de tresíoucados ambiciosos e de retardatarios sociaes!

É certo que não é difficil mover a simplicidade da massa commum dos homens, e enganar-a, e arrastal-a até mesmo ao suicídio, quando quem o quer fazer tem por si, a par da audácia criminosa, o segredo do despudor e da hypocrisia no uso de uns tantos palavrões, que falam de um paraíso terrestre, a cujas portas ninguém diz que, como para eterno desengano de loucos, está sempre, vedando-lhe a entrada, o anjo terrivel da verdade.

Foi o que se viu na questão presidencial,

no combate travado entre o deletério faccioso e as normas de bom senso, adoptadas pela maioria dos nossos políticos, como executores das prescripções da nossa magna lei. Nesse luta, as mais vis explorações foram feitas, visando accender as paixões populares, e era até de esperar, dada a extensão e violência de taes explorações, uma bem mais forte explosão daquellas paixões, em epoca, como esta, em que a athmosphera mesma do mundo parece favorecer todos os máos instinctos collectivos. Entretanto, se a Revolução teve o seu dia, o facto é que cedo se lhe apagou o sol do entusiasmo, no baixo horizonte da sua extrema fraquesa intima. Pois se nem uma só idéa, nem mesmo má, inferior, obscura, lhe animava a bruta massa de damni-nhos appetites! O esultado foi o que se viu, e quase nem se deve falar d'elle, desse entulho de apodrecidas desillusões, que é mister arrastar ao mais fundo golphão do esquecimento. Fique-nos o "remorso social", na phrase de Taparelli, e d'elle aproveitemos.

Mas aos que, em face do ridículo final da ultima encenação demagogico-positivista ajuisarem mal da vivacidade com que, como catolico, contra ella nos batemos, será bom recordar que, antes de ser assim reduzida ás proporções de um motim de tangará se pére-

récas e em que nem mesmo a loucura de alguns moços bastou para esconder a covardia dos chefes, antes disto, a verdade é que a sociedade brasileira conheceu horas amargas, viveu afflictivos momentos, e era mister que os homens de fé, que os que se sentiam defendidos por principios de eterna fortaleza, não ficassem inactivos ou silenciosos, e corressem a defendel-a, não só de infundados terrores como da terrível suggestão do delirio demagoico.

Foi o que fiz.

Tudo leva a crer também que se iniciou, nessa luta, a reacção do bom senso nacional contra os desmandos da nossa imaginação e do nosso sentimentalismo, na ordem politica, e quem ame de veras o Brazil tem que se fazer soldado sob esta nova bandeira.

Tudo me faz suppor que as mãos que a levantaram nesta hora, que o próprio Conselheiro Ruy Barbosa qualificou da mais grave que tem soado em nossa existência politica, são fortes e resistentes, pois o espirito de que se animam já deu prova de pairar muito acima do triste arranjo de subalternas conveniências pessoaes, em que se resolviam, naturalmente, os arroubos sentimentaes, a lyrismo e a falsa pudicicia dos que ainda lutavam, entre nós contra o cynismo

franco e a perfeita infâmia de alguns profissionaes do mando, mestres da repugnante politicagem que, de facto, era, até bem pouco tempo, a única corrente verdadeiramente viva que percorria, na ordem política, o organismo nacional. Ainda ha que se lhes fazer este elogio... Tanto é certo o que mais de uma vez, supponho, tive que lembrar no decorrer dessa luta, e aprendera da rude fran-quesa de José de Maistre: "A POLÍTICA VIVE DE INTERESSES; SE, ÀS VEZES, SE ENTRETEM COM SENTIMENTALISMOS, ACABA EM NEGÓCIOS DUVIDOSOS". Tudo está, para ser bôa, que saiba distinguir os bons dos mais interesses, os que são em favor da ordem, do bem estar da sociedade, e os que são de pura ambição pessoal e mesquinho egoísmo. E é ficar com os primeiros, sem ter medo á palavra *interesses*. Os da ordem porque me bati são, na vida dos povos, como os da salvação da alma de cada individuo: fazem a virtude mesma das nacionalidades, devem ser defendidos a custo de tudo o mais, que pouco vale.

E tanto é certo que só elles guiaram sempre os povos que mais influencia teem exercido no progresso da humanidade, que, ao philosppho, ao ensador, se verdadeiramente o é, nada mais cabe que os aprofundar, descobrir-lhes o principio gerador, e co-

mo que plasmal-os em philosophia politica e em moral pratica, emfim, a esses elementos positivos, reaes, uicos verdadeiramente capazes de fortalecer a actividade espiritual, que procura, não como aconselha a vaidade ra-cionalista, indicar o estado de perfeita organização social, mas, sim, qual o mais digno de ser vivido, entre os que já temos esboçado sem jamais completamente os realisar.

E falemos claro: o que a verdadeira Historia nos diz — a verdadeira Historia, e não os phamphletos de cego e estúpido sectarismo, adoptados em todos o Occidente, da Revolução franceza para cá — o que ella nos diz é que uma única moral politica foi realmente vivificadora, organizadora, civilisadora: a moral politica decorrente dos prin-cipios religiosos e moraes da Egreja Catholica, que dignificou a humildade, a submissão, e, fundando assim a ordem pratica, poude corôal-a com as magnas conquistas da liberdade christ: a adhesão constante de grandes e pequenos ao sentimento do dever deante da lei, a consciência de que é possível fazer pacificamente a reforma de todos os abusos, de todos os attentados á dignidade humana.

Creado, porém, pela Reforma protestante, o phantasma de uma Liberdade, de

pura e pesima metaphysica, isto é, sem realidade objectiva que não a das suas criminosas conseqüências, o que se viu, de um a outro extremo do mundo Occidental, foi a morte do systema monarchico christão, e a sua substituição pelo mais nefando cesarismo, que tal foi e tal é o das chamadas monarchias liberaes, ou pela tyrannia da incompetencia, que tal tem sido a dos chamados governos democráticos, de republicanismo mais ou menos vermelho — formando tudo isto uma só ordem revolucionaria, anti-chrisã, deleteia, evidentemente impossível de sustentar-se por muito tempo mais, seja que delia venhamos a ser lançados nas trevas de um novo eclipse da civilização, seja que retomemos o fio da fé salvadora, uica capaz de refazer-nos moralmente.

Chegamos a uma dessas situações em que a Historia vale de verdade como mestra.

Até na "Cartilha do Operario", editada pelo Integralismo lusitano (e em parte nenhuma mais que em Portugal o operário tem sido victma dos idéaes revolucionarios), já encontramos palavras como estas: "Para aquellas pessoas que se deixam guiar na vida pelas idéas alheias, evitando o trabalho de pensar, a Revolução Francesa representa ainda hoje um grande avanço na senda do

progresso moral, material e político dos povos. Facilmente demonstraríamos como, pelo contrario, ella representa antes um retrocesso nesses trez pontos, se a nossa acção neste trabalho não se restringisse apenas á sua acção deleteia no aspecto econômico, começando por affirmar que a causa principal do descalabro econômico em que vegetamos foi a Revolução, e que só com o regresso ao sindicalismo orgaico a questão social se solucionará." (Pag. 14).

Assim fala o Sindicalismo não revolucionario, mas é bom não esquecer que, não só na França, mas em todo o mundo Occidental, como diz Lagardelle, foi a burguesia, essa burguesia athéa, aida de lucros e prazeres, quem como que forçou o operariado á attitude revolucionaria de nova espécie, em que hoje em dia se mantém, ameaçando-a, a ella própria, de um completo aniquilamento. E que não ha mais demovel-o, pela violecia das forças a serviço das minorias letradas e ricas, é o que a vida politica dos povos europeus vem claramente demonstrando, porque, como observava, ha alguns annos, economista dos mais acatados, este é o becco sem sahida: se os governos burgueses usam de tolerância e de medidas suasorias, cresce na massa inculta a convicção da sua

fraqueza, delles, e, não tarda que empregue os meios violentos, na anciã de immediata realisação dos seus ideaes; se taes governos, pelo contrario, julgam-se fortes e reprimem as manifestações da ousadia proletaria, passam a ser fabrica de martres, por conseguinte, o melhor propagandista das mesmas idéas que combatem.

Éou não é como o diluio que avança, que está próximo a desencadeiar-se sobre o mundo sem crenças, sem dignidade espiritual? Porque não será com a infaia do economismo sem alma ou da política de ahna de vibora que se ha de atalhar a Revolução nas suas mais loicas se bem que mais monstruosas e desgraçadas consequencias praticas.

Vejo nas minhas notas estas palavras que são, se me não falha a memória, de Georges Sorel: "Que peutil sortir des marchandages, des ruses, des duplicités de la politique vulgaire, sinon un effroyable abaissement des caracteres? Les rivalités des partis ne sont que des courses déchaînées de clientèles avides des prebendes et des sinécures qu'offre la possession de FE'tat. Bas-sesse et médiocrité, c'est le lot des démocraties. Il y faut ajouter crédulité et défiance..."

L'électeur n'apparait plus que comme une lamentable épave et il reste Féternel dupé." ... Eis o quadro da vida politica contemporânea, não a do caldo podre brasileiro, mas a dos povos que se dizem á frente da civilização, de que o Brazil tem copiado tudo, muito mais, porém, as perigosas phantasias do atheismo social.

Os resultados ahi estão. É a poiitica transformando o soldado de factor da disciplina em bandeirante de desordem, a imprensa lançada no mais aviltante isochronismo, da mais clara venalidade ao mais criminoso desrespeito a todas as delicadezas moraes; são os dirigentes em concíiabusos com ladrões da mais repugnante espécie ou pregando francamente o assassinato dos seus adversários, é, emfim, o Brazil desta campanha presidencial, de que sahimos, e em que horas houve em que não ficou de pé um só talvez dos pontos de honra da vida politica e social de um povo o mais modesta ou elementarmente civilisado, no sentido christão desta palavra, o unico, aliás, que pôde ser reconhecido verdadeiro pelo bom senso e a justa razão.

Dizia-me um amigo, ora residente na Inglaterra, em carta dos primeiros dias de Junho, que a imprensa londrina já não achava

bastante tratar-nos com desprezo. Desde que a campanha contra o sr. Arthur Bernardes deixou, ver que, no fundo, nada mais era do que pútrida e mal abafada exalação do nosso velho militarismo de cordel, sempre hypocrita e por isto mesmo sempre repugnante, os inglezes, ou melhor, os seus banqueiros, donos do mundo, mal disfarçam o pedido de camisa de força para este pobre povo, que era assim posto, e quase sem injustiça, na rabadilha do mundo, para gloria de um ou dois mulatos de trunfa demagogica, de trez ou quatro bandidos de imprensa, de cinco ou seis generalêtes e coronelões, quando não abarrotados de pernosticismo positivista, anciosos por uma batalha... a primeira, quando mais não fosse, das que essa mesma imprensa offerecia a custo de muito pouco sangue e muita espuma venenosa.

Não resta duvida que nós podíamos, naquelle momento, ser apontados como o povo que realizava, do modo mais claro, toda a turpitude da moral politica contemporanea.

O caso do Marechal Hermes, ex-chefe do Executivo e victimia outr'ora da mais abjecta campanha demagógica, transformado de repente, em cidadão, que usando do prestigio

da propria farda, tudo fez para desmoralisação da autoridade constituida, tornando-se instrumento inconsciente da mesma demagogia que quase o matou moralmente aos olhos da nação, é também a mais perfeita encarnação, que conheço, dessa universal confusão da verdade e do erro, do mal e do bem, que é como que a característica das classes dirigentes, nesta triste hora da vida de todas as sociedades humanas.

E é por isto que, á absoluta falta de principios, de interesses superiores, de convicções moraes, mesmo erroneas, um homem que, em dado momento, os represente, só pode parecer um monstro; e é o que acontecia em relação ao sr. Arthur Bernardes, combatido então não só pela incrível baixeza dos processos dos seus adversarios, mas também não menos prejudicado pela não menos incrível incompreensão de muitos dos seus partidários, incompreensão do valor moral que representaria a mais rigorosa repulsa ao crime e aos criminosos, quando era com criminosos que se tinha de lutar.

O amigo, a quem me referi acima, nessa mesma carta em que me dava conta do ridiculo de que éramos alvo aos olhos do estrangeiro, parecia crer que tudo isto nos acontecia porque a Palavra há perdido todo

o valor, entre nós, "é assim como o rublo presentemente em relação ao mundo monetario".

Puro engano. Nunca a palavra teve mais força no Brazil, nunca o jornal e mesmo o livro teve maior mercado e mais gente ávida a devoral-os.

A verdade é que as chamadas classes dirigentes vão degradando o nosso povo cada vez mais systematicamente pela escola sem Deus, a imprensa licenciosa, o livro immoral.

A verdade é que nunca, no Brazil, a palavra esteve tão escravizada ao mal e a serviço de tantos homens indignos delia. Mas ella somente ainda poderá salvar-nos, por isto mesmo que ainda não baixamos á irracionalidade.

E o que é preciso é vencer primeiro os preconceitos do monstruoso atheismo social em que nos debatemos.

É attentar no que se passa no mundo inteiro, é reflectirem os poderosos, desta hora, no nosso caso particular.

Nunca o mundo precisou mais de religião, na ordem pratica, e tão certo é isto que só os cegos não verão o grande movimento intellectual catholico e espiritualista que o reanima ultimamente.

O Brazil, criação do heroismo da Egreja, mais do que outro qualquer povo, deve adeantar-se aos demais neste renascimento espiritual.

Não é tempo talvez de emprehen-der a reforma christã das nossas leis. Mas já é tempo de acceitar como máxima suprema para a nossa vida, aquella mesma que forneceu José de Maistre, no inicio da tragedia revolucionaria. A Revolução deve nos ser tão odiosa que "não é mesmo a contra-revolução o que se tem a fazer, mas o CONTRARIO DA REVOLUÇÃO".

A CONSCIÊNCIA RELIGIOSA DO PAIZ E O MOMENTO POLITICO

Em tudo quanto se tem escripto ultimamente sobre a questão das candidaturas á presidencia da Republica, tenho notado como que o proposito de afastar para o mais longe possivel a discussão das idéas que pôde vir a representar, se victorioso, qualquer dos grupos contendores neste momento, e, até agora, se tem atacado ou endeusado as personalidades dos srs. Arthur Bernardes e Nilo Peçanha como forças políticas no peor sentido da expressão, isto é, como cabos eleitoraes. Nada mais se tem querido vêr nelles que dois felizes mortaes amantes do mando e a um dos quaes o mando tem que caber, sejam elles bons ou máos sujeitos, pois a verdade é que cada um é um semi-deus para uns tantos ambiciosos que o acompanham e um miserável para outros tantos ambiciosos, que acompanham o seu rival. O porque desses juizos é que não parece bastante fundamentado ao bom

senso que tenha horror a um tal partidarismo, de que resulta, afinal de contas, ser impossível fazer um julgamento sincero de qualquer desses homens. Aliás estou certo que no Brasil, mais do que nunca, só merece duvida e até desprezo uma certa *opinião publica*, formada por já conhecidos processos jornalísticos, que, não faz muito tempo, após ter arrastado o sr. marechal Hermes pelas mais negras ruas da amargura, nem ao menos achou necessario justificar-se quando, ré confessa de calumnia, lhe rendeu as mais subidas homenagens .

Num momento da vida nacional, que o sr. Ruy Barbosa crê ainda mais grave que o de 89, não seria mais acertado, mesmo do ponto de vista do egoismo de cada um, que o debate politico se elevasse alguns covados acima das objurgatorias e apologias de caracter pessoalissimo? Não seria mais conveniente, até para o mais humilde dos ambiciosos, esquecer questiunculas políticas para attender somente a esta de que, tendo graves problemas sociaes a resolver, o Brazil requer governos capazes de os enfrentar com energia e bom senso, pois ninguém, por mais pequeno, escapará aos prejuizos geraes, se taes problemas não merecerem a attenção mais honesta?

Não sei se será mesmo invejável a sorte daquelle a quem couber, após o Centenario da nossa Independencia, o papel de domador desta incerta democracia, mas por isto mesmo a analyse a que devêramos sujeitar os pretendentes áquelle alto, nobre e ambicionado mar-

tyrio, deveria visar, de preferencia, as linhas geraes, as bases de eada programma, pois em psychologia objectiva, raro é que se possa penetrar com segurança refolhos de uma alma, em suas infinitas nuanças.

De facto, não é difficil verificar o pessimismo ou o optimismo essencial de um dado homem, mas raro é que se surprehendam as mil componentes de um dado temperamento.

Também no mundo das idéas: não é difficil saber se um homem é crente ou sceptico, mas duvidosa será sempre a determinação da sua espécie de crença ou de scepticismo.

Assim, por mais suspeitas que sejam, a verdade é que as confissões dos próprios typos que analysamos, têm que ser levadas em conta, como principal elemento, no juizo que delles queremos formar. Não é duvidoso, por exemplo, que se possa alcançar, da confissão de um homem publico, a quem, particularmente, quer elle agradar, se bem que não seja tão certo reconhecer a quem lhe não importa ser desagradável. E raro é que o optimista não ame ser tido por optimista, e ainda mais raro, apesar de parecer o contrario, que o pessimista não se vanglorie de pessimismo. O poeta que disse: "*Tristeza, minha unica alegria!*", certamente não mentiu, disse o que sentia. E nesses dominios a confissão vae tendo maior valor á medida que se faz mais complexo o problema da determinação psychologica. Eu sou um crente ,diz quem, á primeira vista, nos parece refinado hypocrita. Será um hypocrita. Mas a crença ainda vive nesse infeliz. Semella não seria hypocrita,

seria cynico ostensivo, orgulhoso do seu cynismo.

Coisa ainda digna de nota é que, quando já a essa altura nos dominios da psychologia, tem valor singular a propria fôrma das affirmações, se categoricas, incisivas, terminantes, se dúbias, frouxas, imprecisas.

Para nós, catholicos, é isto elemento de primeira ordem para o julgamento que queiramos fazer de qualquer indivíduo, em relação ao nosso Credo. O catholico é como um rei, dizia Veuillot: affirma desassombrada-mente a sua fé. Eu sou catholico, ponho acima de tudo o amor de Deus, de Jesus Chris-to, dos mandamentos da sua Igreja, a Igreja catholica, apostólica, romana. Quem assim não fala não é, para nós, aquelle irmão na Verdade suprema, pela qual tudo devemos sacrificar.

Ora, este artigo só se dirige aos catholicos brasileiros, áquelles que lutam, como eu, pelo prestigio das crença tradicionaes do Brazil, e querem que ellas influam cada vez mais em todos os dominios da nossa vida social e política, direito que não lhes pôde ser negado num paiz em que se diz que a democracia é verdade e onde, por consequente, está mais que legitimamente assegurada a victoria das maiorias.

Pois bem: não só nós, catholicos, vemos, com Donoso Cortes, sob toda questão social, uma questão theologica; Guizot, um protestante, e também homem de Estado, assim pensava. Assim também pensava o próprio Prou-

dhon, como se pôde verificar nas suas "Confissões de um revolucionario"...

Se assim é, e se somos a maioria absoluta da Nação, não podemos esquecer, nós catholicos brasileiros, e não devemos temer o cumprimento de um dever para com a nossa fé, quando está em jogo o governo temporal da sociedade a que esta fé alimenta e unifica espiritualmente, e sabemos quanto é vantajosa a harmonia dessas duas autoridades na historia de todos os povos. E este dever é o de indagarmos, justamente, sobre que base de fé repousam as promessas de cada um dos pretendentes ao mando supremo da Nação.

Já que devemos obediência a uma constituição politica, que nós mesmos consentimos que se proclamasse, sem consulta dos interesses religiosos da maioria que somos, é lógico que não desejamos um governo de character confessional. Mas por isto mesmo não devemos nunca concorrer para que o tenhamos anti-catholico, sectario, a serviço de uma das minorias religiosas do paiz.

Agora, pergunto se pôde haver duvida, da parte de um verdadeiro catholico, ante os nomes dos srs. Bernardes e Nilo, após a leitura das duas entrevistas concedidas por estes senhores ao sr. Soares de Azevedo, distincto redactor d'"A União". Poderá haver, entre nós, quem fique indeciso entre a serena affirmação de catholicismo do sr. Bernardes, e aquelle "eu sou catholico" do sr. Nilo, que a cada passo confunde a nossa Igreja, a Igreja da maioria absoluta dos braaileiros, com as

seitas, a que a nossa Constituição garante plena liberdade?

Quem escreve estas linhas não conhece o sr. Bernardes nem o sr. Nilo. Não tem dom de propheta, nem é tão bom avaliador das nossas actuaes forças politicas, a ponto de ter já por victoriosa a candidatura do sr. Bernardes, a quem desde agora estivesse a mendigar alguma futura recompensa. Dados os processos dubios do nosso mundo politico, confessa mesmo que crê mais na victoria do sr. Nilo, de quem a aureola de malabarista e um máo livro são as únicas coisas que conhece. Mas se se fizesse eleitor seria para votar com a sua consciência de catholico. E é isto o que vem lembrar aos eleitores catholicos do paiz.

L'ÉCLAT DE RIRE DE LA RAISON...

Ha pouco tempo, quando um senador da Republica, mais do que sensatamente, repudiou alto e bom som a gritaria das ruas como collaboradora dos nossos destinos politicos, foi formidavel a grita, não das ruas, mas de todas as galerias de uma desenfreada politicagem capaz de invocar até mesmo as fúrias populares, em prol das suas proprias contrariadas ambições.

Disse-se de quem ousava renunciar o veneno das revoluções como perigosissimo meio de salvação social, tudo quanto se pôde dizer de um inimigo do povo, fazendo-se a este, ao povo, que é o trabalho, o esforço humilde, dentro da ordem, a injustiça de o confundir com os gritadores da rua, os desordeiros de toda espécie, a espuma negra de todas as sociedades, fermento de todas as revoluções, instrumento de todos os exploradores politicos. ..

Ora, devem todos esses empresarios de

má sorte comprehender que, de facto, os tempos estão mudados mas não no sentido que supõem.

Passou, realmente, a época tão necessaria do absolutismo e das aristocracias de sangue, mas já vae longe também a da crença ingênua e sincera nos "sagrados principios" da demagogia, que ensanguentou o mundo, sem que, no seu monstruoso altar, se levantasse a imagem de um só verdadeiro heroismo, de uma só nobilitante virtude, dignos do sangue derramado.

Aquelle triste politicoide que ainda invoca "a gritaria das ruas" como força de remodelação social, não é mais, hoje em dia, que um simples "retardatario", e com certeza, está mais divorciado do espirito dos nossos dias que os que pregam, a todo transe, a re-acção anti-democratica ou falando mais claro, a reacção anti-demagogica.

Sejam quaes forem as fôrmas sociaes latentes neste pandemonio, nesta tortura, nesta agitação do "après la guerre", a verdade é que só uma coisa se faz evidente: que a sociedade se renovará dentro de mais amplo quadro de valores praticos, uteis, e que a politica perderá, por força, seu excessivo character theorico, pasto de todos os parasitismos, para voltar ás suas leis tradicionaes de razão e experiencia, isto é, nascidas de principios universaes e apoiadas na tradição, que é a philosophia mesma dos povos dignos da vida.

É neste sentido que nós estamos, se não já a ouvir, pelo menos, na vespera de "Teciât de rire de la raison" ante si mesma...

Creu demasiado nas suas forças, acreditou poder sobrepôr-se ás mysteriosas tradições de autoridade na economia da vida social, e o resultado foi que em seu nome "todos os crimes foram commettidos", e passou a ser o joguete dos mais baixos instinctos de todos os audaciosos...

Ao clamor de tantas victimas acordou a razão e viu bem claro ou está a ver bem claramente que estivera adormecida e, em seu nome, fora a imaginação, fora o orgulho satânico da imaginação o que governara o mundo...

Realmente, como pensa Maurras, um atheu penitente, "a grande condição do successo, de dois séculos a esta parte, parece ter sido deslocar, a todo instante, os polos do pensamento; não se conseguiu ser ouvido do publico senão creando inteiramente uma constituição política, um systeroa do universo, erigindo em lei os caprichos da imaginação".

Não somos nós, felizmente, os dogmaticos, os que hoje se honram de "medievante", não somos nós, os catholicos, os que pregam o retorno á tradição, o amor da autoridade, o respeito aos dogmas que essa mesma tradição encerra...

É a voz do positivismo francez, do scepticismo philosophico, cançado de tantos arrojos theoreticos, que se faz ouvir e ousa até, não confundindo mais liberdades politicas com Liberdade como principio de vida social, lançar os peores apodos contra essa crudelissima deusa da Encyclopedia e da Revolução.

A razão — diz aquella voz — só é razão

quando a si propria se limita, quando reconhece que todo o seu trabalho só é útil sobre uma base de fé, quando não despreita os marcos dogmáticos de uma tradição religiosa e politica, cuja formação se perde na origem dos seculos.

A liberdade como principio organizador é uma chimera, não existe na historia, é força, por conseguinte, destruidora.

"Tem o seu throno ao fundo das regiões inferiores, proximo ao chãos e ás forças elementares; o que trabalha e cresce, o que se eleva e se ordena, o que toma as fôrmas da perfeição, é também o que consentiu no entrave e na medida, o que se sujeitou ao sublime freio da lei. "

Não é essa voz como o signal dos tempos, partida de quem parte?

Como resistir a esta força de bom senso, que succede sempre aos paroxismos de dôr, ás grandes provações?

Será invocando a gritaria das ruas? Poderá ella abafar o coro de vozes mais serenas, mais altas, mais nobres? Perniciosa illusão! É certo que nunca sociedade alguma foi governada dez dias por essa vasa de ambições sem sentido. É certo que, do meio delia, quando alguma vez victoriosa, jamais deixou de surgir o seu dominador natural, o homem — crystallisação de todas as suas penas e todos os seus crimes, aquelle ser tenebroso mas ao mesmo tempo providencial, que se constitue, immediatamente, alliança entre o passado e o futuro, no mais tremendo castigo ao presente, que o elevou.

Napoleão, Lenine... terríveis instrumentos da necessidade social... Quem não pôde descobrir as suas "figuras", sobrepondo-se ás agitações do passado hellenico, da decadencia romana?

E será, agora, após a mais tremenda provação por que tem passado a humanidade, que meia duzia de profissionaes da politicagem, venha exaltar a revolta e o tumulto como dignos de acatamento?

Quem poderá levar a serio taes declamadores? O povo? Mas é este quem mais cançado já deve estar, das encenações ridículas e sangrentas em que, horas após a fogueira dos odios que se sastifazem, se vê ainda mais pobre, mais degradado, mais desprezado.

É preciso ter coragem de amar este mesmo povo com a rudez de quem delle faz parte e não lhe fala com segundas intenções; é preciso dizer-lhe a verdade, núa e crua, dizendo-lhe, por exemplo, que é desprezível a gritaria das ruas, que desconfie dos que fazem profissão de amal-o e bajulal-o...

A verdade é que só verdadeiramente lhe deseja o bem aquelle que se colloca acima dos seus louvores e é capaz de ainda hoje repetir serenamente a canção do Infante D. Pedro:

No amo ni punto el amor popular

nio leo quien mucho en el se confia...

CATHOLICISMO E POLITICA

Ha dias tive occasião de dizer francamente, por estas mesmas columnas, que, dos dois candidatos á presidencia da Republica, ouvidos pelo jornal "A União", só o sr. Bernardes poderia merecer a sympathia e o apoio dos catholicos. Firmara a minha convicção neste sentido com a leitura mesma que fizera das entrevistas concedidas pelos dois politicos rivaes. Nellas, o sr. Bernardes diz que é catholico e demonstra que sabe bem o que é ser catholico; o sr. Nilo também diz que o é mas, de dubiedade em dubiedade, chega até ao cumulo de confundir a religião da maioria dos seus patricios com as diversas seitas que aqui, como em toda a parte, são elementos perturbadores da civilização christã. Ora, o que poderia ser obra de pura ignorancia, muito perdoavel, da parte de um homem que teve, e talvez tenha ainda, papel muito importante numa das mais activas seitas, que combatem

a Igreja, sob todos os disfarces, poderá ser também obra de pura perfidia, digna de cautela ...

O que não posso negar é que, tendo dito; com tanta franqueza, o que pensava em relação a cousa de tanta gravidade como esta da escolha de um chefe da nação, fui de encontro aos hábitos mentaes de grande parte dos que estão commigo em communhão de fé. Tive respostas pouco edificantes, como a daquelles que temem que por qualquer motivo se provoque uma questão religiosa no Brazil... São esses mais prudentes que o sabio, o que quer dizer que são ridiculamente prudentes e até cegos pelo temor. Não é possível provocar uma questão religiosa onde ella já de facto existe para todo homem toherente, não só com os principies catholicos, mas até com os principios de uma verdadeira democracia. É evidente que taes principios só teriam sido respeitados, entre nós, se no caso do ensino, por exemplo, não tivesse o governo nenhuma ingerencia e desse ampla liberdade, ou se attendensse ás convicções religiosas da maioria absoluta dos seus governados. A chamada neutralidade só seria neutralidade real, se não dirigisse escolas em que domina o indifferentismo religioso, mais repugnante ao espirito do verdadeiro crente que o ensino religioso de doutrina que se lhe oppõe. "A questão é sempre saber — como diz Veuillot — se o homem deve nascer, viver, unir-se, morrer, receber, transmittir e deixar a vida como uma creatura de Deus a Deus destinada, ou como uma larva aperfeiçoada,

unicamente originaria das fermentações terrestres".

Assim, está mesmo em nossa magna carta a questão religiosa por excellencia, e só a covardia fará com que nós catholicos, maioria absoluta da nação, tenhamos pugnar pela reforma da nossa Constituição, quando não seja para que estatua a nosso favor este ou aquelle privilegio, pelo menos, para que não sejamos os mais combatidos pelo seu indifferentismo religioso.

Mas — escreve-me alguém, a quem devo toda consideração — se se quer como catholico, tomar attitude na política nacional, a primeira obrigação será bater-se pela criação de um partido catholico; só assim teremos orientação segura, saberemos quem merece o nosso apoio".

Em these, não estou longe de pensar como o meu distincto amigo; dou, porém, ao meu pensamento, um complemento de autoridade, que parece falta ao seu. O catholico se distingue no mundo, justamente porque, do ponto de vista religioso, reconhece autoridade, no sentido mais rigoroso da palavra. Os chefes da Egreja são os seus Bispos, e não nós pensadores, escriptores, jornalistas, políticos, por mais autoridade que nos dê a firmeza da nossa crença ou a illustração da nossa fé.

Ora, o Episcopado brasileiro, pelo menos, a sua maioria absoluta, jamais achou necessaria, dentro do periodo republicano, a criação de um partido catholico, nem mesmo

deixou ver que teria o seu apoio um movimento neste sentido.

E serão argumentos sem valor, mesmo de um ponto de vista puramente humano, aquelles com que contraria as aspirações de um ou outro dos mais exaltados, entre nós? Vejamos.

Dizem os nossos Bispos que o creador de um partido catholico, num paiz em que não existe partido anti-catholico, seria "*ipso facto*" o creador deste também.

Que responder a um argumento assim tão claro e agudo, que quasi que se nos impõe com força de evidencia?

Dizem elles que, ao catholico, o só rigoroso cumprimento dos seus deveres de estado, bastaria para que, no Brazil, tornasse impossivel qualquer politica de perseguição ás suas crenças.

De facto, a nós catholicos, se pôde dizer o mesmo que se deve dizer ao Exercito Nacional: não é preciso que se constitua em partido e use mesmo das armas que lhe foram confiadas, para que exerça papel importante na vida politica do paiz.

Se cada official cumprir rigorosamente o seu dever de soldado-cidadão, só apoiando os que julgue mais dignos de confiança, é logico que o Exercito se fará factor importante na selecção dos que nos venham a governar.

Dir-se-á, porém, que o individuo entregue, nesses dominios, exclusivamente á sua propria consciencia individual, será como uma negação do catholico, daquelle que em qualquer terreno, que se offereça á sua acti-

vidade, deve apresentar-se sempre como um homem que reconhece os benefícios da autoridade, do seu legitimo conselho, da sua mais segura orientação.

Mas que nos ensina o Catecismo, que ouvimos todos os dias dos nossos pastores? Que amemos Deus acima de todas as cousas — basta um tal mandamento para que saibamos que só nos merece confiança aquelle que é francamente amigo de Deus e da sua religião. Todo o nosso código de moral política está ahí resumido.

Só uma objecção ousaria contrapor, em theoria, á opinião geral dos nossos Bispos. Não haverá, de facto, organizado, no Brazil, o peor dos partidos contra a religião, o partido do indifferentismo religioso, que é como que o laço de união de todos os grupillios que corvejam sobre a nossa patria? A um tal scepticismo, não seria obra digna de catholicos oppor forças organizadas pela fé?

Eis o que deixo ficar sem resposta. Responda o meu distincto amigo como quizer. Lembre-se, entretanto, que o catholico é, como disse, o crente para quem a autoridade religiosa não é um vão fantasma, e que os Bispos, a que estamos confiados, devem conhecer melhor do que nós as necessidades da Egreja, não só pelas suas luzes naturaes, em relação mais directa com essas mesmas necessidades, como também pelas graças es-peciaes do seu estado, de conductores de povos, confirmados na fé apostolica.

DELIRIO AMARELLO

"Dans son vieux style encore a des graces nouvelles"...

Aos olhos da gente do Norte, dessa mesma gente a que o digníssimo e até dignerrimo sr. João Lage, pamphletario político luso-brazileiro, vem de negar character e todo merito, que não seja tocar violão, vae o sr. Nilo Pe-çanha reivindicando os seus titulos de pensador e mesmo de escriptor.

É a sua sociologia um pouco differente da do sr. João Lage. Ella é toda louvores aos homens que têm habitado aquellas regiões, desde o tempo de Salomão. Só numa coisa se harmonizam os dois sociologos: o sr. Nilo, como o sr. Lage, têm em horror o nacionalismo brazileiro. É o que nos dizem os telegrammas do Pará.

Não é que o sr. Nilo analyze os dados do nacionalismo, no que tem de doutrinario. Não. S. ex. limita-se a dizer que se trata de uma "neurose", equal á que, em toda parte,

foi consequencia da guerra, "neurose" que "*nos quer isolar nos nossos proprios desertos*", etc, etc.

Mas, s. ex. está positiva e duplamente enganado.

Não ha mais desertos neste paiz. Os que havia, já revolvidos pela "*grande figura de Rondon*" (reparem os catholicos), estão hoje povoados, todos povoados pelos melhores e mais notaveis positivistas do mundo, aquelles que, de um salto, passaram do estado fetichico ao formulado como ideal pelo saudosissimo A. Comte.

Também a peor "neurose" de que vamos soffrendo não é a do nacionalismo.

Uma notavel belleza litteraria de um dos discursos de s. ex. é aquelle "*delírio verde da Amazônia*", phase esta que o sr. Mendes Fradique certamente não esquecerá, no 2.º volume da sua grande "Historia do Brazil, pelo methodo confuso".

Pois bem: nesta questão de delirios, nós, de Norte a Sul, estamos a parecer um arco-iris... Quem sabe o que pensará o sr. Nilo do "delirio amarello", que a sua attitude politica vae provocando?

Ha uma coisa que honra positivamente s. ex. Dizem que s. ex. recusou qualquer negociação com o "chantagista", fabricante das suppostas cartas do sr. Arthur Bernardes.

Mas recusará s. ex. o seu apoio á imprensa que lança mão de methodos dessa ordem, que apadrinha infamias dessa natureza?

Esta é que é a delicada questão do momento .

O sr. Nilo que, de dentro das hostes maçônicas, aconselha a todos os catholicos que não perturbem com as suas convicções o impudente concubinato, em que vivemos, de credos os mais oppostos; o sr. Nilo que faz o elo«io de Pombal e da *alma brasileira do nosso clero*, ha de querer ainda casar a repulsa ao infame negociista com o louvor á imprensa, que a esse mesmo negociista acolheu.

Porque s. ex. não será capaz de dizer a taes jornaes esta dura verdade: vocês baixaram muito. Não dirá. E se disser, mas isto expressa e publicamente, merecerá os mais francos applausos do Brazil inteiro, excepto, já se vê, dos que agora lhe servem de braço forte, após lhe terem feito as mais repugnantes ameaças.

Esperemos.

O sr. Nilo deve saber que, candidato á mais alta magistratura da Republica, sobre s. ex. recaem as maiores responsabilidades da campanha presidencial, no momento em que s. ex. mesmo só vê com optimismo a nossa Magna Carta, mas está como que tomado de medo panico ante a geral desmoralização dos nossos costumes politicos.

Ora, o delirio amarello da imprensa não pôde, em bôa logica, ter o apoio de um homem que, não tendo o apoio da maioria dos politicos militantes, só através da imprensa poderá dar proveitosos exemplos do que

será a sua acção regeneradora, no ambiente politico nacional.

Porque s. ex., que tem promettido tanta coisa, ainda não prometteu todo o seu esforço, para que venha a ser lei o que todo o bom senso da nação já pede, em relação aos nossos desmandos jornalisticos? Comprehen-de perfeitamente o sr. Nilo que, no mundo moderno, mesmo neste Brazil, que s. ex. viu cheio de desertos, é da imprensa o papel preponderante no campo da doutrinação e das praticas politicas.

Á rapidez com que o conselho do jornal vae directamente á consciência da massa semi-inculta e incapaz de analyze, a diffusão da opinião de uns tantos indivíduos por milhares e milhares de homens, facilmente suggestionaveis, correspondem, naturalmente, os movimentos populares, em qualquer domínio da vida política. Está é a força da imprensa. Mas não vê o sr. Nilo que o abuso desta força vae reduzindo o paiz a não ter, propriamente, imprensa, o que equiivale dizer: a não ter opinião popular, a não ter o que s. ex. chamaria vida democratica?

Realmente, o que se vê é uma descrença geral, um nojo profundo por tudo quanto se escreve agora, no Brazil, sobre questões políticas .

Basta seguir, pelo resumo que faz *O Jornal*, o que vae sendo a actual campanha presidencial .

Os elogios são tão exaggerados quanto as descomposturas em ambos os candidatos. E o povo, a final, comprehenderá que é pura

mystificação o que se está fazendo, pois é quasi evidente, ao homem mais estúpido, a grosseria desses methodos, o rude cynismo, que é a alma desses processos.

Mas o sr. Nilo ha de concordar que, pelo menos, não cabe á chamada imprensa bernardista o primeiro lugar, na farandula agitada pelo delírio amarello do despudor, da falta de respeito, da insinceridade, mesmo da mais crua immoralidade.

Deve meditar o sr. Nilo sobre tudo isto. S. ex., mesmo tendo ao seu lado o sr. Edmundo Bittencourt, certo se tem como a primeira figura do nosso nihilismo... Que faz então em face de tantos desmandos? Porque não aconselha, não prega moderação aos seus doze pares?

Deixe-nos, a nós, catholicos, que nos guieemos pelos conselhos da Egreja.

Deixe-nos, a nós, nacionalistas, no goso dos nossos idéaes. Elles ainda não mataram ninguém.

Que nação já pediu indemnização ao Brazil?

Entretanto, bem vê o sr. Nilo que das duas uma: ou a imprensa, a que s. ex. está chefiando, acabará por aniquilar totalmente a opinião publica em nosso paiz ou forjará a Revolução, levará a nação ás mais negras desgraças.

E será a Revolução o que quer s. ex.? Grande, grande, grande alma de patriota!

EXERCITO E POLITICA

Em minha vida de escriptor, humilde, é bem verdade, penso que tenho dado sobejas provas do mais radical entusiasmo por tudo quanto diz respeito ao engrandecimento das nossas classes armadas.

Se é militarismo pugnar por esse engrandecimento, por um respeito mais vivo ás nossas tradições militares, por um mais effusivo amor ao nosso soldado — sou um militarista de convicção.

Uma cousa, porém, é amar o soldado — guarda da integridade nacional, exemplo de disciplina, amostra permanente da capacidade de organização, viva imagem da honra, do pundonor da sua patria — outra cousa amar, em alguns homens armados, a quem a nação confiou algumas armas, amar nesses homens, digo, o instincto de prepotencia, o gosto do mando, a tendencia ao arbitrario e ao des-presos da lei. Uma nação em que a ordem militar se sobrepõe á ordem civil é, politica-

mente, sempre foi, uma nação que está a morrer, uma patria de revoluções, uma fornalha de rancores e odiosidades, um scena-rio de negação — já não direito da desmo-ralizadissima Liberdade dos lemmas libe-raes — mas das liberdades por que todo homem consciente se deve bater.

Ora, justamente o que se tem louvado nos emprehendedores da ultima reunião do Club Militar são essas pessimas manifestações de espirito soldadesco mas não propriamente militar, e que todo o mundo suppunha já não eram mais possíveis da parte de um Exercito que tinha conseguido, desde Prudente de Moraes, com heroicos sacrificios das suas vaidades, consolidar o regimen republicano .

E realmente não ha espirito militar onde não estiver o espirito de ordem e disciplina, no seu maximo gráo de perfeição.

Entretanto, tudo leva a crer que ainda não passou a ser lettra morta a da nossa Constituição republicana, que ainda subsistem os tres poderes a que a nação delegou a direcção da sua vida política. Bem ou mal constituídos, o certo é que ha representantes desses poderes, que os cidadãos do Exercito como taes reconheceram, representantes que ainda não se demittiram das suas funcções, e o Exercito não é, que me conste, nenhum poder outro que possa pretender dirigir e vigiar aquelles a que todos os cidadãos, soldados ou não, têm o dever de respeitar.

Basta ao regimen a desgraça das Camaras deliberativas, que os povos civilizados.

mais tarde ou mais cedo, hão de pôr de lado, para conservar a própria civilização, depois talvez que todos elles experimentem o que são essas Câmaras no maximo do seu logico desenvolvimento, isto é, assembléas de operarios e soldados...

E nós onde já estamos?

Ninguém pode negar que o que se passa actualmente na capital da Republica é absolutamente anormal, e estamos, por assim dizer, num momento caracteristicamente revolucionario.

Não posso crer que o Exercito tenha consciencia do mal que está fazendo ao paiz, mas não ha disfarçar com a declaração de que os militares, ultimamente reunidos, nada mais queriam que um simples exame pericial de um carta attribuida a um dado político, e recheiada de pesados insultos ás classes armadas.

Não ha quem ignore, e os militares não são mais ingênuos que o resto da nossa gente, não ha quem ignore que a accusação ao sr. Arthur Bernardes nasceu da paixão politica, da vergonhosa exploração, puramente politica, e da peor politica que se vem fazendo após a proclamação da Republica.

E o que ha a perguntar é o seguinte: que pode legalmente fazer o Exercito após o exame pericial daquelle ignobil documento?

No próprio seio das classes armadas não faltou a voz do bom senso, que soube dizer com clareza que, no caso de ser verdadeiro tal documento (de character intimo e, ainda mais, roubado) dada a retratação de seu au-

tor — só uma attitude seria digna de um Exercito não commandado pelo "Correio da Manhã", e que não quizesse ultrapassar os seus direitos, em face da nação, que o organizou: a de esperar calmamente o que a mesma nação decidisse nas urnas, que este é, infelizmente, digo eu, o meio legal, único, de manifestar-se a vontade da nação, de conformidade com a sua Magna Carta, em cuja apressada elaboração têm os militares muitas responsabilidades.

Digam o que quizerem dizer os que julgam proveitoso, o abuso da força, mas a verdade é que, dentro da lei, respeitada a Constituição, mesmo se o sr. Bernardes fosse o autor de carta tão incrivelmente impolitica, insensata e sobretudo imbecil — mesmo que fosse o autor daquelle mal feito e reles attes-tado de maldade humana — se a nação o elegeisse seu Presidente, se as forças politicas o elevassem á mais alta magistratura do paiz, o Exercito nada mais tinha a fazer que acatallhe a posse, porque o Exercito é órgão da nação e não a nação mesma, será o braço armado do paiz mas não a sua cabeça, e não lhe cabe, de modo algum, dirigir quem, de direito, o dirige. É mandatario e não mandante, é força que faz respeitada a lei mas não a lei mesma, e só é força útil e louvável emquanto a lei fôr como que o seu espirito, a força da sua força.

Tudo o mais é sophisma, é volta ao periodo anormal da consolidação da Republica, é desmoralização do Brazil, bem maior do que seria a elevação á Presidencia do homem mais

perfido e mais ruim do mundo, pois um homem é cousa que passa, mas o Exercito é força viva da nação, que não pode passar nunca, e em cujo seio um germen de desordem pode ter consequencias as mais funestas.

Reunido o Club Militar para decidir a questão da carta (que é, no fundo, a questão das candidaturas, como de todos os modos diz a imprensa do sr. Nilo) pró ou contra o sr. Bernardes, a verdade é que estavam aquelles que ali representavam o Exercito fora, absolutamente fora, das suas attribuições.

A demais uma cousa têm esquecido os que vivem a proclamar que o povo brasileiro é solidário com esta miseravel campanha de diffamação pessoal, que não desmoraliza o candidato da Convenção (como parece que não desmoralizou o sr. Nilo) mas sim toda a politica nacional; e o que está esquecido é que o Rio de Janeiro não é todo o Brazil. "Le genre humain estil donc tout entier dans les capitales? — já perguntava José de Maistre, justamente na sua obra magistral sobre a soberania .

Quando o Exercito fez a Republica com um simples movimento de revolta nos quartéis do Rio de Janeiro, só o fez porque, erradamente ou não, era a Republica aspiração de todo o Brazil desde 1817, pelo menos. Qualquer imposição sua neste momento, teria consequencias muito differentes e a lição do governo Hermes, tão miseravelmente calumniado pelos mesmos órgãos que hoje caluniam o sr, Bernardes, não devera ser nunca

mais esquecida pelos que amam deveras a farda brasileira.

O que assombra no meio de tudo o que se vem passando é a passividade real do sr. Eptacio, é a sua não menos real paixão da espectacularidade... Forças, todas as horas, a attrair, no centro da cidade, a curiosidade dos desoccupados, e a desordem campeando como se taes forças fossem de papelão.

Chega a parecer que o sr. Eptacio neste momento da nossa vida política, é a unica esphinge que ha a decifrar...

Deus o proteja.

EGREJA E POLITICA

I

Está muita gente, entre os catholicos, que realmente são catholicos, mergulhada em espanto e como que assombrada diante da folha de serviços prestados pelo sr. Nilo Peçanha á Egreja catholica, no Brazil, folha esta agora publicada sob a responsabilidade do exmo. revmo. sr. D. Abbade de S. Bento, para confusão, como diz "O Imparcial", dos que exploram os sentimentos religiosos do nosso povo, em prol do sr. Arthur Bernardes.

Não sei porque o espanto, não vejo de que assombrar-se... S. ex. revma. o sr. D. Abbade não é exemplo unico em nossa vida, dessa singularissima e admirabilissima posse de boa saúde chrislã, á sombra protectora dos grandes liberaes que, em nome da Maçonaria, tem feito mais altos, mais formosos e mais convidativos os muros da cidade anti-christã no mundo moderno, tão

bem estudada já por D. Paul Benoit e tantos outros.

O abbade illustre sabe perfeitamente que juizo faria um D. Felix Sarda y Salvany, por exemplo, desse amor assim contessado, em confissão em que abundam tantas provas de sacrificio de ambos os lados: o sr. abbade curvando, humilde, a cabeça sacerdotal ante o poderoso tripingado, e este, esmagando o seu ardente liberalismo, a amparar, a ajudar o filho de um paiz cujas instituições politicas eram até então tão pouco democraticas, o chefe de uma casa da Igreja, em que, justamente, quasi não se fez ainda concessão ao equalitarismo revolucionario... Commoedor e edificante!

Mas até ahi creia a imprensa do sr. Nilo Peçanha e creiam os crentes espantadiços que á Igreja catholica pouco interessam essas coisas.

Do sabor um pouco acre que deve ter a amizade de um frade, quasi príncipe e ainda por cima allemão, com s. ex. o sr. Nilo Peçanha, liberal vermelhão nestes brazis, e membro da Maçonaria Universal, nada se deve dizer, senão que a historia se tem repetido e se repete, no Brazil, daquelle engano de alma ledó e cego, que a fortuna não deixou durar muito nas plagas européas.

Á imprensa do sr. Nilo cabe tirar disto bom proveito. A nós, catholicos brazileiros, não obrigados a obedecer ao sr. Abbade, o caso pouco interessa. Pôde deixar-nos na alma um pouco de tristeza, mas só isto...

Uma cousa unica vale para nós neste

momento, e já se vê que não me refiro somente aos catholicos do Rio de Janeiro, mas aos catholicos de todo o paiz: a palavra dos nossos Bispos, quando ella directamente se faz ouvir.

Já sabemos que grande numero delles falou alto e bem claro sobre a attitude que devemos ter no pleito a cujas peripecias vamos assistindo. Mas ha Bispados em que os que governam se têm conservado silenciosos, como alheios á luta. Estarão por isso, os subditos desses Bispos, entregues a si mesmo, desorientados, divididos nas suas opiniões? Estarão se o quizerem, se quizerem esquecer que, além das obrigações directamente determinadas para com a Igreja, mil outras existem, que é mister cumprir também, e decorrentes daquellas, pela lógica mesma das relações entre os princípios que nos regem. E nem é precio a cada passo esteja um Bispo a relembrar deveres que a Igreja já tem cem vezes esclarecido. O catholico que hoje os esquece é porque os quer esquecer e não porque ignore o que lhe ordena a Igreja pela palavra dos seus Chefes Supremos, em múltiplas occasiões dirigida a todos os povos. De 1738 aos nossos dias, por exemplo, a Maçonaria tem sido absolutamente condemnada na sua existência e nos seus processos pelos Pontifices Romanos a quem, tanto nós, crentes humüimos, como todos os abbades e até Bispos, devemos obediência e acatamento.

"Evite cada um ter laços de amizade e de familiaridade com pessoas suspeitas de

pertencerem á Maçonaria ou a sociedades que lhe são af filiadas."

São palavras do Santo Padre Leão XIII, resumindo, por assim dizer, o que já haviam dito os seus antecessores. Leão XIII é uma das maiores glorias da Igreja visível e militante; se ha exaggero ou erro nestas palavras, não sei que a Igreja universal ja os tenha condemnado. E não ha sophisma, venha elle de quem vier, de grande ou de pequeno, de um simples saeristão da roça ou da aristocrática figura de um abbade benedi-ctino, que possa merecer mais fé, a um verdadeiro catholico, que o que tem por defensor o vulto daquelle grande Papa, que não pode, de modo algum, ser accusado de perturbador da paz universal. Pois nem elle temeu condemnar com tanto rigor a seita poderosa, que se allia, na pessoa do sr. Nilo Peçanha, ao amor da grande e immortal Ordem Benedictina.

Os catholicos em geral nada têm que ver com os erros individuaes neste dominio, tão agitado agora, da políctia nacional.

Pouco importa que a apagada figura do sr. Conego Galrão vibre de tempos para cá, semi-jupiter de apartes grotescos, em defesa, não do sr. Seabra, mas do sr. Nilo Peçanha e da sua politica revolucionaria. Pouco importa que catholicos de reconhecido mérito estejam militando na mesma confraria em que brilham tão conhecidos inimigos da Igreja.

Só os srs. Bispos teriam o direito de condemnal-os ou, pelo menos, esclarecel-os

publicamente. Nós, os que ainda resistimos aos sophismas da politicagem que tudo quer confundir, só temos que zelar por nós mesmos e não esquecer nunca, mesmo deante dos exemplos mais desnorteadores, que, acima das opiniões individuaes, acima de todos os indivíduos, estejam onde estiverem em altura, na hierarchia catholica, está a palavra da Santa Sé, está a sabedoria dos Pontifices Romanos.

Quem não está com a Egreja está contra a Egreja. Esta é que é a verdade e tudo o mais é puro, puríssimo sophisma, e já muitas vezes despedaçado pela logica dos factos.

II

O meu ultimo artigo, aqui publicado, sob o mesmo titulo, que encima estas linhas, provocou reacção da parte de pessoas que não me merecem a menor consideração, mas também de gente que tudo me leva a crer bem intencionada.

Desta ultima espécie parece ser o articulista, que veiu ao meu encontro pelas co-lumnas das "Publicações especiaes", do "Correio da Manhã". Não conheço o meu critico e até bem pode ser que não seja o seu próprio nome aquelle com que apparece. Não importa. Vê-se que é de pessoa educada e, até creto ponto, fala como quem conhece, pelo menos de ouvir dizer, o delicado assum-pto por mim abordado. Devo-lhe, por isto, algumas palavras, e são as seguintes:

O articulista dá-me a impressão de só ter lido, dos artigos que venho publicando sobre a questão politica, aquelle mesmo que provocou a sua critica. Se lhe tivessem, os outros, merecido a mesma attenção, não me

aconselharia a declarar-me francamente bernardista.

Da minha humildade já fiz dez vezes esta declaração. Sou bernardista, e ha de ver o meu delicado conselheiro que o serei até o fim, ou melhor, até o dia em que parta do proprio sr. Bernardes o acto de covardia de ceder ante a imposição dos que, com as armas na mão, armas que a nação confiou para fins muito outros, se arvoraram em juizes, não delle, do sr. Arthur Bernardes, mas da nossa cidadania. E posso garantir-lhe também que, derrotado ou não, o sr. Bernardes, o que será impossivel é apontar-me entre os que applaudirão a victoria do sr. Nilo Peçanha, cujas "vigilias civicas", já conseguiram arrastar a nossa patria a um período francamente revolucionario.

Também não vejo porque não o esclareça quanto aos motivos do meu declarado bernardismo.

Eil-os:

1.º O sr. Bernardes representa, politicamente, neste momento, as forças conservadoras da nação. Nellas ainda existirá pelo menos um pouco de bom senso;

2.º o seu nome foi apresentado por uma assembléa de character tal que a mim, pouco crente, aliás, nos chamados processos democraticos, em geral, se me afigura um criterioso meio politico capaz de supprir as falhas da nossa própria organização democratica;

3.º não conheço um só acto da vida do sr. Bernardes que mereça condemnação de homem realmente amante do paiz e cuja pai-

xão política não se tenha exaltado até á loucura.

O caso da imbecillissima carta que se lhe attribue, não vale a pena nem discutir. Deshonra, não o presidente de Minas, mas a nação em que elle poude ser mesmo "um caso", e produzir o que vae produzindo;

4.º a minha antipathia aos conhecidos processos do sr. Nilo Peçanha, ao seu ora ridiculo, ora perigoso pernosticismo de esphyngue que quase não conhece o silencio, e, de desertos, só conhece os da própria intelligencia, no que diz respeito a uiua cultura, não já direi superior, mas pelo menos merecedora da mais longinqua attenção, da parte de quem não se sinta ainda hoje com desejo de escravizar-se aos miseráveis chavões do liberalismo de feira, com que já se tem feito tanto mal ao Brazil.

Como vê, não lanço mão das opiniões do "Correio da manhã", de alguns annos atraz, para maltratar o sr. Nilo. Longe de mim chamal-o de ladrão, moleque e outras coisas taes, que me repugnam hoje, como repugnavam á minha adolescência, no tempo em que as li na mesma folha, que é agora a empresaria do senador fluminense.

Como vê também o meu gentil oppositor não falei, até aqui, das relações da campanha política com. a consciencia religiosa do paiz. Entretanto devo mais uma vez declarar que, se o sr. Bernardes não fosse um catholico, pouco entusiasmo teria de minha parte, e que, se o sr. Nilo Peçanha não fosse conhecido membro da Maçonaria, seria para mim

um dos muitos grandes politiquieiros do Brazil, com direito de ser ou não ser presidente, como entendesse. Desde, porém, que, justamente, a um catholico, se contrapõe um sectario de seita absolutamente condemnada pela Igreja, nada mais faço que cumprir o meu dever de catholico, dando o meu apoio, mesquinho embora, a quem confessa o mesmo credo que confesso, o que logicamente me leva a combater quem o combate.

Não se assuste quem tanto parece estimar a minha humilde labuta infellectual: não pretendo explorar as minas de Morro Velho nem negociar a rede Sul-Mineira.

Victorioso o sr. Bernardes, lembrar-se-á tanto de mim, certamente, como da maioria absoluta dos seus actuaes inimigos. Se eu pretender alguma coisa, terei que lhe pedir, supplicar — o que, pobre como sou, não posso, em consciência, dizer que não o farei nunca, dado que dos nossos Césares quatriennaes tudo depende — ás vezes até o pão do rico, quanto mais o do pobre. . . E então, depois do exemplo do sr. Epitacio! Santo Deus! Mas — comprehende o meu critico — pedir por pedir eu também poderia alistar-me entre os que pedirão amanhã ao sr. Nilo, no caso de ser este o victorioso. E por que havia de tanger-me o sr. Nilo? Não sou eu um bacharel como os outros?

No que se engana totalmente o articulita, ou busca enganar-se, é quanto á altitude que devem ter os catholicos nas questões politicas em nosso paiz. Bem sei que a Igreja não me delegou poderes para discutil-a.

Também, até hoje, não m'os negou. E é quanto me basta. Não viso matéria nem de dogma nem de fé, e uso assim de toda a liberdade, que pôde ter um catholico. E se quizes-emos aprofundar a questão, veria o meu impugnador que as autoridades ecclesiasticas, se quizessem tomar partido, só poderiam ficar do lado em que estou.

Nós, os catholicos, condemnamos em the-se a separação da Igreja e Estado. Acei-tamol-a como facto imposto pela violência e, como temos obrigação de respeitar as leis e autoridades constituídas, é dentro da mais radical e absoluta legalidade que pugnamos pelos nossos direitos, que são, no caso, os direitos mesmos da nação. A torpe indiferença religiosa (?) adoptada pelo Estado não implica que sejamos também indifferentes, em relação a questões vitaes para a nossa fé, como essa, por exemplo, da elevação de um sectário de seita reconhecidamente hostile á Igreja, maximé quando podemos, de accordo mesmo com a letra expressa da lei, resolvel-as em nosso favor. Temos as mesmas armas que têm os nossos inimigos; não os atacamos de emboscada.

Então o que o catholico pôde fazer nos Estados Unidos e na Allemanha, paizes de maioria protestante, não o pôde fazer no Brazil? Por que? Se somos a maioria absoluta da nação, e esta é realmente uma democracia, não se nos pode negar o direito de, dentro da lei, protegidos pela Constituição em vigor, impor a nossa vontade á política nacional, fazer que

o Estado seja christão como somos, nós, a quase totalidade dos seus membros.

Eis ahi o interesse, não pequeno, que tem animado tudo quanto tenho escripto sobre o momento politico.

Como catholico, que já se fez eleitor, sem por de lado a sua dignidade de crente, tenho lembrado aos meus irmãos de crenças que este é o momento mesmo em que devemos demonstrar, pela primeira vez, que também vivemos e somos integralmente catholicos, na vida publica como na vida privada.

Pugnar pela formação de um partido catholico, que foi possivel até na Hollanda, até na Allemanha, pugnar pela definição, ao menos, de uma consciência politica entre os catholicos brasileiros, eis o meu objectivo — irrealizavel, dir-se-á, pelos obstáculos que se lhe oppõem, mas nunca por illogico ou absurdo, dentro dos moldes democraticos adoptados pelo Brazil.

Também se engana o articulista quando me aponta como caso isolado nesta corrente de idéas, do ponto de vista da acção. Ou não terá tido noticias das publicas manifestações de tantos Bispos brasileiros, nesta questão de candidaturas? Todas foram em favor do sr. Bernardes... e não sei de uma só em favor do sr. Nilo, nem mesmo declaração de formal Heutralidade entre os dois candidatos.

Ora, prefiro errar com os Bispos que falaram. Prefiro errar com elles a doirar-me com os brilhos do sr. conego Galrão ou do frade estrangeiro, que tanto se honra da amizade e protecção do sr. Nilo.

E sobre o conego Galvão... Quando o chamei de figura apagada, queria referir-me ao seu papel como membro da Igreja. Sei que s. ex. é um habil politico, entre os de segunda ordem, e sei quanto vale o adjectivo "habil" nos dias que correm.

O que posso garantir é que não ha habilidade que os tire, a elle e aos demais catholicos que lutam ao seu lado, da situação de constrangimento em que estão, apoiando um sectário da Maçonaria. Porque desafio a qualquer delles que me mostre palavra autorizada declarando letra morta o que, a respeito desta seita, têm dito os Chefes Supremos da Igreja de 1738 aos dias de Leão XIII, pelo menos...

PERIGOSA CEGUEIRA

O QUE admira é haver quem sincera, convictamente, ainda fale de "dolorosa, apavorante expectativa". E porque? Porque da decisão do Club Militar pôde resultar até a revolução... Até a revolução! Isto é que é assombroso, o conceito de revolução que implicitamente se contém na revelação desse temor... Como se revolução fosse somente o tiroteio nas ruas ou mesmo uma simples passeata militar, do seio dos quartéis ao pedestal do poder publico constituido! Não, a revolução tem outros, muitos outros aspectos, só aparentemente menos violentos, e é em plena revolução que nós estamos.

Quando, numa dada sociedade, todos sentem que o seu destino está entregue ás decisões da força e não da autoridade, quando ao respeito da lei se substitue a expectativa do que decidirá a espada, a revolução já é um

facto, a revolução não está por fazer-se; vae, pelo contrario, á medida que demora a explosão da sua natural brutalidade, fazendo-se mais forte, mais profunda, creando raizes mais resistentes, tornando-se, por conseguinte, mais difficil de ser dominada.

Não ha, assim, nenhuma dolorosa expectativa para o Brazil republicano. Ha a revolução actual, bem patente, bem senhora de si, cavando fundo a ruina de um estado social que parecia ir conseguindo solidificar-se, apesar de todas as falhas e absurdos, resultantes do insensato apriorismo dos seus creadores. A illusão do optimista, o sophisma dos que buscam vantagens na confusão mesma que estabelecem, não podem enganar nenhuma consciencia, que seja realmente uma consciencia, e não uma simples registradora de palavrões desse bastardo liberalismo, que tem sido a nossa desgraça.

Pouco importa saber, em verdade, o que decidirá o Club Militar, em favor ou contra o sr. Arthur Bernardes.

Favorável ou desfavoravel ao candidato da Convenção, o certo é que a sentença dessa aggremação de militares será a confirmação de que estamos em pleno periodo revolucionario, uma prova somente mais positiva da-soiução de continuidade que vem de se revelar na vida politica constitucional do Brazil.

E será mesmo a máxima vergonha da nossa historia se, mais uma vez, tivermos o espectaculo de uma revolução victoriosa, sem que haja resistencia da parte daquelles que

representam a lei, como se o espirito de autoridade fosse, de facto, uma coisa inteiramente infensa á consciencia nacional.

É neste ponto que o sr. Epitacio Pessoa se afigura a muita gente, a mim proprio, como um homem providencial, neste momento, pois tudo em sua vida, até hoje, faz crer que se não deixará dominar com facilidade pelas ameaças de um caudilhismo de nova especie, isto é, um caudilhismo em que não ha um só chefe ostensivo, merecedor, pelo menos, dessa admiração que o povo, ás vezes, dedica inconscientemente aos que personificam os seus rudes insinctos de desordem e destruição. E é de crer que, se até agora não reagiu com mais vigor o chefe do Executivo, é somente porque também s. ex. tem da revolução o mesmo conceito, que vimos de combater. Ou talvez apraz ás suas vaidades de homem destemido... brincar com fogo, o que é para lastimar sinceramente.

Analise com frieza o sr. Epitacio — se é que lhe é possivel — os principaes aspectos da questão politica desta hora, e veja se pôde baixar mais um povo, do ponto de vista da sua cidadania.

De um lado, temos um grupo de homens armados pela reacção, e que se julga no direito de sobrepor a sua dignidade á dignidade da nação mesma, da nação que, a não ser dominada pela força, não poderá nunca reconhecer, em tal agrupamento, nenhuma característica dos três poderes, que constituiu para seu governo e execução da sua vontade; do outro lado, um homem, a quem as forças po-

líticas organizadas do paiz deram o direito de candidatar-se, ante o povo, á suprema magistratura, e que, no emtanto, a desorientação ou a covardia dos seus mais responsaveis defensores politicos sujeitou ao julgamento desse mesmo tribunal, creado pelo arbítrio e a ambição, antes ameaçador que cumpridor das leis que legitimamente nos governam.

A que está reduzido o bom senso da nossa collectividade?

A que se reduz a dignidade dos que mais directamente representam a força das nossas leis?

A que está, sobretudo, reduzido o respeito da autoridade, não só o respeito que se deve ter á autoridade, mas o que esta deve a si propria?

Que é que nos resta vêr na sociedade brasileira, se já vimos posta em duvida, não só a palavra dos seus mais eminentes representantes políticos, mas até a do proprio Presidente da Republica, numa questão em que toda duvida só se pôde basear na palavra de um malandrim ás voltas com a policia?

Se tudo isto não constitue prova bastante de que estamos atravessando um momento caracteristicamente revolucionário, então escapa o Brazil ao quadro histórico de todas as nações do mundo civilizado, porque não ha aqui noção mesmo do que seja ordem social, nem se pôde definir o que chamamos autoridade.

Estará este grande povo, quanto á sua consciencia politica, em plano mais ou menos

elevado que aquelle sobre que se desenvolveu a dos demais povos occidentaes, talvez mesmo numa dessas camadas de espaço, de que só os theosophistas têm conhecimento...

12—18—921.

RELIGIÃO E POLITICA

SEX., o deputado, conego Galvão, fez ha dias um discurso que é, do ponto de vista do mais sentimental liberalismo, um primor, uma "coisa feita", tão bem feita que seria capaz de levar clero e povo catholicos a apoiarem a candidatura do sr. Nilo Peçanha, se não tivesse o deputado illustre esquecido de analysar a personalidade desse mesmo sr. Nilo, também do ponto de vista religioso, que mais interessa até áquelles que realmente crêem que jamais esqueceu s. ex., no recinto da Câmara, que é um sacerdote da Egreja catholica.

Verá s. ex. que, dado o tom de magua de que se revestiu a replica aos seus accusadores, não serei eu quem concorra ainda para que se faça mais pesada a atmospha de ridiculo, que envolve a sua figura sacerdotal, desde que se fez paladino, não do sr. Seabra, repito, mas do sr. Nilo, isto é, de um dos chefes ostensivos da Maçonaria no Brazil.

Deixemos de lado a medição dos seus talentos e sobretudo da sua acção propriamente sacerdotal na sua tão amada Bahia.

Fiquemos no terreno politico, vejamos se ha razão de duvidar da constância da sua recordação de que é um sacerdote catholico nesse recinto em que não admitte o "V. Revma."; discutamos a serio a coherencia das suas attitudes.

Citemos algumas palavras de sua ex. mesmo:

"Nunca me esqueci neste recinto que era o sacerdote que as minhas vestes indicam. Nunca a minha palavra esteve prisioneira de conveniencias, nem a minha acção paralysada, quando qualquer deltas, no Congresso Nacional, na Assembléa bahiana ou em, arena outra de combate, se fez precisa, fossem quaes fossem os lutadores que tivessem de enfretar, na defensão dos direitos da Egreja e da sociedade."

Ora, tudo isto é muito bonito, ou melhor, foi muito bonito, porque quero crer que s. ex. tenha, de facto, prestado grandes e relevantes serviços á Egreja, mas a verdade é que bem pouco se harmonizam os seus gestos, as suas palavras, neste momento da nossa vida politica, com esses outros de que tão justamente se póde orgulhar.

O sr. conego Galvão não é, não pôde ser, tem o dever de não ser, em relação á cultura catholica, uma nullidade como o sr. Nilo Peçanha, por exemplo.

Agora, pergunto eu a s. ex.: condemna ou não condemna, a Egreja catholica, todo

aquelle que faz parte da Maçonaria, todo aquelle que, conscientemente, dá mão forte aos seus propósitos de dominar a sociedade? E por acaso ignora s. ex. que o sr. Nilo Peçanha é um dos mais prestigiosos e conhecidos membros da seita maçônica em terras brasileiras? Não lê s. ex. os jornaes, "O Imparcial", ao menos? Pois nos últimos trinta numeros desse orgão do nilismo poderia s. ex. fazer farta colheita de exemplos de má fé ou de ignorancia em relação á Igreja.

De dois ou três padres estrangeiros, e certamente infelizes, têm conseguido amigos do dr. Nilo que celebrem missas em acção de graças por este ou aquelle acto do chefe tri-pingado. "O Imparcial" noticia essas coisas em letras garrafaes. Vejam os catholicos! O sr. Nilo não sae das igrejas.. .

O peor é que sae, e é o proprio "Imparcial" quem se encarrega de contar, um dia após, que o grande chefe da dissidência, se ouviu missa pela manhã, commungou, á noite, ao lado do veneravel de uma loja qualquer, os ideaes da seita a que a Igreja, pela palavra dos seus Papas e dos seus Bispos, costuma chamar de Synagoga de Satan.

S. ex., o sr. conego Galvão será capaz de negar o que venho de dizer? Não creio. Ha de ter lido o discurso que fez o sr. Evaristo de Moraes numa dessas festas maçônicas em honra do sr. Nilo, e a resposta deste aquelle poderoso scenographo de macabras innocencias. Não me darei ao trabalho de analysar o que disseram... O sr. Nilo, coitado, pôde ser perigoso como homem de acção. Gomo

orador, ou falador, se quizerem, completa é Carlitos na scena muda: sabe levar genialmente o ridiculo até á tristeza. O sr. Evaristo, forte intelligencia de verdade e sabedor de tanta coisa, tem o direito de ignorar algumas, e a sua lastimavel ignorancia da historia da Igreja, envenenada pelo sectarismo maçõnico, deixa ver somente quão grande poderia ser o crime dos catholicos que apoiassem taes sectários na ordem politica brasileira.

Por que o sr. conego Galrão não tocou neste assumpto? Ou lhe é indifferente que o sr. Nilo seja ou não um festejado das Lojas? Eis o que desejamos saber, nós, os que ainda estimamos no sr. conego as vestes do sacerdócio catholico.

Porque chega a parecer que, desta vez, pelo menos, s. ex. tem cuidado mais das suas conveniências pessoaes que da propria integridade sacerdotal, que da obediência que deve aos santos conselhos da Igreja. É isto o que entristece.

E ha mais para pôr na carta. ..

Quando, em que tempo, já viu s. ex. um verdadeiro sacerdote catholico ficar ao lado dos que pregam o "custe o que custar" em relação á posse do poder? S. ex. sabe melhor do que eu qual a doutrina da Igreja sobre as revoluções, em particular, e a Revolução, em geral .Ora, ousará negar s.ex. que está ligado, neste momento, a uma corrente politica caracteristica, declaradamente revolucionaria?

De que lado estão os que têm procurado subverter a ordem constitucional, de que lado estão os que têm levado até ao seio das clas-

ses armadas o veneno da indisciplina e da revolta? Do lado do sr. Arthur Bernardes ou do lado do sr. Nilo Peçanha? Do lado dos ca-tholicos que tem em horror a Maçonaria ou daquelles que, directa ou indirectamente, a apoiam?

E então, que faz a palavra de quem nunca esteve prisioneiro de conveniencias? Defende os mestres de indisciplina e de desordem... É ou não é verdade?

Responda s. ex. Responda, mas não deixe de meditar estas palavras do padre Vieira, que eu tenho meditado algumas vezes, deante dos tristes acontecimentos da hora presente: "... a nação inteira arriscada a uma extrema ruína, que se não fora pelas orações de alguns justos, já estivera acabada; mas não estão ainda acabados de castigos. E sobre iquem carrega o peso de todas estas consequencias? Sobre aquelles que fazem e que sustentam os autores e causadores dellas: "Ego feci", "Ego feram". Vós o fizestes, vós o pagareis. E que com esta carga ás costas andem tão leves, como andam! Que lhes não pese este peso na consciencia! Que os não morda este escrupulo na alma! Que os não inquiete, que os não assombre, que os não traga fora ide |si esta conta que hão-de dar a Deus! E que sejam christãos! E que se confessem! Mas não condemno nem louvo: admiro-me com as turbas: Et admiratoe sunt durbae."

A quem não está á altura de Vieira a indignação quasi que não é peccado...

APPUCAÇÕES DE JOSÉ DE MAISTRE...

"Qu'arrivera-t-il de tout cela? je n'en sais rien. La sottise et la scéléra-tesse humaine sont deux immenses aveugles dont Mme. la Providence se sert pour arriver á ses fins, comme l'artiste se sert d'un outil pour exécuter ses ouvrages. La lime sait-elle qu'elle fait une clef?"

EMBALDE os verdadeiros amigos do Exercito só podem ser os que nelle amem cito — e verdadeiros amigos do Exer-o espirito de ordem e disciplina de que e capaz a nação — embalde os verdadeiros amigos do Exercito buscaram prevenir os directores da campanha politica, de que foi scenario o Club Militar, contra o ridiculo a que estavam arrastando o mesmo Exercito, nesta questão das candidaturas.

Porque só a má fé ou a mais lastimavel ingenuidade poderia negar que, com arvorar-

se em tribunal da consciencia publica brasileira, o Club Militar nada mais fazia que collocar as classes armadas entre as pontas agudas de um perigoso dilemma: logicamente, ellas se declarariam francamente pela revolução (como revolucionaria já era a doutrina dominante na maioria dos seus membros), ou passariam do entusiasmo partidario ao mais franco ridiculo — que foi, afinal de contas, o que succedeu... para felicidade geral da nação e mal disfarçado rancor dos que, não podendo ser mais o que chamava Carlyle de doutores em guilhotina, são agora, entre nós, systematizadores de desmoralização e apóstolos de anarchia.

Mas é que Deus escreve certo por linhas tortas, e o Brazil tinha que passar pelas torturas e sustos da administração do sr. Epitacio Pessoa para conhecer, nesse mesmo sr. Epitacio, a figura do seu mais legitimo e completo homem de Estado.

Quero dizer com isto o seguinte: deixou de ser argumento de valor contra essa mesma administração do sr. Epitacio Pessoa esse ou aquelle facto condemnavel, que nella foi possivel verificar-se, desde que, vista de conjunto, a sua acção governamental veio representar neste momento, a salvação mesma da ordem politica e social, em nossa pátria, o que quer dizer que representa, até mesmo do ponto de vista economico, a segurança do nosso credito, a segurança da fortuna publica, que já não ficará entregue aos azares da revolução.

Teve esta feição sympathica a agitação

militarista: provar, não só a superficialidade do espirito caudilhesco, em nossa vida presente, como também o quanto vale á nação a certeza de que tem á sua frente um homem de reconhecida energia, não sujeito a fáceis traumatismos moraes.

Esta é a verdade: o sr. Edmundo, o sr. Borges, o sr. Nilo devem, a esta hora, odiar deveras o sr. Eпитacio, não porque vejam nelle um braço forte da candidatura Bernardes, mas porque a sua destemerosa consciência do que é ser autoridade vae sendo o maior desmentido ás illusões dos que suppõem que o Brazil ha de ser eterno e pingue pasto aos que impudicamente rebaixam a audácia politica ao fogo de vista das ameaças e á marcha forçada dos batalhões de injurias e calumnias de todos os matizes.

Mas "está em máos lenções a inveja quando se vê reduzida a combater num homem o orgulho de fazer o bem"...

O caso é que o "sumpius Enéas", não pode ser mais ridicularizado na bocca do sr. Eпитacio, e a elle se ajustam perfeitamente as memoráveis palavras de José de Maistre, em 1784, no Senado da Saboia: "Quando se trata de captivar a confiança publica, a regra que vale todas é ir sempre além das nossas obrigações ... Quem discute os seus proprios deveres, não está longe, de os violar. E não estamos, talvez, seguros das nossas virtudes senão quando lhes podemos dar algo de exaltação, que as approxima da grandeza".

É certo que, como dizia Malebranche, "os apaixonados apaixonam", mas não será só

contagiosa a paixão maléfica e destruidora. Seria horrível verificar-se que "a energia se fez propriedade exclusiva dos mãos".

No Brazil destes agourentos dias que correm, o sr. Eпитacio está provando que è impossivel uma tal verificação.

De esphinge, que a mim próprio me pareceu, s. ex. está mostrando que é, pelo contrario, um excellente domador de esphinges animadas, pisando firme, como está, no mesmo chão em que ellas escondiam as sujas garras de rebeldia.

E não só o sr. Eпитacio; o proprio sr. Arthur Bernardes acaba de demonstrar, mais uma vez, que se harmonisam bem, na sua consciencia, a confiança na dignidade alheia e a enérgica repulsa ás ameaças ultrajantes, não só da sua honra, como da honra da nação, a mais ultrajada mesmo, pois foi ella quem, pela maioria dos representantes da sua soberania, o apontou como digno da sua suprema magistratura. E é, de facto, para comparar-se a firmeza, a segurança do seu manifesto á nação, ultrajada mas não vencida, com o escabujamento epiléptico do sr. Frontin, logo após a moxinifada do Club Militar.

Isto significa que o sr. Bernardes também não é sujeito a traumatismos moraes. É dos que não crêem que o diabo seja tão feio como se pinta e, com o apoio das forças poli-ticas organizadas do paiz, vae, desde já, tendo occasião de desilludir os empresarios "rates" desse bolchevismo vestido a 89, que está fazendo jús a uma vitrine de segunda ordem na Exposição do nosso Centenário.

Não fosse como uma lei da historia — e ainda aqui a palavra é de José de Maistre — que só as convulsões politicas têm o poder de crear homens dignos de governo e de mando!

REVISÃO OU REVOLUÇÃO?

MAIS uma vez, ante as scenas deprimentes de que foi victima a nossa capital, logo á chegada do sr. Seabra, fui levado á leitura das fortes, das admiráveis paginas de um opusculo ultimamente publicado pelo padre Camillo Torrend, francez, da Companhia de Jesus, que as leu em conferência no Centro Catholico Bahiano, em agosto do anno passado.

São ellas considerações da maior actuali-de acerca do dilemina do conselheiro Ruy Barbosa: REVISÃO OU CONSTITUIÇÃO, e a analyse directa do que foi e é o Brazil em relação ao que foi e é a França.

Infelizmente, acompanhando o escriptor, tnal se refere a essa França de após a guerra, logo se verifica que, se a velha França, meio apodrecida desde que as doutrinas individualistas do Protestantismo, de origem germanica a levaram ás loucuras da grande Revolução, muita influencia teve e tem na nossa vi-

da social e política, dessa outra, dos dias que correm, como que estamos despercebidos, alheios, distanciados por um atrazo de cincoenta annos de cultura.

Continua o escól da nossa gente a ler Renan, a adorar a longevidade de Anatole e a suppor que a França ainda é o mesmo paiz que de Gambetta ao general André e deste aos "grandes homens" das primeiras horas da guerra, nada mais fazia que suicidar-se, na phrase de Roosevelt, afogar-se no que Frederico Nietzsche chamava "o estrume das suas mediocridades", todas ellas, já se vê, legitimas glorias das doutrinas materialistas, positivistas, negativistas, etc.

Não, a França, no espaço de tempo que vae da morte de Renan á de Psychari, e desta aos dias de paz, inquietos embora, que vão correndo, sente vibrar de novo no coração, com a voz dos seus passados heróes christãos, a de novos heróes irmãos na fé como no sangue dos que fizeram a sua primitiva grandeza.

Não foi de balde o grito de Péricard: Debout! les morts! Elles se levantaram e salvaram a França pela alma rechristianizada de seus filhos. E foi mesmo nessa guerra, que ameaçou anniquilal-a para sempre, que se pôde fazer a verificação do novo milagre social, que só o Christianismo integral pôde operar, e de que só a Igreja Catholica tem o dom e o segredo.

A França era um paiz morto na opinião dos dirigentes allemães, que só tinham olhos para as grandes desgraças que nella se succe-

diam, resultado todas ellas de doutrinas na sua maior parte oriundas da propria Allemanha, mas a que a vivacidade do espirito francez emprestava singulares encantos e facilmente dava feição popular. Não ha tendencia heroica que resista aos sorrisos de M. Bergeret... É o que o pensavam.

Mas, como prophetizara Veuillot em fins de 70, "orara a França da Eucharistia e se levantara e crescera", silenciosamente, por traz dessa outra de *boulevard*, e esperava a hora suprema do sacrificio, mas também da victoria.

A surpresa, o espanto, eis quanto revela a palavra dos chefes allemães ante o espectáculo da França nos braços da Cruz, sangrenta, despedaçada mas, assim, levantada em si mesma, armada de força sobrenatural, dominando o soffrimento e o terror, vencendo a morte, victoriosa do inimigo e ainda mais de si propria!

Refere o padre Torrend a confissão do Kroupprinz a um jornalista hollandez, em dezembro de 1919: *"Eu pensava tratar com um povo effeminado, enfraquecido, degenerado. Hoje, depois de ter visto os francezes durante quatro annos, encontro-me cheio de admirção e de respeito por aquelle povo.*

E mais: *"Também von Kluck nunca achou explicação satisfatória para a sua derrota na primeira batalha do Marne."* *"Depois de Charlerot, dizia elle a um jornalista sueco, tudo andava ás mil maravilhas e o imperador estava radiante. Uma bandeira allemã de kilometros quadrados, destina da a fluctuar na*

Torre Eiffel, já estava preparada. Acreditamos na desordem completa do inimigo e nunca podemos comprehender como é que a coragem do soldado francez pudesse despertar tão rapidamente. Em uma derrota, um tal despertar sempre foi difficilmente admissível pelo calculista mais preciso, pelo chefe de es-tado-maior mais previdente. "

Mas tudo se explica: a França indomável estava, por assim dizer, ainda intacta no coração das suas novas gerações rechristiani-zadas.

"O que von Kluck não julgou possível, a fé daquelles 300.000 jovens de "La Jeunesse Catholique Française" ou da Associação Sportiva Catholica do dr. Michaux, espalhados pelos milhões de soldados francezes desanimados, foi capaz de o fazer. "

E esta é que foi a verdade. *"Bem sei, diz ainda o padre Torrend — que nunca se aprendeu em nenhuma escola de guerra que mortos e semi-mortos pudessem dar signaes de vitalidade decisiva na guerra, bem sei que isso vae contra todos os dogmas do determinismo scientifico, porém, desde 19 seculos, na escola de heroísmo fundada por Jesus Christo, estes milagres de resurreição moral dos povos eram moeda corrente, e foi preciso que o Positivismo e o Materialismo moderno viessem persuadir ao mundo que estas virtudes eram absoletas. Felizmente, a mocidade não quer mais ouvir estas doutrinas de effeminados, e está, emfim, decidida a derrubar estes idolos. "*

Praza aos céos que os que são aqui, no Bra-

zil, os maiores responsáveis pelas gerações que o formarão amanhã, política e moralmente, oiçam estas palavras e compreendam que exemplos devem dar, desde já, qual deve ser o trabalho a emprender para reformarem a própria consciência, escrava, até agora, de meias idéas e sombras de princípios.

Nenhuma nação do mundo soffreu mais do que a França desse esplendor de vãs declamações, desse culto de palavra tão bonitas quanto perigosas, e que ainda fazem a gloria entre nós, dos chamados guias de opinião, maximé no domínio politico de nossa vida.

"Encontravamo-nos em frente de uma França, diz René Salomé, ameaçada pelos inimigos de fora, doente por dentro, victima da duvida, do amoralismo, da presumpção orgulhosa; uma França cujo materialismo embotava a coragem, etc."

E mais: *"Curvada debaixo da anarchia e da corrupção, uma espécie de desorganização intima a aniquilava, a qual se traduzia por um humanitarismo commodo, adrede inventado para dispensar cada um de estar no seu posto, e de cumprir com o seu dever integralmente."*

Como não reagimos nós contra isto tudo, de que também vamos soffrendo? Pois não parece incrível que ainda agora seja o Brazil aquelle paiz em que, sob a protecção de velhos idealismos criminosos, possam algumas consciências retardatarias ou doentamente ambiciosas provocar uma tal agitação, como a que vemos, de caracter puramente demagógico, revolucionario?

Ninguém esqueça que o exemplo deve nos vir da França, mais do que nunca digna agora de que a imitemos. Não é de Revolução que precisamos e sim de Revisão.

Fel-a a França, respeitando as suas leis eivadas do mesmo liberalismo que nos vem arruinando o character, como ao seu ia anniquilando. . . Porque o que mais importa, lá, como aqui, é ter consciencia, ao interpretal-as, de que se está em face de uma democracia christã, e não leiga, em que o principio de maioria, ao menos, deve ser respeitado.

Tal como na França, os Fouillé, os Boutroux, os Bergson, que destruíram o castelio de cartas do determinismo pseudo-scientífico — que se assenhoreara das escolas — já, no Brazil, desde Farias Brito, intelligencias de escoli, mas ainda indecisas, ajudam a Igreja na obra immensa de limpar a consciencia do povo dos resíduos de positivismo, e outros venenos .

O proprio Ruy Barbosa, não só na sua vida intellectual como na sua vida politica, não é mais, como se sabe, o homem do "Papa e o Concilio" e do ensino leigo. Alguma coisa já se fez, entre nós, no sentido desta reacção do bom senso e do character contra o demago-gismo revolucionário e atheu, supersticioso, mentiroso e enganador.

É o proprio Ruy Barbosa, f actor principal da revolução republicana, quem já nos diz:

"Ninguém hoje pôde invocar uma revolução como porto seguro da liberdade nestes surgidouros insidiosos! Ninguém sabe o que o espera... Surgem sorpresas terriveis, acci-

dentes monstruosos, como esses que de subito inundaram as mais gigantescas monarchias do mundo. Depois que as revoluções se fizeram SOCIAES, todos beiram esse mar tenebroso, cujo torvo mysterio assombra as plagas do mundo contemporaneo."

O padre Torrend nos aconselha a revisão, a revisão no sentido christão. Com elle o bom senso do mundo inteiro. Os que pregam a revolução neste momento, conscientes ou não, são inimigos da sociedade brasileira.

A LIÇÃO DE FARIAS BRITO

FAZ amanhã cinco annos que morreu Farias Brito, o homem á sombra de cujo soffrimento e immensa resignação fortaleceu-se a minha fé no mundo do espirito, e de quem, no emtanto, só me distanciei, até hoje, para entrar definitivamente os humbraes da Egreja, e ajoelhar-me ante o altar d'Aquelle que é a própria Sabedoria, a Verdade mesma.

Será por isto que, mais consciente da minha própria pequenez, cada vez amo e venero mais a memória de quem foi, sem o saber mesmo, uma alta expressão do espirito christão — gravidade, doçura, profundeza — desse espirito que modelou as nobres raças que são senhoras do mundo, e jamais se deixará vencer, e jamais consentirá que se apague o seu brilho da fronte augusta dos povos que redimiu.

A saudade com que escrevo estas linhas, não me empresta tintas com que disfarce o

que foi erro em sua vida de pensador. Nem quero mesmo falar dos seus utimos tristes, mas abençoados dias, em que viu fazer-se nova luz em seu espirito, e teve a nítida, se bem que rápida visão, logo interrompida pela morte, de que só do alto da Cruz jorra a divina claridade, que illumina as consciências e leva paz aos corações... Não. Não preciso lançar mão desses dados da sua tão melancolica quão edificante historia, do tempo em que, tão próxima já, eram a morte e, com a morte, a vida eterna, as suas duas uicas, exclusivas preocupações.

Também durante os longos annos de seu duro aprendizado não fora "Farias Brito, neste recanto do mundo, que é o Brazil, do ponto de vista intellectual, senão um batalhador de animo christão, servidor da Egreja, ignorando, elle proprio, entretanto, o que havia de mais alto e mais sagrado na sua missão.

Foram os seus primeiros livros, em verdade, o primeiro protesto da consciência nacional contra o fetichismo positivista, arvorado em doutrina official de uma sociedade que ameaçava apodrecer sobre um chão ennodado de ridículo e de sangue.

E, de boa fé, não ha negar que, á sua decisão em desprezar todo respeito humano, e lançar-se na elaboração de um systema francamente espiritualista, se deve este movimento de rechristianização da nossa intellectualidade, tão visiel nas novas gerações, apesar do atheismo das escolas, e por mais que o queiram desconhecer os cegos de um ou de dois olhos, sobreviventes do reles dile-

tantismo que toda a gloria do pensamento das gerações amadurecidas ao sol de 9...

Esta é a maior gloria de Farias Brito, gloria que só lhe poderão negar zoilos e cabotinos, incapazes de medir forças com obra tão formidável como a sua: o ter sido sempre, ora como critico, ora esforçando-se por elaborar uma doutrina nova, e sem mesmo ter clara noção disto, uma força de consciência a serviço da natural religiosidade de nosso povo, um interprete das nossas crenças, como lhe chamou Xavier Marques.

Farias Brito está no rol daquelles racionalistas de que falava D. Benoit com sympathia e enternecimento... *"qu'on est convenu de designer sous le nom de "spiritualistes", que ne tient pas les consequences de leurs principes. .."*, isto é, que, victimas somente do individualismo, que se fez o que a Igreja chama de erro invencível, não têm a coragem cynica de ser, na parte pratica das suas doutrinas, consequentes com o terriello principio gerador de todas ellas: o meu eu é tudo.. . e tudo o mais é sombra do meu eu.. .

Eis por que elle foi o nosso primeiro grande reaccionario contra o atheismo inferior que, nos domínios mesmo da nossa vida social e poliica, se implantara e tudo lentamente apodrecia, caracteres e intelligencias, leis e costumes. Elle foi quem primeiro comprehendeu, entre nós, o que Georges Fonsegrive viria a dar depois á propria França como resumo das doutrinas de um dos seus grandes pensadores modernos, E. Boutroux:

"Não existe doutrina mais debilitante que aquella que nos affirma que a nossa vida nada accrescenta ás vidas do passado, e que o mundo gira invariavelmente num circulo eterno, como a serpente que morde a própria cauda. Ora, o mundo da realidade é o mundo da historia (e não o da ideologia determinista), onde tudo é novo, incessantemente; é o mundo onde reina a liberdade!"

Eu poderia citar palavras quasi ideticas daquelle pobre grande brasileiro, que não teve, em vida, maior amparo que o que lhe dava a solidão. . .

E tanto foi assim um reaccionario contra a desordem e a anarchia com que o scientificismo de baixa estirpe tanto diminuiu a consciencia brasileira que, ainda o conselheiro Ruy Barbosa nem sonhava que poderia assombrar-se um dia com o phantasma da Revolução, e já, incerto, é bem verdade, do que aceitar e indicar como meio de resolver a crise moral da nossa collectividade, apontava Farias Brito como causa mais proxim do nosso mal, assim como do mal do mundo inteiro, a falta de fé religiosa, o monstruoso materialismo que falseia todas as leis, no que ellas pretendem ter de humanitarias e de justas, dado que, logicamente, só um principio regerá os destinos de uma sociedade em que o materialismo predomine: o interesse. "E — dizia elle — *nesta confusão assombrosa, se o interesse torna-se o único critério das acções, e a corrupção, feita avalanche, tudo envolve em suas manobras insaciaveis, o que unicamente importa para*

cada um, é vencer. Vença, pois, quem puder é o conselho da experiencia neste verdadeiro naufragio da humanidade."

Protestou a sua alma, até o fim, contra semelhante monstruosidade e teve, naquelles temerosos dias da guerra, como que a confirmação de que já o mal era irremediavel ...

Morreu talvez com essa tristeza enorme no coração, se bem que também certo de que alguma coisa de immorredouro e de invencivel acena a todos os homens dos braços da Cruz.

E nesta certeza se abrigava, de facto, em sua alma, a verdade que não morre.

A reacção contra o individualismo revolucionário já se faz vêr, por toda a parte, com mais força de que fora possivel imaginar, após o longo e tenebroso periodo da conflagração mundial.

Este, aquelle povo, menos experiente e mais facilmente exploravel, afundar-se-á, debater-se-á, morrerá talvez no mar sangrento da Revolução. Mas a humanidade ha de salvar-se, por fim, porque as portas do Inferno não prevalecerão contra a Igreja, e esta será sempre a eterna acolhedora, em cujo seio depoz Deus o segredo da ordem e da justiça.

A BENÇÃO DAS ESPADAS

Basêa-se sempre em alguma equivocação, e por isso é ephemero, o pacto politico do Exercito com partidos extremos e elementos revolucionarios. — (JOAQUIM NABUCO).

Estas palavras de quem foi um dos nossos grandes escriptores politicos, da linhagem de que só nos resta a formidavel desillusão do sr. Ruy Barbosa, devem ser meditadas, muito meditadas mesmo, por aquelles dos nossos militares que, actualmente, esquecendo a alta missão moralizadora, disciplinar, que cabe ao Exercito, no seio das sociedades que o têm organizado, se fizeram campeões da desordem, da desorganização, do suicídio nacional, pois outra cousa não será, em tal momento, o desrespeito ostensivo da lei que nos rege, maximé se esse desrespeito se faz ver em nome dos interesses daquella classe a que estava entregue, justamente, a

propria guarda da lei, a garantia da sua execução .

Nesta agourenta hora, sobre tão precária base de principios moraes, agita-se toda a sociedade occidental, que não ha confiar da fortaleza politica de povo algum, se se aventuram as suas classes mais responsaveis, dentro, no domínio dos debates a mão armada.

E não ha invocar os resultados da revolução republicana, já lá se vão trinta e dois annos... Primeiramente, não ha muito que louvar em taes resultados, e não se pode comparar a inquietação social, que a grande guerra nos legou, com a que já se fazia sentir nos dias em que o Brazil ainda não tinha, aliaz, inaugurado essa tão larga politica immigratoria, capaz de trazer ás mais baixas camadas da nossa sociedade as perigosas illusões, as sombrias apostrophes do drama europeu.

E não esquecer: mesmo quem dedique muito pouca sympathia á memoria daquelles ridiculos positivoides e daquelles não menos ridiculos declamadores que derrubaram, no Brazil, a Monarchia, e, com ella, o que havia de mais generoso, de mais nobre, da nossa cultura politica, tem que reconhecer que elles tiveram razão ou, pelo menos, não fizeram, de modo algum, uma revolução e, sim, levaram á pratica uma theoria, que tinha por si, ha muito tempo, aquelle em que se encerrava a suprema autoridade do systema monarchico. É da essência de toda a idéa a tendencia a transformar-se em acção,

e do Marco Aurelio mirim, que se apresentava a tremer na casa de Hugo e vivia a imaginar commendas para o adorável Renan, sendo chefe de um Estado em que a Religião catholica era official, bem se pode dizer que foi um doutrinario da Revolução, que foi um revolucionario contra o throno em que assentava, o unico que realmente o foi naquella pantomima dos ultimos annos do Imperio e de que resultou a Republica.

Não foi elle próprio quem consentiu, senão applaudiu, que se levasse ao seio do proprio Exercito o veneno de uma doutrinação de todo opposta aos interesses da Monarchia? Não foi elle quem viu impassivelmente desenvolver-se a infernal pedagogia creadora do soldado sem Deus, inimigo da Cruz, inimigo, portanto, das mais sagradas tradições da sua patria?

Ora, que merecia um tal rei, que merecia esse throno de onde fingia de sabio? O que lhes coube, já se vê, aquella quasi cômica ordem de despejo, da parte de uns poucos que também fingiram de nação...

Quem quizer ponha de lado o sentimentalismo, e juro que pensará como eu.

Mas outra já é, felizmente, a situação do Brazil, e outra ha de ser a attitude do Exercito, se a sua missão entre nós é alguma coisa mais nobilitante que a de simples propulsor de baixa instinctividade, que a de simples destruidor, a praso curto, do tênue aranhol da nossa sensibilidade conservadora.

Porque "verdade verdadeiramente verdadeira", como diria o autor da "Perigrina-

ção", é que, se não ha muito que louvar na Republica, pelo menos, não se lhe pode negar que, passada a febre jacobina, irreligiosa, dos seus primeiros dias, veiu adaptando-se ás nossas necessidades, e corrigindo, pela própria moderação do seu espirito pratico, o que, nas suas leis, ha de hostil á consciência nacional, encaminhando-se, sem maior pressa nem maior desassocego, para um estado de cousas de que resultará a revisão constitucional como pura copia do que o costume sabiamente já oppoz á lei escripta.

De que modo assim se justificaria uma revolução que viesse perturbar esta ascendente normalização do regimen republicano?

Pelo contrario: um único movimento fora justificavel na vida politica do paiz, neste momento, e seria aquelle de repressão, de castigo ao que nos resta de professores de anarchia, aos turbulentos, fardados ou não, generaes ou cabelleireiros, coroneis ou follicularios, grandes ou pequeninos.

Este é o ponto de vista de quem não confunde o carnaval da Avenida com a vida politica da nacionalidade, ou as ambições do sr. Silvado, do sr. Barbedo ou de qualquer outro pretendente "rate" a pastas ministeriaes, com a dignidade das classes armadas.

No longo, no estafante debate travado em derredor da ameaça á ordem civil, se a serena coragem do sr. Eptacio fez diluir-se a audacia dos mashorqueiros, uma cousa também a estes se contrapoz, ainda mais louvável e que por si só é garantia de paz, e força com que se renove, no animo da na-

ção, o orgulho do seu Exercito, daquelles a quem confiou a guarda das suas fronteiras: a palavra de homens como o sr. general Tasso Fragoso, encarnação da honra e da cultura da sua classe.

E — eis o porque do titulo do artigo — e ainda é maior a segurança da ordem civil, ainda maior a confiança, que nos deve merecer o Exercito. A benção das espadas, este anno como nos annos anteriores, tem significação bem mais elsvada do que podem apprehender empresarios de farças patrióticas. Corresponde ás nossas esperanças, assim como representa uma formidável barreira a tudo quanto queria fazer do Brazil scenario de illegalidade e de desordens.

Um exercito, em que se vae renovando de modo tão intenso, o sentimento christão, um Exercito, em que se refaz a consciencia catholica, já não pode mais ser um bando de gente armada, sobresaltada, inquieta, facilmente exaltada ao primeiro grito de revolta,

O catholico é, caracteristicamente, um anti-revolucionario, tem por dever indiscutível o respeito da autoridade constituida, revista-a seja quem for.

Só a mais crassa ignorância apontará a um catholico, como caminho de salvação, o desrespeito da lei, e aquelles que, ao empunharem uma espada, quizeram, primeiro, que a abençoasse um legitimo representante de Jesus Christo, uma autoridade da Santa Igreja Catholica, fonte de todo o progresso moral, "templo da definição dos deveres", se o fizeram conscientes do que faziam, jamais della se ser-

virão contra a lei ou contra aquelles a quem ella emprestou a sua majestade. E uma gente como essa é invencivel garantia da ordem, pois, como dizia Veuillot, "a fé é mais forte que as armas, mais forte que o facto consummado, mais forte do que o tempo. Não ha arma nem tempo que possa matar o que resuscita".

Fez-me pena ler as mesquinhas insinuações de um vespertino aquelles moços militares, que deram publico e tão solemne testemunho de sua fé catholica. Pena, é claro, de quem as escreveu, mostrando assim desconhecer os principios mesmos dessa Egreja, a cuja sombra se constituiu a sociedade brasileira. Mas não ha de ser o único digno de lastima. E esquecel-os será um consolo, mas ainda maior o de imaginar que aquelles moços militares são a fiel representação do Brazil, que positivamente se rechristianiza, no escol dos seus filhos. Deus é por nós.

Para quem sabe o que é ser catholico é mais que convicção, é certeza que aquelles jovens officiaes nem precisam ler as palavras de Joaquim Nabuco para terem em horror revoluções e revolucionários. Outras, vindas de mais alto, falando-lhes de mais altos interesses, já elles trazem gravadas no coração... As que citei do grande brasileiro, ahi ficam como aviso somente á consciência daquelles, de outras gerações mais estrangadas pelo veneno demagogico.

REVOLUÇÃO BRANCA

ALGUNS jornaes têm disfarçado os seus dissabores, ante as ultimas attitudes do sr. general Barbedo, com elogios ao character e ao passado desse illustre militar, cujo espirito de disciplina tem sido, ao que dizem, exemplo sempre edificante, desde aquella ultima rubescencia do nosso militarismo, em que ganhou juizo o sr. Lauro Sodré...

Deus os proteja e os conserve na rede de ouro dessa convicção. De mim, não vejo perdão para o soldado que, mais ousada ou menos ousadamente, se faça campeão de revolta e indisciplina. Desligase completamente do que é essencial á vida militar, e só merecerá, a par do castigo da autoridade, a lastima dos seus concidadãos.

Mas essa questão da respeitabilidade da gente que combate o candidato da Convenção Nacional, pôde ser posta em termos mais serios. Realmente, do lado da dissidência ha

gente, cujas opiniões merecem acatamento, porque, a uma posição reconhecidamente política, na vida social do paiz, allia qualidades de character também reconhecidamente honesto .

É este o caso do sr. Borges de Medeiros, por exemplo, a quem, com seriedade, supponho que ninguém negará prestigio político e honradez pessoal.

Parece mesmo que o ridículo desta campanha, só alcança o sr. Borges de Medeiros, por isto que é, em verdade, espectáculo absolutamente inesperado, a quem tem dois dedos de conhecimento das coisas nacionaes, vêr o sombrio mas eminente chefe gaúcho "bras dessus, bras dessous" com o sr. Nilo Peçanha, a cujo irritante pernosticismo só mesmo a democracia de avenida e o tenentismo "revenant" podem corresponder de modo essencial e duradoiro.

Mas o sr. Borges de Medeiros, ou melhor, a sua attitude, neste momento, é a explicação mesma de todo esse movimento da chamada Reacção Republicana.

De facto, todos os erros, sejam quaes forem, têm sempre uma feição commum: o horror da ordem. O erro, como dizia o grande inspirador do próprio A. Comte, é o schis-ma do sêr, e este só dentro da ordem pôde ter o seu desenvolvimento normal.

O sr. Borges de Medeiros é, ha muitos annos, o representante da desordem organizada, no seio da Federação.

A ordem, ou melhor, a paz que ha no Rio Grande não é a que é garantida pela Re-

publica, mas uma outra, que ha de passar, e vae custando áquelle nobre povo do sul o jugo de um governo injustificável deante da magna lei que rege o Brazil.

O sr. Borges de Medeiros sabe perfeitamente que a população riograndense não é o seu corpo de eleitores nem a sua brigada policial. É preciso, por isso, manter, custe o que custar, o prestigio da sua temibilidade ante as forças que governam este mesmo Brazil, e não doe ao amante das "pequenas patrias" que a grande pátria governem ou desgovernem cabildeiros do mais chilro democratismo, comtanto que por lá não respire o federalismo, nem lhe escape, a eile, Borges, o bastão domador daquella bravia gente.

Eis ahi está esse pasticho comüsta do velho Francia, de dentro da sua casa muito bem ordenadinha, a prestigiar a capoeiragem e a impudicia politica dos que querem fazer do resto do Brazil scenario de tropellas e escriptorio de falsificações e desrespeitos ao pudor da nossa sociedade.

Muito pôde neste mundo o amor do mando, mesmo no coração de um homem honesto!

Enganou-se, porém, desta vez o illustre avô dos nossos tyrannetes.

Nem á Dissidência caberá victoria, no terreno da lei, em luta eleitoral, séria e serena, como desejamos, nem pela força de uma revolução, como só lhe resta desejar.

Verá o sr. Borges de Medeiros que, no seu desenvolvimento, esta tragedia se transformará em comedia, de insultos aos nossos

costumes, mas afinal comedia. O proprio sr. Barbedo já recebeu a sua severa reprehensão, e deve estar, a esta hora, a gosar das delicias do generalato, numa terra em que, por mais provocado, ainda não se implantou o bolchevisnó.

A revolução branca, esta, sim, ahi está no seu auge, para gáudio de inquietos e esperanças da deshonestidade. Mas tudo leva a crer que branca será até o fim. A "procissão na rua", já não é mais possivel neste paiz, neste paiz em que, graças ao proprio progresso material, andam mais occupados os homens de bem, e já se deslocou a força, realmente senhora dos nossos destinos, das mãos de meia duzia de exaltados para as da enorme massa de creaturas moderadas, a quem devemos todas as conquistas pacificas da nossa civilização.

Áquella Republica, que cheirava a quartel e a positivismo, era lógico que, para sobreviver, a substituísse a nação pela Republica de hoje, com defeitos, não resta duvida, mas, dentro mesmo das leis forjadas sob a pressão do militarismo sectário, interpretadas agora com calma e espirito mais largo, capaz de contentar ao paiz e resistir ás novas investidas dos "rates" sobreviventes do nosso, aliás sempre frágil, caudilhismo de dragonas.

Olhe e meça quem quizer a estatura mental dos figurões que o sr. Edmundo vae empurrando para a scena illuminada pela estrella Oldemar.

É tudo gente pecca, phantasmatica e ri-

dicula, a falar uma linguagem que quasi mais ninguém, do nosso escol social, comprehende ou repete.

Vem essa gente daquelles ominosos tempos em que no Exercito e na Marinha não seria possível a "Benção das Espadas".

Ella, essa pobre gente, nem vê que em derredor já é outro o espirito publico e o da propria classe a que pertenceu ou, por vagar do tempo, ainda pertence.

E lá vem a infeliz Cíotilde de Vaux, o ainda mais infeliz Augusto Comte a escudar-lhe as bobagens de todos os tamanhos... Não é que saiba mesmo, a sério, cousa alguma dessa tão maltratada quão nefasta doutrinação positivista. Os quatro ou cinco positivistas de verdade que ainda existirão no Brazil, serão gente mais odienta, mais violenta, de facto — apezar de todas as suas fraternidades — mas, ao menos, desde que falam, logo se lhes reconhecem ódios mais fundos, maior gravidade de linguagem e torça de reflexão.

Esses que ahi vão buscando reavivar o tenentismo de antanho — coitados! — não ha muito que delles temer a nação. Não passarão da revolução branca e dos sonhos ministeriaes — ou, quando de peor especie, tudo farão para que Oldemar venha a ter uma pagina na historia desta Republica, a que já não comprehendem, porque ella evolueu e elles ficaram sendo o que sempre foram: mentalidades de gato, mais instinctos que propriamente mentalidade, facilmente electricaveis, ronronantes, anti-sociaes, no fun-

do, felizes quando podem arranhar. Só fazem pena.

Não compreenderão nunca estas palavras do sr. Assis Brasil, mais republicano histórico, elle só, do que todos elles juntos:

"A primeira e essencial virtude de um povo democrático está em acatar, SOFFRER, se quizerem, o império da lei, por mais que esta desagrade, e só modificá-la pelos meios que a lei mesma indicar." Jamais as compreenderão. Dirão mesmo, talvez, que o sr. Assis Brasil já estava vendido ao sr. Arthur Bernardes quando, em 1896, as escreveu.

Depois que se os escuta ou lê, só uma phrase nos lembra, que bem define as suas relações de intelligencia com o que quer dizer Estado, Governo, Republica, ordem, lei, progresso social...

Aquella mesma que ouviu um dia de certa veneziana o desditoso Jean Jacques:

Zanetto, lascia, le donne e studia la matematica...

ONDE ESTAMOS

DENTRO em breve decidirá a nação brasileira, homenageando a Constituição que lhe foi imposta por alguns militares, mais ou menos positivistas, e alguns generosos idealistas republicanos, dentro em breve decidirá a reacção quem deverá governar-a no primeiro quadriennio do nosso segundo seculo de vida independente.

"Bestificada", a principio, sem comprehender bem o que lhe compete fazer, indifferente depois durante annos, o certo é que já é, de facto, republicana a nação brasileira, e não se pode mais negar que realmente se agita, e realmente se enthusiasma nas scenas que representa.

Os mais radicaes processos democráticos com que a armaram, para o exercicio de sua soberania, não são mais simples expressões de gongorismo politico; são realidades em jogo, ainda, falhos, dirão, ainda deficientemente executados, mas já de verdade postos

em acção. Tem a campanha civilista, tem o sr. Conselheiro Ruy Barbosa, esta immorre-doura gloria, que ninguém lhes poderá negar: a de terem soprado vida sobre os tecidos mortos da nossa organização democratica, a de terem inaugurado o que propriamente se pode chamar a nossa "vida" republicana. E, neste momento, tudo leva a crer que está a decidir-se se ella é mesmo capaz de duração, essa vida republicana, ou se estamos fadados a ser, como o mais infeliz dos povos latino-americanos, eternos joguetes de minorias sem nenhuma educação politica, victimas da audácia de ambiciosos sem nenhum pudor social, presas da peor das anar-chias, que sempre foi, é e será a que nasce nos quartéis e tem o seu melhor representante no soldado, que esquece a disciplina e o respeito da ordem legalmente constituida.

É neste ponto que estamos, e não será fora de propósito pôr sob as vistas da nação a palavra de alguns homens notaveis como republicanos, notáveis como democratas, e que ajuizaram de estados de alma bem semelhantes a este em que nos achamos.

O primeiro que me apraz citar é estrangeiro, é Hamilton, certamente o mais notavel dos pensadores politicos que tem tido a America do Norte. Escrevia para um povo que também iniciava a sua verdadeira vida republicana. Eis o que dizia o poderoso persuasor: que "uma perigosa ambição se esconde bem mais vezes sob o especioso pretexto do zelo pelos direitos dos povos, que sob a apparencia pouco seductora do zelo pela força do gover-

no". E acrescentava: "Ensina-nos a historia que o primeiro desses caminhos, bem mais vezes que o outro, levou ao despotismo, e que, em maioria, os homens que hão destruído a liberdade das Republicas, começaram a sua carreira fazendo ao povo corte obsequiosa: surgiram demagogos e acabaram tyrannos."

Attente a nação nas personalidades dos srs. Arthur Bernardes e Nilo Peçanha, no momento em que meditar estas palavras. Qual dos dois, "sob o especioso pretexto do zelo pelos direitos do povo", se fez demagogo e inspirador de demagogos?

O segundo a citar é brasileiro. É o sr. Assis Brasil, de cuja "historicidade" e pureza republicanas, até nós, nortistas, tão duramente injuriados por elle, não temos o direito de duvidar. Pois já em 1896, isto é, no inicio mesmo do regimen em que vivemos, era assim que nos avisava:

"Ha occasiões em que os acontecimentos se reflectem na razão popular invertidos, como as imagens da câmara escura. É de ordinario nas épocas de supraquescimento da opinião que isso se dá. No julgamento dos factos, apparecem como actos inspirados no amor á liberdade exactamente os maiores arrojados de tyrannia, e dahi vem a implantação do despotismo pessoal que a historia aponta insistentemente succedendo a todos os casos de demagogia."

E acrescentava, por sua vez, isto, que é menos importante mas não menos applicavel ao momento que atravessamos:

"No julgamento dos individuos, não é

menos evidente a inversão soffrida pelo juizo popular: ao homem de princípios, ao que resiste á pressão do grande numero, ao que despreza as seducções da popularidade, ou do predominio, quer dizer — ao verdadeiramente energico, chama-se frouxo; ao que nenhum caso faz de compromissos de honra, ao que não tem força para manter-se nos seus principios, ao que se presta a ser instrumento das paixões do maior numero, ao que se apoia systematicamente na força material extranha, sem se importar com que ella esteja hoje do lado opposto ao que estava hontem, ao que, emfim, revela em tudo que não tem, personalidade, nem, por consequente, energia alguma — a esse chama-se forte e energico. "

Recorde a Nação com quem se parece esse homem "que não faz caso de compromissos de honra", ou "que se apoia systematicamente na força material extranha..."

Devo citar agora, terceiro e ultimo, o sr. conselheiro Ruy Barbosa. ..

Nunca formei entre os que lhe chamavam de maior genio do mundo, astro maior que a propria terra, etc. É, força, porém, reconhecer também a "historicidade" deste republicano, e que, nenhum homem representa mais altamente o Brazil nos dias que correm.

O "capitão" Oldemar Lacerda (capitão de hotel, e onde não haja gatos coronéis, julgo eu, apesar da maneira respeitosa como lhe fala a directoria do Club Militar...) o "capitão" Oldemar Lacerda mesmo não será ca-

paz de afirmar publicamente que o sr. Nilo tem braço republicano mais brilhante que o conselheiro Ruy. Pois bem: deste, esta é a mais bella lição sobre um certo assumpto agora muito em voga:

"QUE É, SENHORES, O EXERCITO, NA PAZ E NA GUERRA?"

Na paz o Exercito é uma escola de ordem, legalidade, fortaleza e obediência. São as virtudes — sobre cujo fundo se estabelece a liberdade e se desenvolve o progresso. Que mais altos destinos se poderiam reservar a um corpo constituido, no seio de uma sociedade civilizada?"

E, insistindo sobre os termos da sua definição, basta-me citar o desenvolvimento que deu aos dois primeiros:

"ESCOLA DE ORDEM... E nesta palavra tudo se resume. Porque a ordem, associada ao tempo, é o estofa essencial de toda a existencia no Universo.

Desde o céu estrellado até a terra dividida pelos conflictos humanos, tudo subsiste por ella, na criação animada ou inanimada: Chamem-lhe embora Deus, Providencia ou lei, é a trama infinita e indestructivel, de cujo plano se desdobram todas as coisas. Dentro delia, o Exercito é um appaarelho de conservação social. Fora, seria a miseria, a selvageria, a calamidade .

ESCOLA DE LEGALIDADE, porque as nações hoje não conhecem o Exercito senão como a espada nas mãos da Justiça ao serviço da lei contra o crime, ou, nas mãos da dignidade nacional, ao serviço do paiz contra o estran-

geiro. Adstricto a esta missão bemfazeja, será o Exercito um instrumento de paz, tranquillidade e confiança.

Rebellado contra ella, seria, por excellencia, o inimigo publico, o mal dos males, a anarchia suprema."

Ao exercer, desta vez, o direito do voto, recorde também a Nação quem vem, ha mezes, appellando para a revolta do Exercito, como meio de apoderar-se do poder, isto é, quem quiz fazer delle, — segurança, que é, das nossas fronteiras, orgulho que é, do nosso patriotismo, viva amostra da nossa capacidade de organização e disciplina — quem quiz fazer do Exercito, que é tudo isto, aquelle "inimigo publico", aquelle "mal dos males" contra o qual nos prevenia Ruy Barbosa.

Estamos no ponto em que será possível verificar se realmente somos dignos de taes lições, se o Brazil é mesmo uma Republica, em que o respeito da lei é amor da liberdade, ou se, sob apparencia enganadora, não passamos, até agora, de massa ignara e destituída de bom senso collectivo, dominada pelo mais rasteiro demagogismo, e digna mesmo desse monstruoso flagello, que é o soldado fora da lei ou que se collocou acima da lei, como arbitro supremo de todas as consciencias .

Dentro em pouco se saberá.

ATÉ 15 DE NOVEMBRO

DE gente como a que dirige a chamada reacção republicana, tão cega pela paixão do mando, tão dominada pela ambição, tão afeita já aos degradantes processos do "immediatismo" mais inescrupuloso, não ha que esperar a digna attitude do vencido, cuja consciência está serena porque sabe que cumpriu um dever e lutou sem descanso, assim como tem a certeza de que a derrota presente não significa a morte de seus ideaes. Estes, não os tinha essa gente no momento em que iniciou a sua aventura política, e não ha de ser do duro chão, que agora morde, triste e vencida, que os ha de arrancar para, á luz da esperança, agital-os e encaminhal-os a futuras pelepas, de mais elevada significação ante a consciencia do paiz. Não os tinha, não os tem, não os terá nunca. Antes é da essencia mesma do demagogismo em acção o ter horror a tudo que não sejam vantagens pessoais, lucros immediatos de

cada um dos seus prophetas de rua e semi-deuses de fancaria.

Vêr-se-á que a dissidência desaparecerá "como desaparece a fumaça com o vento", no dia, na hora mesmo em que os seus chefes não vislumbrarem mais uma possibilidade, ao menos, de se poderem banhar no Pactolo das suas ambições presidenciaes. Para bem do povo e felicidade geral da Nação, olhar-se-ão, entre si, com desconfiança essas vestaes democráticas, logo aos primeiros albores do dia 16 de novembro... E talvez muito mais cedo do que se pensa terá occasião o sr. Bernardes de mostrar-se caridoso para com alguma dessas fúrias do Carnaval, provocado pelo "custe o que custar". Quem fôr vivo ha de ver...

Notem bem o que digo: "após" o dia 15 de novembro. E se peço attenção para essa ainda longinqua data é porque ella ha de ser a hora sem par da eternidade dissidente, a do juizo final. Soada que seja ha de raiar o sol da pedinchice mas, até que soe, será como uma unica noite de pesadelos e ameaças para a Nação. Á sombra desses palácios que ella vae levantando para festejar a data centenária da sua independencia, deve-se passar com cautela. Embalde transformou-se esta cidade na maravilha que ahi está; continua a abrigar, se bem que definhados, os mesmos cancros roedores da paz e da dignidade da Nação: o demagogo de praça publica e de jornal, quasi sempre canalha mas victima também, algumas vezes, da propria curteza de espirito e o seu alliado neste sin-

gular paiz que é o Brazil: o facciosismo militar, mal reprimido pelos fracos governos que temos tido, e para o qual não ha hora da nossa vida que não se lhe afigure um novo 89, com o seu triumpho e consequentes dragonas de general por merecimento e mais elevados premios.

Demagogos e aspirantes ao calendario positivista tinham sido, de facto, relegados a plano muito inferior em nossa historia, de alguns annos para cá. Certo não era pequena a magoa, não era pequeno o despeito de tal gente, e, dahi, o cego ardor com que, repentinamente, como obedecendo a um signal dos tempos, vimol-a "au grand complet", acotovelar-se, espremer-se, comprimir-se em derredor do primeiro "altar da patria", em que officiaava um legitimo "scroc".

Á ameaça revolucionaria tem resistido e espero em Deus que resistirá a nacionalidade, e não só porque esteja agora investido da suprema autoridade, um homem de coragem, mas, sobretudo, porque a atmospheria moral de que gosamos nestes últimos annos, com todos os seus venenos, ainda foi bastante pura para renovar no seio do povo e do proprio Exercito o amor da disciplina e da ordem.

O Exercito não é mais, não pode ser mais aquelle club de jacobinos, alimentado pelo scepticismo do renansinho de coroa e barbaças, que perdeu a Monarchia.

Ainda nelle se agita a mesquinha e desfructavel alma penada do positivoidismo inconsequente, agora encarnada nesses dois

ou tres gaios pingados, nesses dois ou tres lobishomens do patriotismo, que outrora excluia todo e qualquer outro, que não brotasse á sombra das casernas e não cursasse as escolas de heroísmo das esquinas da rua do Ouvidor...

E é natural que ainda tenha echo essa voz de agoiro e raiva... Quando o mundo deixou de ter ingenuos, fracos, imbecis e ambiciosos?

Mas o Exercito não é somente esse grupo de agitados e odientos. Na sua maioria, outra é já a mentalidade, outro o espirito, outra a comprehensão do dever civico. Não se desliga, não se desligará da Nação, não se contrapõe nem se contraporá ao que ella ordena pela voz dos seus poderes constituídos.

A Nação não sabia bem o que era a Republica. Impuzeram-na á sua consciencia e ella resignadamente a aceitou. Ama-a mesmo ha alguns annos, e é com enthusiasmo que se serve dos perigosos processos democraticos, que a Republica lhe impoz, por sua vez. Será ridicula, ás vezes, neste amor que lhe custa tão caro...

Mas quem maior culpado que o Exercito, que foi o principal autor desse drama, que acabou em casamento ?

E, falemos com toda a clareza: ou ha duas nações brasileiras, uma fardada e de espada á cinta e a outra de freio á bocca e manta ás costas, uma que manda e outra que carrega, ou então ha uma só Nação, de que o Exercito é parte com funcções perfeita-

mente definidas, dentro de uma lei, que deve ser respeitada por todos, e, ao voto popular e á apuração do poder competente, só se podem seguir o governo do sr. Arthur Bernardes e a obediencia do Exercito, sejam quaes forem os seus motivos de justa ou injusta queixa.

Não ha que esperar, porém, repito, dos chefes da dissidencia attitude mais digna que as que têm tido até agora. Já ás mentiras mais ridiculas sobre os resultados da eleição presidencial vão ajuntando a nova ameaça, a todo momento ouvida, e tão em contradicção com a serenidade que deveria ter quem se julgasse legalmente victorioso: "Não passará da Central"... É esta a nova senha. Miserável e degradante, mas é, e quem já viu Pinheiro Machado cair sob o punhal do mais mysterioso heróe do crime, e combatido então pela mesma tropilha de ambiciosos, não se surpreenderá que venha um maior crime a coroar também a série dos ultimos attentados contra a ordem republicana.

Até 15 de novembro deve o sr. Epitacio temer-se de todas as possiveis infâmias contra o seu governo, assim como contra a vida dos políticos de mais responsabilidade, a que a Nação vem de dar ganho de causa, contra os condemnadores de Pinheiro Machado.

E não me lembra em que pagina de José de Maistre foi que li certa vez esta palavra muito a meditar: "que "um certo receio" faz parte da verdadeira coragem politica".

Não a esqueça o sr. Epitacio, não a es-

queça o sr. Bernardes, não a esqueçam todos os que se contrapuzeram a esse ultimo arranco do demagogismo, com ou sem farda, contra as nossas liberdades politicas.

MOTIVOS DE ESPERANÇA

NINGUÉM, de boa fé, pôde dizer que os processos democraticos, em qualquer dos paizes occidentaes, tenham sido, até agora, agentes de paz e segurança social. Quem o dizmente, pela vantagem de mentir, ou cabalmente se engana, por desconhecimento absoluto da vida politica universal, da Revolução Franceza para cá. A inquietação, quando não a luta interior mais desabrida, tem sido o pão de cada dia de todos os povos arrastados pelo tufão revolucionário a esta pouco protegida planura, batida pelos ventos dos mais contrários ideaes. Ora, ainda a lição de Madison, logo esquecida pelos mediocrissimos doutrinários que ensaguentaram a França — pois só mesmo como criminosos não foram mediocres — era que se não devia esquecer a differença que ha entre o organismo republicano e o puramente democratico. De facto, no primeiro, governa-se o povo pela voz dos seus

representantes, ao passo que, no segundo, a si proprio directamente se governaria.

O estabelecimento, porém, de uma democracia pura, jamais passou de sonho e de ideal, não tendo outros exemplos na historia além das tentativas, sempre desgraçadas, de algumas cidades gregas e, em outras épocas, de algumas poucas cidades da Europa Occidental, não menos infelizes. Jamais um grande povo tentou realizal-o.

Deve-se confessar, no emtanto, que o ideal não desapareceu, e tem vivido agitada vida, no seio de todas as nações cultas, maximé da Revolução Franceza aos nossos dias, apesar de ter sido aquella phase da historia européa a mais negra talvez da historia humana sobre o planeta. Mas a propria apologia, quasi deificação dos criminosos mais repellentes, feita ainda por individuos a serviço do mais monstruoso materialismo politico, é bem a prova da existencia sempre vivaz desse ideal, fabrica excelleníe de fanáticos e loucos, pasto uberrimo a todos os medfocres, cuja funcção é odiar qualquer especie de superioridade entre os homens.

Em um meio social assim perturbado pela impulsão de uma idéa tão em contraste com a experiência, com a historia dos seres humanos (e o homem como ser historico, tão somente, interessa á Política) nem tudo resultou miséria e aniquilamento. Pelo contrario: das contradicções de que nos alimentamos, do choque entre a realidade histórica e os idealismos mais imprudentes, se formou a singular energia dos povos contempo-

raneos, que sabem construir sob os raios da tempestade. E como pôde mais a natureza, no homem, do que os seus complementos, isto é, como é mais forte a razão que a imaginação, tem a luta social e política, nos povos modernos, uma incrível complexidade e os mais surprehendedentes aspectos. É a razão bem menos agil que a imaginação, assim como o bem mais tardo que o mal; em compensação as victorias da razão e do bem são sempre definitivas, e os avanços do mal ou os vãos da imaginação são de si mesmos inseguros e inconsistentes. Dahi o verificar-se, após a confusão, na hora primeira da proclamada victoria da Revolução, que esta não conseguira destruir nem o bom senso dos homens, nem mesmo nenhuma das suas construcções sociaes de ordem verdadeiramente superior, inherentes aos ensinamentos do Christianismo. Em meio desta tremenda Babel da vida social contemporânea, persiste, indestructivel, o principio da ordem e da hierarchia dos seres. A cada theoria, a cada tumulto de occasião responde o facto da autoridade, por toda parte estabelecida e por toda parte acatada, mesmo inconscientemente, por todos os homens. Ha hoje aqui uma scena dantesca: homens contra homens se despedaçam, o incendio reduz edificios a cinza, trabalha a guilhotina ou se repetem os fuzilamentos, as multidões são como de lobos esfaimados, não ha praça nem tablado em que se não leia: Liberdade! Poderás passear aqui mesmo, leitor amigo, amanhã ou depois... Está a levantar-se o que foi der-

rubado, as multidões desapareceram, os tribunaes se refizeram, a vida normal reapareceu e, em toda parte, na porta dos quartéis, assim como na esquina das ruas, ao olhar intelligente se depara esta outra palavra: Autoridade.

É, porém, certo que se a ordem não desaparecerá na vida da humanidade, assim como não desaparecerá a sua Escola, que é a Igreja Catholica, podem ambas desapparecer do seio de um dado povo, desaparecerem e, com ellas, a civilização e até a propria vida.

A revolução é mesmo o suicidio, pelo menos a tentativa de suicidio dos povos. É a prova da falta de intelligencia, e firmeza na resolução das difficuldades, que a vida apresenta, não só aos individuos, mas também ás nações.

É a prova de sua debilidade mental, da fraqueza de seu character, de que é pobre o seu sangue dos bons elementos capazes de reacção e de defesa contra os maus, que nelle se inocularam, e fazem a effervescencia do despudor, da ambição, dos odios pequeninos e sobretudo da inconsciencia.

No Brazil esta luta, que vae tão vivamente agitando o mundo inteiro, está mais aguda do que nunca, e a impôr-se á attenção de todos os patriotas.

Também aqui a Revolução pouco a pouco se christianizára, perdera pelo menos as suas ensanguentadas arestas, os seus impetos de ferocidade, os seus mesquinhos preconceitos, e já não é pequeno o nos so patri-

monio de direitos, de liberdades, de civilização, enfim, conquistado através de todos os sobresaltos e mesmo a custo de tremendas humilhações. Não será facil, pois, já agora, que a revolução, que a desordem novamente, dictatorialmente e victoriosamente, levem o paiz á sua completa desmoralização e conseqüentes desastres, cercado como ficará elle, como ficarão todos os povos enfraquecidos, moralmente esfrangalhados, das ambições de outros povos.

Não. Eu não creio que a revolução possa impôr-se no Brazil actualmente. É em vão que os seus doutrinadores não esquecem vim só dos perfidos meios de manter em perpetua ebulição, as paixões populares, os baixos instinctos da populaça, assim como as mais funestas e mesquinhas vaidades do soldado. Este mesmo resistirá á voz das sereias desse turvo mar cujas ondas batem agora o costado da sagrada arca da Lei. Elles próprios comprehendem, esses doutrinadores, que também estão mudadas as condições do Brazil, de trinta annos para cá. Outros centros poderosos de população, que não só o do Rio, pesam na vida politica da Nação e, certo, não se sujeitarão mais ao arbitrio da irrequieta capital.

Também, se no pensamento dos autores do "Federalista", só a grandeza da communitade salvaguardaria os americanos do despotismo militar, nós já não devemos temel-o mais. Por melhor armados, não é a uma população de 30 milhões de creaturas que imporão governo, fundado na violencia, vinte

ou trinta mil soldados, a quem falta a principal força estrutural dos verdadeiros exercitos: a disciplina. O proprio exemplo do governo Hermes é a prova de que o Brazil não supportoria mais governo que não represente, de facto, a livre vontade das suas forças políticas organizadas. A estas, com tática cumplicidade, de todo o Exercito e clara manifestação dofavor da maioria, dominara o Marechal e se "elevara ao Cattete. Mas teve que silenciar o Exercito ante o que se pode chamar a revolta legal do paiz, a sua indignação, infelizmente explorada pelos mesmos empreiteiros de desordem, que hoje cobrem de apodos o sr. Arthur Bernardes, o sr. Ruy Barbosa, etc, como hontem cobriam, falando era nome de outros interesses, o sr. marechal Hermes e seus servidores. É bom recordar sempre: nunca homem nenhum, nem mesmo o sr. Bernardes, foi jamais tão insultado, tão vilipendiado na sua honra e até na honra da sua familia. Foi de tal ordem essa campanha — e, note-se bem — com a tacita cumplicidade, por sua vez, de todas as forças politicas organizadas — as mesmas a que se impuzera o Marechal — foi de tal ordem essa campanha que acabou revoltando em favor do então presidente as consciencias que menos o admiravam e os corações que menos lhe deviam. Que fazia então o Exercito? Silenciava... O seu mais alto representante era tratado pelos jornaes do civilismo rubro assim como pôde ser tratado qualquer bacharel, medico ou engenheiro. A honra da classe ficou immovel, inerme. Por-

que? É que o Exercito ha comprehendido então a impossibilidade de trazer sob os pés uma nação cuja vida politica republicana, já tinha realidade, não só na apressada escripta de 91.

Estará de todo esquecida essa lição? Acredito que não. Hoje, ainda mais do que durante o quadriennio Hermes, não é a mentalidade militar igual á daquella meia dúzia de positivoides que fizeram a Republica, assim como teriam feito a Matercracia, o Pentateuco Colombo com o seu competente Freixo Portugal, se o Benjamin lhes tivesse dito que Comte o aconselhava.

Além disto, se a mentalidade do Exercito é superior, porque só a memória terá nelle enfraquecido no registrar offensas e insultos? Poderá o Exercito estar esquecido do que então escreviam o "Correio" e o "Imparcial" sobre o militarismo? Não é possível.

É verdade que alguns dos homens representativos, ao que se diz, das suas energias neste momento, vão dando provas de alarmante amnésia. O sr. general Rondon, por exemplo, semi-deus, quasi meia humanidade, aos olhos dos sobreviventes da egrejinha corritista, chegou ao ponto de, entre a leitura de uma carta e o acto de escrever a sua resposta, esquecer os insultos que recebeu — insultos á sua fé positivista, em verdade, mas não sei eu que haja coisa mais sagrada, para um homem de honra, que as crenças que publicamente professa.

Mas tudo isto são symptomas isolados. O Exercito, na sua maioria, as classes arma-

das na sua maioria, não estão, não podem estar esquecidos, dos apodos de hontem, e sabem com certeza discernir, na agitada vida nacional, quem são os insultadores profissionaes, os que vivem da exploração do insulto e do escândalo.

As eloquentes e serias palavras do commandante Villar, ha pouco publicadas em tantos jornaes, hão de ter mesmo conseguido accordar os deslembados dos deveres de verdadeiro soldado quando a Lei é ameaçada, seja por quem fôr.

E não é esse commandante Villar um commodista, um homem que não conheça o amargo sabor da luta. Também á sua mocidade attrahiu a Revolução, derramou por ella o seu sangue; mas conheceu a gloria de ser vencido pela própria consciência, de reconhecer o erro do seu exaltado patriotismo. Porque não ha patriotismo fora da Lei, ha crime de maior ou menor gravidade, conforme a boa fé de quem o pratica.

Não, não ha descrer do Brazil, do seu Exercito, dos seus chefes, dos seus guias. A violenta minoria que ahi está a pregar a destruição da legalidade, a subversão da ordem, não vencerá. Appellará para o assassinato, como com maximo impudor quasi francamente o declara? Não duvidamos.

Em derredor de todas as victimas de nossa politica, do marechal Bittencourt a Pinheiro Machado, umas tantas figuras, das que agora chefiam o movimento revolucionario, no terreno das idéas, grasnaram odios e ameaças, assim como hoje em face do sr. Ar-

thur Bernardes. É possível que este também venha a ser devorado pela sinistra esphyngé. Não será isto uma victoria. Será mais uma confissão de derrota do repugnante grupilho que, no Brazil, encarna, ha tanto tempo, as más paixões demagogicas.

De qualquer modo, tudo leva a crer que, neste paiz, já se firmaram bom senso e moderação, que são a base dos seus costumes politicos, por mais que, na superfície, estes ainda reflectam a luz de astros agoirentos.

POLITICOS E MILITARES

COMO catholico, que me honro de ser, devo declarar que o que mais admiro em quem quer que seja é a firme-sa, a coragem das convicções. Não que um homem deva, convencido de erro, manter-se nelle, mas é obrigação sua só defender o que profundamente ame como verdade, e dahi ser signal, a meu ver, de falta de character o mudar facilmente de opinião.

Quando um homem defende um erro, se o faz com ardor e sinceridade, ainda dellt se pôde dizer que não faltou de todo á verdade, pois desta é a convicção a face subjectiva, como que o elemento moral, imprescindivel nas coisas humanas.

De quem tem amor da verdade, sempre ha muito que esperar.

Quero dizer com isto que prefiro como homem, como character, um materialista convicto a um catholico de meia cara, ou de titulo somente. Acho mais no breu manar-

chista que um conde papal, conde e burguez riquíssimo, por exemplo, que, apesar de todas as suas proclamadas virtudes, dirija um grande jornal de cujas columnas se difame a Igreja, se faça a apologia da Maçonaria, etc, O primeiro é, pelo menos, logico. O segundo, é, pelo menos, uma inconsciente mentira, um péssimo elemento no seio da própria Igreja, pois o seu exemplo, tão aos olhos de todo o mundo, de insinceridade e indiferença, ha de influir sempre do modo mais dissolvente sobre os fracos de caracter.

É por isto mesmo que, de todas as seitas, as que mais odeio também são aquellas que fazem da tolerância dogma e fundamento, o que equiivale dizer, que fazem da insinceridade a sua maior arma de defesa e de ataque.

Repito: prefiro como ser moral o que vulgarmente se chama "um fanatico" a essa coisa amorpha, sem côr, inconsistente, que se vangloria de indiferença, de tolerancia, de falta de convicção.

Eis porque, amigo leitor, ao entrar propriamente o assumpto, que hoje escolhi, devo dizer-vos que sou um admirador e um amigo do sr. Alipio Bandeira, fanático positivista, do mais estreito positivismo que ainda existe neste mundo, isto é, do que se mantém como egrejinha matei dos tempos futuros e, para apressar a evolução, diz, de vez em quando, cobras e lagartos da Igreja Catholica, se bem que não esqueça nunca a subtilissima distincção entre ella, Igreja Catholica (tudo o que ha de melhor logo abaixo

do positivismo) e o clericalismo, que é o monstro, a hydra, a serpente do mar, o dragão ... da fabula...

Pois bem: se eu não conhecesse a sinceridade com que fala sempre o meu amigo sr. Alipio Bandeira, não estaria aqui para discutir uma coisa que, á primeira vista, é até ridicula, quero dizer que não discutiria a ai-firmação desse marcial discipulo de Augusto Comte de que os nossos militares são melhores, mais honestos, menos ambiciosos, etc, do que os nossos politicos...

Dado, porém, que não posso duvidar, nem por um momento, do ardor da sua convicção, ver-se-á que vale a pena discutir o seu objecto.

Nunca perde alguém por levar a uma consciência alguns dados com que melhor se oriente neste tremendo labyrintho da vida... E é o que vim fazer, chamando a atenção dos sr. Alipio (e dos que me lêem) para algumas das observações, que tenha feito do meio social brasileiro.

A primeira é a seguinte: creado entre militares, que abundam em minha família, sempre mantive relações de amizade com muitos officiaes das nossas forças armadas, e confesso que, se comparo essa gente com as de outras classes com que tenho convivido, acho que a porcentagem de homens de character, de vergonha, é maior entre militares, e é isto facto explicável porque poucos sao os caracteres que têm podido resistir, em toda a linha, á desordem da nossa vida social, de trinta annos para cá. Ora, o militar

é, como o sacerdote, um homem a quem, no inicio da juventude, por conseguinte quando unicamente tem força a educação, foram impostos habitos de ordem, methodo, disciplina e vivamente inculcadas as mais nobilitantes verdades de ordem pratica, sobre o valor moral da obediencia, do sacrificio de si mesmo, etc. É necessário tratar-se de um character muito ruim, excepcionalmente ruim, para que uma tal educação não consiga nelle influir beneficemente. Na maioria absoluta dos casos, o que felizmente se dá é ser o nosso militar uma creatura honesta, cumpridora de deveres, com uma seria noção de honra e exaltado patriotismo.

Uma coisa, porém, deve também ser dita: a vida de quartel e o estudo das suas especialidades, isolando-o até certo ponto, nesse agitado meio social — que é o nosso — fazem com que o militar seja, quasi sempre, um simplista em materia de politica, partidaria ou não, um homem mais de imaginação do que de experiencia, nesses dominios. O nosso politico, o nosso tão malsinado politico tem, em relação ao BOM militar, esta indiscutivel superioridade: está muito mais a par das nossas necessidades sociaes de cada momento, sabe que administrar não é somente mandar e ser obedecido, tem muito mais complexidade intellectual, muito mais vivo o instincto, com que é preciso acertar sempre, da harmonia entre a força da autoridade e a força das paixões populares.

Dahi vem que (a não ser no periodo anormal da chamada consolidação republi-

cana) não ha em nossa historia, figuras mais ridiculas de que as dos nossos militares que se fazem politicos. É esta a segunda das minhas observações.

A uma vez, o que se vê, é que perdem as mais altas virtudes do soldado sem conseguirem conquistar jamais essa ductilidade espirital (que não é, de modo algum, insinceridade ou cynismo) essa finura de tacto que se requer de um verdadeiro politico. O sr. marechal Hermes, o sr. marechal Dantas Barreto mesmo são optimos exemplos do que digo. O primeiro, tornou-se symbolo de dubiedade, de tartamudeação, se assim se pode dizer, de timidez e inconsequencia politica; o segundo foi e continua a ser uma especie de D. Quichote da honestidade, que, com prejuizo para o seu Estado (o que muito o honra), se deixou vencer pelo primeiro cavalleiro de mais alegre figura com que teve de terçar armas.. Depois de ser o fero guarda dos dinheiros publicos de Pernambuco, e de ter estado á véspera de ser guarda não menos honesto, creio, do Thesouro Nacional, é hoje a mesma alertissima sentinella á porta de um thesouro academico... Como se vê a estrella politica dos nossos militares é uma estrella quasi aziaga... porque, até mesmo o sr. Lauro Müller, que, de militar, quasi que só tem o que a lei lhe garante, quando mais brilhou foi para apagar-se lá pelos corredores do Senado...

Ora, dirá o sr. Alipio Bandeira que ainda affirmo a superioridade do militar em

relação ao politico, se reconheço que é quasi lei predominar naquielle a honestidade.

Assim será, digo eu, quanto ao militar que não fugiu nunca ao circulo de duros deveres da vida que escolheu. O militar que se fez politico, que é politico, este, não tem, em regra, nenhuma superioridade sobre os demais politicos. Pelo contrario: no entre-choque das paixões, que se fazem o seu novo meio, raro é o que guarda serenidade, raro o que não descamba para tyrannête de mãos bofes, raro o que não se faz, em pouco tempo, um inimigo publico.

E não é raro também que não lhe caiba a aureola da mentira e da deshonestidade. É bom exemplificar e não fujo a este dever com um caso que de muito perto me toca. E escute-me o sr. Alipio Bandeira:

Governa agora Sergipe, minha terra natal, um sr. Pereira Lobo, coronel do Exercito . É, como eu, bernardista, mas repare, mesmo nesse plano, somos, como linhas paralle-as... Combati-o sempre, convicto como estava de que, do ponto de vista intellectual, era o sr. Lobo um camarão, e capaz de fazer em Sergipe a desgraçada administração que vem fazendo.

As minhas sympathias vão todas, na política de minha terra, para o sr. senador Gonçalo Rollemberg, que infelizmente, e certamente por espirito de opposição ao sr. Lobo, foi ali o representante da anarchica e dissolvente politicagem chefiada pelo sr. Nilo Peçanha.

Duas coisas, porém, me assombraram

na attitude política do meu velho amigo senador Rollemberg: a primeira, a sua ligação com o major Manoel Nobre, uma das creaturas mais indecentes que o proprio senador Rollemberg ha de ter conhecido em todo o decorrer da sua existencia; a segunda, a sua ligação com o marechal Siqueira de Menezes, "jagunço louro", como o chamou Euclydes da Cunha, mas de quem lhe digo eu que, durante o tempo que governou Sergipe, se revelou, dentro da sua asthma, dentro da sua nevrose, o mais repugnante soba que jamais tripudiou sobre o caracter de um pequeno povo.

Usou esse homem em Sergipe de todos os meios infamantes com que se pôde aniquilar a vida moral de uma sociedade: um estado de sitio perpetuo, violação dos lares, chicote a torto e a direito, prisões as mais violentas, até porque se ousasse fumar na praça em que assenta o Palacio do Governo... e mais... vaccina obrigatoria feita por praças de policia...

Dirá o meu caro sr. Alipio Bandeira que actos desta ordem só os commettem os doidos. Não sei se Siqueira de Menezes é doido, sei que os cômmetteu, e delles fui testemunha.

Não duvido que um desgraçadinho qualquer seja capaz de me desmentir. Mas eis o que lhe digo: eu teria a maior surpresa da minha vida se me desmentissem homens como o senador Rollemberg ou o dr. Rodrigues Doria, ambos, hoje em dia, do mesmo agrupamento politico de que faz parte o mare-

chal Siqueira. Peça-lhes o sr. Alipio que me desmintam. Repare que têm toda a vantagem nisto.

Agora, diga-me também o sr. Alipio, se é honesto andar neste momento o sr. marechal Siqueira a passar telegrammas de protesto contra as violências que, diz elle, está fazendo em Sergipe o coronel Pereira Lobo...

Eu poderia citar alguns factos illustrativos do que fez esse marechal em minha terra. Espero, porém, que o sr. Alipio consiga que homens de responsabilidade, como os que citei, me desmintam a affirmação.

Ora, quem ha por ahí, por todos os Estados da Federação, que não conheça, pelos menos, um marechal Siqueira, saído das fileiras, e que tenha feito o que este fez no pequenino Estado nortista?

Convença-se o meu nobre amigo, sr. Alipio Bandeira, de que só se pode comparar os nossos militares com os nossos politicos ou em relação á nossa educação militar ou em relação á nossa educação politica. Creio que a maioria dos nossos politicos é composta de bons sujeitos que não prestam nem para limpar armas. Creio que não erro também se disser que quasi todos os nossos militares, tanto pelas suas defficiencias sociaes como até pelas virtudes da profissão, são a negação mesma do senso poli tico, que já requer uma nação como a nossa.

O PARTIDO DA EXPERIENCIA

I

ELLE ha de ser sempre, esse partido, onde quer que, actualmente, se forme, por toda a superficie da terra, o daquelles que, desillusos de todas as maiúsculas do racionalismo de feira, tenham a dignidade de confessar o grosseirissimo erro em que se sentiam morrer para as mais nobres aspirações da alma, de confessar, por exemplo, que muito mais que a tal Liberdade (com 1 grande) vale uma só das liberdades que qualquer espécie de governo, organizado sob a inspiração do pensamento christão, lididamente christão, sempre assegurou a todos os homens de bem. E este é justamente todo aquelle ser que, sabendo-se capaz de livre determinação na ordem moral, dentro delia soube apprehender a significação superior da vida em sociedade, que requer leis e o respeito a ellas, mesmo quando aparentemente ou realmente são injustas.

O homem de bem não as transgride nunca, porque sabe que a ordem social soffrerá mais de uma violenta destruição do erro, que nella se infiltrou, do que da sua conservação, por mais algum tempo, mas sempre passageiramente, pois é certo, todos os homens devem ter a certeza inabalavel de que o erro não resiste á acção da verdade. Esta é eterna e o erro só tem por si algumas horas do tempo, que passa.

A vida em sociedade, seja qual fôr a organização desta, ha de conter sempre injustiças, porque toda a obra reflecte as qualidades do material de que é feita, e o homem foi, é e será, até que Deus lhe mostre a sahida deste terrivel mysterio, que é o da sua actual existencia, um ser dotado da mais clara luz e envolvido na mais densa treva, um ser peccaminoso, um ser soffredor e ambicioso, capaz de todas as virtudes e sempre sujeito ás baixas inclinações, amante da verdade e adorador de si proprio no altar de cada um dos seus erros.

A historia é, porém, como que a experiencia da razão social em marcha ascendente para o ideal da sociedade christã, e o homem de bem, o que se filia a esse partido da experiencia, é aquelle que tem a irreductivel convicção de que o erro será vencido onde quer que se apresente, vencido, não por outro erro, como a violencia, os actos de força bruta, mas pelo protesto sei'eno das consciencias, pelo exemplo de obediência ao principio que, momentaneamente, parece protegê-lo, mas não pode impedir que como erro

seja visto e combatido, no terreno da discussão, da analyse depuradora, que é o que constitue mesmo a vida normal das sociedades.

O peor dos males sociaes tem sido e para sempre será a Revolução, a perturbação dessa normalidade, que não é o morno apodrecimento do organismo social, mas a plenitude da sua vida regulada pelas leis da razão historica. Estas leis podem falhar aqui e ali, na sua applicação, mas, por isto mesmo que são leis, leis immortaes, não ha temer quer não reconquistem o terreno perdido, que não refaçam a parte deteriorada desse tecido de justiça, que deve ser o da sociedade como ser vivo e intelligente.

Mas é certo que uma lei qualquer, tanto no mundo physico como no mundo moral, não é repentinamente que se impõe, em toda a sua extensão, ao conhecimento dos homens. Ella também tem a sua historia, que é a his-troio do desenvolvimento do espirito humano no sentido em que o orienta. É, primeiramente, a simples verificação da constância de certo phenomeno, após, a sua generalização, e ainda depois a apprehensão das suas consequencias, neste ou naquelle dominio da vida.

As leis da razão historica, as leis que a experiência dos seculos ha verificado, são pois como os dogmas, necessidades permanentes do espirito humano, que como que lhe servem de lastro para que navegue com mais segurança pelo mar eternamente desconhecido, através do qual busca a realização dos seus idéaes. Também como os do-

mas se transformam ou evoluem, mas como dizia o grande pensador norte-americano, nós é que evoluemos dentro delles, conhecendo-os melhor, penetrando mais sabiamente a sua intima contextura.

Por conseguinte, dirá todo homem que de corpo e alma se dê a esse partido da experiencia: "Se tenho a certeza de que é possível uma bem mais elevada justiça social, quem primeiro della se deve mostrar crente, sou eu proprio, e a minha attitude pratica deve ser igual á do sabio no seu laboratorio, que não será com blasphemia, gritos e revoltas que seguirá nas suas pesquisas, mas com obediencia ás leis que regulam as relações entre a sua subjectividade e o mundo exterior, com paciência ante as falhas do seu proprio instrumento, as esquivanças da luz, e a complexidade perturbadora das relações que vae descobrindo e demonstrando-lhe a ingenua simplicidade das suas -primitivas idéas".

Quem quizer resumir, por exemplo, a historia do mundo occidental, fará a verificação de que estas são as suas linhas geraes: — As injustiças naturaes de uma civilização que a Igreja Catholica, pouco a pouco, conseguira impor, a custo do mais terrível esforço intellectual, a custo dos mais ingentes sacrificios e dos mais nobres martyrios, a um mundo cujos principaes elementos eram as perversões da sociedade paga em decadencia e os aggressivos instinctos do barbaro, essas injustiças, pretenderam os chefes victoriosos do monstruoso crime, que foi a

Reforma, destruir pela violencia das paixões desbridadas, que eram então tudo quanto se chamava Razão, Consciência moral, Liberdade religiosa.

Pode-se dizer que, pela primeira vez, assim, victoriosamente, resurgiam as mesmas perversões da decadência greco-romana e a grosseiria sensual do bárbaro, na orbita do mundo christianizado. A Revolução substituiu a persuasão, a luta doutrinaria, as pacificas transformações do direito na esphera social, e de novo se viu predominar o ce-zarismo em política e o individualismo mais desenfreado, mais caracteristicamente pagão, em todos os departamentos da vida social. A revolução franceza nada mais fez que universalizar esse horrível crepúsculo da intelligencia humana, que, desde então, se deixou ficar em segundo plano, no mesmo scenario em que imperam, em seu nome, todas as baixas instinctividades, em luta que não cessa, contra todas as conquistas de uma civilização racional, feita de observação, experiencia e bom senso, no domínio intellectual, de moralidade e sacrificio, no dominio moral, de actividade informada por tudo isto no domínio pratico, propriamente economico.

Mas dessa região crepuscular ha de sahir a razão humana e ainda aqui mesmo analyzaremos os dados com que devemos contar para essa salutar reacção, contra os instinctos revolucionarios do paganismo sobrevivente, mas ainda — veremos — não victorio-

so— e nem mesmo convicto de que o será —
dessa eterna seiva christã de que realmente vive
tudo o que ha de verdadeiramente forte e são neste
mundo.

II

O GRANDE observador e domador de homens que foi Th. Roosevelt, poudes escrever, num dos seus ultimos annos de vida, estas palavras citadas pelo senador francez Lamarzelle, no seu livro "A anarchia no mundo moderno": "Antes de cem annos não haverá mais no mundo civilizado senão catholicos e livres pensadores."

Não era propriamente uma prophesia o que fazia Roosevelt, era a confissão da sua experiencia, a synthese do que pudera ver e saber do que se passava, não só em sua poderosa patria, como na França, na Allemanha, na Inglaterra, na Hollanda e em todos os paizes da civilização Occidental.

A reacção intellectual contra as idéas, ou melhor, contra o sectarismo philosophico do seculo XVIII, iniciada já no seu ultimo quartel, pelas perigosas clivagações dos Saint-Martin, mas logo systematizada por José de Maistre, de Bonald e até por protestantes

como Malet du Pin, a verdade é que não teve mais solução de continuidade e a obra dos Lacordaire, Montalembert, Veuillot, Gorres, Fr. Schlegel, Baader, Newmann e centenas de outros, nos principaes paizes europeus, no decorrer do século XIX, levou á ordem pratica esse enorme impulso christão que, de Leão XIII até os nossos dias, vae cada vez mais poderosamente, no campo da luta, fundindo em dous únicos exércitos as facções que disputam o governo do mundo.

A Igreja attrae todos os homens de bom senso, amantes da ordem racional, e todos os corações desgraçados, despedaçados pela rudez desse embate, todos os que crêem numa justiça eterna; o livre pensamento é a finalidade, a consequência lógica a que são arrastados todos os que se revoltam contra a autoridade, fundamento da ordem humana e imagem da eterna justiça.

Todas as seitas e seitazinhas, ora mais perigosas, ora mais ridiculas, fundir-se-ão na actividade geral desses dous partidos, os unicos que, de facto, merecem as honras da luta. Mas, no Brazil, cujas circumstancias historicas fizeram um cadinho de todas as misérias européas, deve ser muito mais renhido o combate entre os que representam a ordem, a civilização christã e os que, conscientemente ou não, nelle fazem a remanencia do paganismo, com todas as suas consequências no dominio social: o mais estúpido individualismo plutocratico e a mais irracional revolta, da parte dos opprimidos, contra toda especie de autoridade.

Se as nossas chamadas classes conservadoras derem ainda um exemplo de desrespeito ás leis estabelecidas, se dellas próprias partir mais um movimento de acção indisciplinada e, ao invés de corrigirem numa pratica paciente todos os erros do systema nacional, appellarem, mais uma vez, para a violência, a aposta revolucionaria, pouco se deve esperar do futuro desta Nação, pois, se ha alguma lei historica, esta ha de ser a de mais fácil verificação: todo povo que não sabe domar-se nas suas paixões de momento e se faz presa dos instinctos revolucionarios, todo o povo que se deixa guiar pelas mediocridades cujo unico brilho é a impaciencia, toda nação em que o phenomeno da demagogia domina, na esphera politica, as rudes provações do seu espirito historico — é, mais tarde ou mais cedo, objecto de irreconciliaveis divisões entre os proprios filhos, organização que desaparece na luta entre interesses oppostos, e, por fim, pasto da ambição estrangeira .

Chegou a hora, no Brazil, em que é preciso, da parte de todos os verdadeiros patriotas, o sacrificio de todas as vaidades e a conjunção de todas as virtudes para a conquista da unica, collectiva, que totalmente nos falta: a paciência.

Não somos, realmente, um paiz de profundas agitações revolucionárias e isto faz com que pareçamos, como povo, pacientes e ordeiros. Mas a falta de profundeza em nossa agitação é justamente porque a impaciencia é mesmo a força, até agora, domi-

nante em nossa historia, e passamos de uma aspiração do bem a uma aspiração do mal, ou vice-versa, sem dar tempo a que qualquer dellas se desenvolva ou se objective.

Se não adquirimos, sobre a base dessa virtude, a certeza, a absoluta certeza de que todos os erros da nossa organização social poderão ser destruidos — mas só o serão pelo trabalho lento e consciencioso dessas mesmas classes conservadoras, trabalho de adaptação, de destreza intellectual e sobretudo de moderação que, pouco a pouco, nos divorcie deste monstro de irracionalidade que é o racionalismo radical em politica; se não adquirimos, no soffrimento, que liga todos, grandes e pequenos, a vontade firme de depurar o systema nacional de alguns dos seus, provadamente, inadaptaveis empréstimos, de todo estranhos e mesmo oppostos ao que nos é historicamente essencial — então o Brazil está mesmo fadado a ser mercado de todos os povos, mas não uma Pátria, no verdadeiro sentido da palavra.

Uma coisa que é preciso notar é que, quando falo de classes conservadoras, não o faço senão por estar convicto de que ellas, entre nós, como na Rússia, não são nem foram jamais oppressoras. Ellas são o meio termo entre os oppressores de cada momento e os soffredores de sempre, mais até que meio termo: a massa intelligente e trabalhadora, que se compõe de tudo que não seja o excesso de ambição e o total exgotamento, que se compõe de tudo que não seja o excesso de poder ou de miseria social.

Uma outra coisa que se impõe, porém, é a convicção de que a hora decisiva da vida politica nacional vem de soar, por isto .que já é mesmo no seio das nossas classes mais responsáveis — os politicos e os militares — que se levanta a espumarada venenosa dessa latente revolução em que temos vivido, desde o ultimo periodo do reinado de Pedro II, revolução que não se restringe ao ataque ao poder mas a todos os bons costumes, a toda moral dogmatica, única sobre que pôde repousar a vida política de um povo. Ha cincoenta an-nos que o que costume chamar os nossos "dogmas nacionaes", todo o espirito christão da nossa nacionalidade, como que estão suf-focados sob a ameaça permanente dessa onda de impaciência e de descriterio, que varre de momento a momento a terra firme da civilização brasileira, tão firme que ainda não se dissolveu sob a acção corrosiva dessas aguas envenenadas por todas as podridões do Occidente.

Chegou o momento de reagir ou morrer, morrer como povo. É preciso formar-se, definitivamente, entre nós, esse partido da experiencia, que pôde assim synthetizar o seu programma: amor da ordem, horror á revolução. Um unico Tribunal de Honra deve reconhecer a Nação neste momento: o de todas as consciências que se saibam manter, sejam quaes forem as paixões agitadas e partam de onde partirem os gritos de revolta, dentro da mais absoluta, da mais rigorosa legalidade.

Se a Constituição política, que a imprudencia militar e sectária nos fez adoptar, já

deu provas bastantes de não estar em harmonia com a nossa educação e o nosso temperamento, ha meios legaes, que ella própria assegura, de reformal-a, sendo bom não esquecer que essas mesmas veixações, que ella nos tenha causado, não podem ser desprezadas como inuteis, por quem desapaixonadamente estude a nossa historia. Foram escola, amarga, sim, mas a melhor, para o aperfeiçoamento do nosso senso politico, que deve ser, como o de todos os povos dignos da civilização, não uma pura entidade de razão, e origem de um systema traçado no ar, mas o senso da "totalidade humana", que somos, como diria Chamberlain, isto é, um mixto de razão e sentimento, capaz de produzir uma ordem de conceitos fundados na mais legitima experiencia.

Os Mios Peçanhas, os Borges de Medeiros, os remanescentes do tenentismo que fez a Republica, com estes não poderá contar a Nação, se quizer viver livre e respeitada.

Ella precisa de paz, que só a legalidade pôde garantir, e só a victoria dos que defendem esta contra as ambições caudilhescas deste momento será garantia de que não é uma desgraça ser brasileiro, ter nascido sobre terra uberrima e feraz e não ter tido a dignidade de saber implantar, sobre base tão solida, a solidez de principios moraes, que fazem propriamente o que se pôde chamar uma Patria.

POLITICA DA EXPERIENCIA

ESTOU entre aquelles que, por temperamento, repellem os alarmas exag-gerados com que certos individuos parecem, de antemão, querer justificar o medo com que se portariam amanhã, se aqui, na capital da Republica, um movimento revolucionario viesse, de facto, a fazer-se sentir, em toda a sua brutal realidade.

Não supporto, porém, essa fingida confiança, esse ar fanfarrão, esse falsissimo tom de mofa com que uns tantos outros individuos, amantes ou interessados da legalidade, se referem ás ameaças de subversão da ordem publica, evidentes nas palavras do sr. Nilo Peçanha e de todos os que de bôa ou de má fé o acompanham nesta miseravel, nesta infame, infamissima campanha de desmoralização da sociedade brazileira, de que somos testemunhas de alguns mezes para cá. Infame, infamissima campanha, nem sempre nas suas intenções, concedo, pois não é difficil verificar que pôde originar-se ,algu-

mas vezes, de indubitavel bôa fé. Mas infame, infamissima nas suas conseqüências, já agora facilmente apprehensíveis, pois é mais claro do que a luz do dia que, se continuamos a palmilhar o mesmo negro labyrintho em que se vae perdendo o senso da unidade nacional, o Brazil, mole immensa mas fracamente argamassada, ruirá despedaçar-se-á ao peso da propria miseria dos filhos indignos da sua não solidificada grandeza.

Ora, uma revolução neste momento da nossa vida, no momento mesmo em que parecíamos entrar a normalidade de um regimen imposto pela mais imbecil das revoluções, mas afinal aceito e já agora conscientemente, será não só a desgraça presente mas a causa de muitas outras, de tantas revoluções, por exemplo, quantas forem necessarias ao completo aniquilamento do systema nacional. Será, por assim dizer, a consolidação de um paradoxal permanente estado revolucionario, de um singular perpetuo vir a ser político, que equivalerá ao nada, do ponto de vista collectivo.

Mas por que seja assim tão grave a perspectiva nem por isto podemos fugir á sua dolorosa imposição. Ninguém póde affirmar que o schisma politico, negação (como todo schisma) deste ser collectivo, que somos, não tenha mais probabilidades de victoria do que a ordem, que é a manifestação da vida normal, dado que, se bem estudamos o nosso pequeno passado historico, de nação theoreticamente livre, não ha como esquecer que a athmosphera politica que têm respirado as

gerações brasileiras, da Independência para cá, tem sido uma *athmosphera* essencialmente revolucionaria, uma *athmosphera* mais propicia á negação que á afirmação, somente, até hoje, menos perigosa porque, sobre a massa gerai da população, ainda a religião nacional imprime o seu sello de hierarchização e disciplina, senão com a força que fora de desejar, pelo menos, o bastante para mantel-a respeitosa, resignada ante os detentores do poder.

Esta força, porém, combatida pela intensa laicisação da parte mesmo dos que nos governam, só sobrenaturalmente poderia resistir, por muito tempo, ás paixões de uma violenta minoria, armada, ainda por cima, dessa, a mais terrível força entre as que revolvem a vida dos Estados: a da ambição sem sombra de pudor e de critério, cujo sombrio lemma é o "Custe o que custar".

Queiram ou não queiram os idealistas de todos os matizes, uma revolução, neste momento, como em todos os momentos de irritação, de agitação social — é possível, muito possível, porque nunca revolução alguma foi feita pelo povo nem para o povo e sim, sempre e sempre, por uns poucos ambiciosos, que sabem explorar a ignorancia popular, seja esta da que se reúne na praça publica ou da que é suggestionada nos quartéis.

Este dado não deve ser esquecido pelos que agora representam, entre nós, a autoridade, isto é, a protecção do povo constantemente ameaçado pela própria cegueira. E é por isto que o governo actual, por mais con-

fiança que sinta nos seus proprios recursos, nas suas proprias ordenadas energias, não deve perder de vista aquella máxima que já de uma feita lhe lembrei: "um pouco de receio faz sempre parte da verdadeira coragem".

"A politica — dizia José de Maistre — é como a physica, só uma é bôa: a experimental."

Ora, o que nos ensina a experiencia, a experiencia da nossa mesma historia, é a temibilidade das minorias conscientes de que só pela força se podem impor.

E outra lição é a de que essa mesma temibilidade cresce á medida que a agitação popular, de provocada e artificial, se vae fazendo natural, por isto mesmo que o numero de interesses reaes contrariados e ameaçados vae se fazendo maior na proporção, que o conflicto se generaliza.

No nosso caso particular, é bom accentuar que a alliança do que ha de mais estragado na collectividade com qualquer grupilho de incendiarios, é ainda mais para temer, pois nunca será de mais repetir que os nossos dirigentes, de cincoenta annos para cá, senão de mais longe, tudo fizeram para que a nossa ordem politica como que repousasse sobre um plano inclinado de sophismas, onde o repouso, no verdadeiro sentido da palavra, será sempre mais desejo que realidade. Deste modo só a força, a força organizada e posta a serviço systematico da lei, e posta do modo mais positivo, mais duro, mais forte, mais cruel, quando assim fôr pre-

ciso, será capaz de crear, por sua vez, uma ordem natural de respeito politico, capaz de beneficiarnos, senão a nós, aos nossos filhos, com as vantagens do que se pôde em verdade chamar uma pátria forte e respeitada. Esta que ahi está é uma pura provocação, um systema artificial, quero dizer, de concorrer para ordem natural, de que somos capazes, assim como as agitações de momento nada mais são que o impulso artificial que poderá levarnos, entretanto, á absoluta anarchia e ao completo esphacelamento politico .

Cabe aos que têm em mãos o instrumento constitucional, não descuidar, não vacillar, não se deixar illudir, nem pelas miragens do medo nem pelas miragens de uma pouco sagaz confiança.

A constituição de um paiz só se faz realmente na "pratica", no exercicio, por assim dizer, das suas leis, na resistênciã que sabe oppôr a tudo quanto se lhe oppõe.

Daqui até 15 de novembro se saberá, por exemplo, se o Brazil tem mesmo uma Constituição politica.

Aos que descrêm delia, só um papel lhes fica bem: atacar, derruir, derrubar esse castello de papel.

Ao governo, que nella unicamente se funda, só um outro lhe cabe: defendel-a a todo o custo, vigorosa, rigorosamente.

E não errará se seguir a norma clássica de Floriano: "Confiar desconfiando".

QUE LHES RESTA?

Trinta annos ha que dura minha carreira filozofica e social, e sempre senti um profundo desprezo pelo que se tem chamado, sob nossos diversos regimens, a opposição, e uma secreta afinidade pelos constructores quaesquer. — A. COMTE.

(Cat. Positivista, pag. 2, da trad. braz. feita por Miguel Lemos).

MAO grado tantas feições intellectuaes mesquinhas e mesmo amesquinhantes, o Positivismo, sendo como é, do ponto de vista religioso, um decalque da Egreja Catholica, não podia deixar de reflectir algumas das virtudes desta, a maior escola de caracteres, que já foi possivel admirar-se sobre a terra.

Dahi vem que seria injustiça negar que, no Brazil, a egrejinha positivista tem sido servida por um grupo de homens reconheci-

damente dignos de respeito, como homens de caracter.

Só a Egreja Catholica offerece aqui, como em toda a parte, typos sociaes que se lhes possam comparar, pela firmeza das convicções, por essa intransigencia doutrinaria que é a unica força moral — tenha a contextura intima que tiver — capaz de oppor-se victoriosamente á anarchia e ao abastardamento intellectual, de que soffre a civilização contemporanea .

Ora, esta questão da firmeza das convicções é tão importante, ha tanta necessidade de tal firmeza, em qualquer dominio da vida publica brasileira, actualmente, que cheguei até a convencer-me de que nos é mais util o exemplo mesmo de um anarchis-ta extremado ao de um çatholico de meia cara. Vou além: prefiro o exemplo do senador Azeredo fazendo a defesa das suas convicções de jogador, em pleno Senado, ao de qualquer desses indivíduos incolores, que são sempre o typo perfeito .da honradez e do bom senso, sem que se lhes conheça um só acto de energia, de franqueza, de luta declarada contra seja o que fôr.

Algumas viboras do anonymato têm estranhado a minha admiração pelo Positivismo: a razão delia aqui fica bem claramente exposta, e é só neste sentido que realmente a tenho. Nós, catholicos, já sabemos o que são os positivistas tanto para o bem como para o mal. Que mais e melhor se pode esperar de um inimigo do que a franqueza?

Por isto também se nos alegra o coração toda a vez que verificamos que estão comnosco e comnosco se batem por esta ou aquella realização de ordem social, porque estamos certos de que não os move senão o impulso da propria crença, e não lhes altera o amor da verdade, a certeza de que os seus mais intransigentes adversarios também a amam.

Nesta questão da successão presidencial, por exemplo, entre os officiaes do Exercito que tão insensantemente deram provas de apoio ao partido da desordem, da completa anarchização da nossa vida politica, para falar com franqueza só me preocupava a mesma opinião, grosseiramente revolucionaria, partida de positivistas conhecidos e como taes respeitados. Era isto, a meu ver, um tremendo symptoma de absoluta desmoralização do regimen republicano.

Catholico revolucionário é absurdo, tão grande, que se pode jurar deante de quem quer que como tal se apresente: ou que não é catholico ou que não é revolucionario. Mas dado o "aproveitamento", que fez A. Comte, de umas tantas significações moraes da Revolução Franceza, é sempre de temer que um positivista não o saiba bem apprehender na systematização politica do mestre, dentro dos rigores da sua lógica conservadora, eminentemente moderadora, e se deixe arrastar pelo instincto destruidor, maximmé no Brazil, onde o 15 de Novembro vale por uma illusão revolucionaria. Entretanto, a quem aprofunde a nossa historia, não será nunca diffiçil

verificar que, acertada ou erradamente, o facto é que a Republica era uma tendência natural em nossa sociedade que, neste ponto, se não differençava de todos os mais povos do svstema americano.

De modo mie a revolução de caracter militar, como se deu. foi simnlesmente um erro, uma violência absolutamente desnecessária, que tem sido e ainda é a causa da insegurança renublicana. **A Republica far-se-ia no Brazil, estou certo, assim como se fez a libertação dos escravos, por forza de lei, isto é, por imposição pacifica mas irresistivel das convicções entre as classes dirigentes.**

Á revolução armada, Pedro II, se não fosse o revolucionário inconsciente que foi, deveria ter onposto resistência, porque a verdade é oue ella não nos deu a Republica mas, sim, na Republica, o enfraquecimento da autoridade, a desordem moral em que todos mais ou menos temos vivido, em relação ás nossas aspirações de ordem politica.

Por tudo isto, porque um positivista de verdade não pode esquecer as claras, terminantes palavras de A. Comte contra toda espécie de opposicionismo, não era pequeno o meu espanto ao ver as manifestações de solidariedade de intransigentes positivistas com o opposicionismo rubro, revolucionario, anarchizador, e miserável mesmo, e mesmo infame, que se levantou ultimamente, no seio da sociedade brasileira, não só contra a consciencia politica das suas classes conservadoras mas até contra as autoridades legalmente

constituídas, dentro da normalidade de um regimen de que elles proprios, os positivistas, são grandemente responsáveis.

Mas suppunha eu, e com muitas razões em favor da minha supposição, que nem tudo estava perdido neste sentido, pois ainda não se fizera ouvir a palavra do sr. Teixeira Mendes, incontestavelmente a maior autoridade moral e intellectual entre os remanescentes da ex-poderosa egrejinha comtista, e respeitado, venerado mesmo por todo e qualquer homem de bem, pertença ao partido, á crença que pertencer.

Dahi também a nenhuma surpresa minha ao ler a extraordinária lição de bom senso e de moralidade política, crae esse homem digno por excellencia, vem de dar aos seus irrequietos discípulos, sejam elles simples tenentes do Exercito, ou ditadores constitucionaes.

O que o sr. Teixeira Mendes lhes disse é o que eu, ura pobre diabo, já dez vezes tinha dito só porque mesmo assim — pobre diabo — cheguei bem cedo á certeza de que a peor das legalidades ainda seria mais benefica ao Brazil, neste momento, que a melhor revolução. Que liberdade seria essa que nos promettiam os enxovalhadores da família brazileira, os indisciplinadores do nosso Exercito?

Como crer na duração de uma liberdade que começa pela gangrena? perguntava José de Maistre.

Não seria um homem como o sr. Teixeira Mendes quem nella acreditasse, maximé nes-

te mesmo paiz onde melhor que ninguém tem podido ver? que os homens raramente valem o aue vale amais mediocre das leis ao certo é que poucos têm sabido executal-as cabalmente.

AO FULGOR DAS NOVAS
AMEAÇAS

O uso do cachimbo faz realmente a bocca torta..
. Porque quem diria que o sr. Nilo Peçanha, á primeira exarcebação mais forte da sua vaidade daria em bolchevista, em revolucionario vermelho, se transformaria nesse magro Danton, que agora nos assombra, elle, a excellencia mais pernostica do nosso condoreirismo politico, o tradicional mala-barista da corda bamba republicana?

Era um perigo social o seu lyrismo, de agudas e altas notas, e ninguém o adivinhara! Era uma espada de fogo a sua vara de equilibrista, e ninguém o descobria!

Deus nos acuda, a nós, brasileiros!

Estamos a braços com um desses "azes" da Historia e não ha geito talvez de ficarmos socegados, a viver pacificamente a nossa doce mediocridade... Temos que progredir á força, temos que subir a toque de caixa a Íngreme montanha da gloria!

Mestre Nilo não admite vacillações, não admite temor. A liberdade tem que ser conquistada, hão de ser derrubados os dominadores, a revolução é a única constituição que nos serve!

Dizia Gustavo Adolpho, se não me engano, e, se foi elle, sabia bem o que dizia, que os povos pagam caro a imaginação dos seus grandes homens. É o nosso caso. Não pôde haver imaginação de cabellereiro mais ardente que a do sr. Nilo Peçanha. E não se deve esquecer aquella palavra do philosopho de que os apaixonados apaixonam. A principio timidamente, porque já de uma feita o sr. Edmundo Bittencourt rudemente o ameaçara, foi o sr. Nilo treslendo as iras do "Correio". Seu ardor poético não chegava até o ponto de fazer sua toda aquella loucura. Imaginação, não lhe faltava, realmente, e não havia pata de aranha politica que se lhe não afigurasse braço forte de entusiasmo popular, apontando-lhe a victoria. Mas dahi até imaginar-se á frente de um exercito, varrendo ruas, espatifando bastilhas, dominando legiões, fusilando tyrannos, destruindo codigos e leis, em nome do seu Código e das suas leis de justiça, ainda era muita a distancia. O sr. Nilo beijava na rua a democracia mas ainda não acreditava que ella o sagraesse o seu soldado, o seu máximo guerreiro, incontrastavel batalhador.

Não ha, porém, como fugir á influencia das más leituras, e o sr. Nilo se acostumara a ler o "Correio". Aquella falada, aquella de antes tão temida coragem do Edmundo,

aquelle nobre despreso da paz, aquella eterno ar de mata mouros, de papão da Republica, tudo aquillo foi pouco a pouco reflectindo em sua alma, se lhe infiltrando no coração. Viver perigosamente! que belleza, que novidade immensa em sua vida! Amara a Republica, agora a ambicionava, toda, todinha, todinha para os compridos braços do seu renovado animo.

"La vie tumultueuse est agréable aux grands esprits... Qu'une vie est heureuse quand elle commence par l'amour et qu'elle finit par l'ambition! La vie de têtêpête, su-premi, frappe et penetre".

Não que o sr. Nilo lesse Pascal. Não. Bastava-lhe a prosa do sr. Edmundo, e a alteração da sua psychologia de simplesmente condoreira em francamente bellicosa, foi obra de poucos mezes.

Elle ahí está agora para escandalo de mediocres, daquelles de que dizia o mesmo Pascal que *"ils sont machines partout"...*

A Republica está assim ameaçada de salvação e só nos falta agora saber se o novo Simão Bacamarte se trancafiará também, por fim, na sua Casa Verde.

Mas, realmente, não ha só sorrir a essas evidentes manifestações de loucura.

Um paiz em que homens reconhecidamente serios, reconhecidamente intelligentes, como o sr. Teixeira Mendes, por exemplo, para evitar uma revolução — ainda, graças a Deus, considerada a maior das desgraças — aceitam um alvitre tão ridiculo, tão idiota como esse de um tribunal de honra que, antes

de decidir seja o que for, já representa o juízo formal de que os seus políticos são todos uns patifes, sem dignidade nem brio nem consciencia; um paiz em que multidão de militares, isto é, o que deve haver de mais amante da disciplina, da ordem, da hierarchia, da lei, baseando-se num documento que, quando fosse verdadeiro, seria de character absolutamente privado, e homens de honra jamais tornariam publico, um paiz em que multidão de militares, baseando-se num tal documento, se julga desobrigada de respeitar o que decidir a nação, e serve de pedestal á fantastica maluqueira da primeira co-rista que veste as roupagens de Magdalena em escuras vigílias civicas, é positivamente um caso serio de debilidade mental collectiva, de vocação para o ridiculo, o que, certamente, não impedirá a tendência também para o suicidio.

Não falo á gente velha, a toda essa gente afundada, ha trinta annos, no caldo podre "desta" Republica, obra de acaso, se assim se pode dizer, producto de occasião, feita sem fé e sem fé mantida, até que as novas gerações, já agora no scenario propriamente politico, como que retomaram o fio instinctivo do nosso republicanismo tradicional. Não falo a essa gente. Pela legalidade ou contra a legalidade só uma força a moverá agora, como sempre: a do interesse. Falo, sim, aos moços, áquelles mesmos que, tendo, já penetrado esse domínio político, em que se decide do destino da nação, são os primeiros verdadeiros republicanos, que o Brazil co-

nhece, isto é, áquelles que não a querem mais obra de sectários e pedantes, jacobinos e demagogos, rethoricos imbecis e mesquinhos negativistas, mas a harmonia do bom senso que nos é natural e da consciência moral, que a temos christã, histórica, fundamentalmente christã, inimiga de toda desordem, de todo excesso, de toda especie de anarchia.

É estarem alertas, dispostos a oppôr a serena força das suas consciencias, a esse ultimo arranco do desorientado espirito da geração de demagogos e militaristas, que, de certo passageiramente, desde 89 entretanto, vem perturbando a alma hrazileira.

Não ha que desesperar nunca de um povo aue assenta a sua civilização na rocha do ensinamento christão. Elle pode ser presa da revolução em dado momento, mas dominal-a-á, vencel-a-á, pela imposição mesma do multi-secular exemplo de ordem, de respeito á autoridade, que a Igreja lhe dá.

No Brazil, actualmente, não é a nação, o povo, como á primeira vista pode parecer, quem se está a atolar no ridiculo e a fazer a apologia do suicidio.

E pelo contrario, essa mesma legião dos ridiculos passados, das passadas tentativas de suicidio nacional: a velha guarda do sectarismo jacobino, alimentada pelo mais reles philosophismo, que a historia registra, toda declamação de logares communs, toda mal cheirosa de regeneração de porta de café ou de fundos de quartel. Não tem duvida que ella ainda faz adeptos — que a imbecilidade humana é sem limites no espaço e no

tempo — mas a verdade é que já é bem magra a sua figura, bem triste o seu largo gesto melodramatico... Outras aspirações, outros ideaes, nobres aspirações, idéas de verdade, rodeam-na, indifferentes ao seu enthusiasmo, á sua injuria, ás suas blasphemias e estafadas odes.

Mestre Nilo foi um Thomaz de Alencar, um dos muitos dessa multidão de salvadores da patria, mesmo quando esta não estava em perigo. Quer ser agora o ultimo coronel com-mandante desses velhos generaes, desses velhos almirantes a quem a velhice não deu um pingo de juizo, deixando-lhes intacta, a par do destemor romântico, a bossa do ridiculo.

Do ponto de vista do futuro não ha muito que temer dessa gente. Todavia ainda vive, e presa da mesma insensatez. Nunca é demais cuidado com doidos.

A loucura, mesmo a maluquice mais ridicula tem, ás vezes, de repente, accessos perigosos .

CONTRA OS SOPHISMAS DE SEMPRE

NENHUMA philosophia política mais do que a do redivivo de Ronald pôde proteger o Brazil da duvida de si mesmo... Em verdade, para o sabio doutrinário da contra-revolução no mundo Occidental, não se deve distinguir uma nação pela raça e sim pelo character, formação natural e historica, em que a raça entra somente como um elemento, de muito menor valor que a educação.

Outro dado com que é preciso contar sempre em qualquer apreciação do facto politico, é que a nação, propriamente, a nação como personalidade politica, não é todo o elemento humano, a que ella vae imprimindo as suas characteristics, mas somente aquelle que já assim foi definitivamente ca-racterisado, levantado á ordem da sua cidadania, interessado e responsável directo no systema de leis, que a nação adoptou. É o homem politico, essencialmente politico,

quem, na realidade, a constitue; tudo o mais é como o nada de que a força intelligente do Estado vae tirando novos elementos para a dramaticidade da sua vida.

Assim é na ordem política, definidamente política, que se pôde verificar o caracter de um povo e quanto mais responsavel é um homem, desse ponto de vista, mais responsável é, ipso facto, em relação ao que representa, a olhos estranhos, o caracter da nação.

Ora, é preciso que se convençam os nossos politicos profissionaes, e de uma vez por todas, que o caracter brasileiro não pôde continuar por mais tempo, sob pena de apagar-se por completo, e com elle a nação, a patria que somos, sujeito a um systema de mentiras, que ainda uma rigorosa educação da coragem civica, poderá corrigir. Também a coragem se educa, pôde ser educada. E é preciso quanto antes que eduquemos a nossa, isto é, fortaleçamol-a com o estudo das questões que mais interessam a integridade nacional, e certos de que é na pratica que toda e qualquer verdade a si mesmo se aclara, se completa, e passa a ser substancia da vontade, de que depende a coragem civica, assim como outra qualquer espécie de coragem.

Uma dessas questões de alto relevo no conjuncto da vida nacional, sobre a qual é necessario dizer a verdade toda, em toda a sua extensão, é, não resta duvida, a questão militar.

E, é já agora, clarissimo, evidente, que este systema de mentiras, de meias palavras,

de subterfúgios não dá resultado proveitoso á nação, não lhe permite viver socegradamente.

É preciso falar com franquesa, com rudeza, com a perigosa sinceridade que, unica, é capaz de levantar ânimos, crear energias, acordar consciencias.

Aos homens das gerações que dominam o presente em nossa ordem politica, a verdade creará talvez grandes embaraços, custará injustiças, desgraças, tudo o que se deve esperar da prepotencia covarde a serviço da. maior estreiteza de espirito.

Pouco importa. Não ha victorias para quem não soffreu e lutou. Ás gerações que virão depois de nós, legaremos a fortuna das nossas convicções, guardadas a custo de immensos sacrificios pela dignidade do Brazil.

Estas convicções frutificarão. Hão de ser, fatalmente, as da nação inteira, e terão também o seu dia de claro sol.

Agora mesmo, neste mesmo Exercito, de que é preciso dizer o que tem sido em nossa vida politica, agora mesmo, neste Exercito, que já não é só composto de tarimbeiros e fanáticos positivistas ou positivoides, ella, a verdade, tenho a certeza de que já encontrará éco, e, em vez da desprezivel brutalidade, a reflexão, a analyse imparcial.

Sim, é preciso dizer claramente, informar a massa ingênua, que faz o povo, e aos romanticos do republicanismo, que nada vêm além das suas fantasias, que o Brazil não tem sido mais feliz que essas republiquetas, nossas irmãs da America, de que de vez

em quando falamos com desprezo. Não. Tem sido, pelo contrario, mais infeliz que todas ellas: victima também do caudilhismo, não do caudilhismo dos pampas nem das formações civis desorientadas, mas do caudilhismo dos quartéis, e do peor de que ha talvez noticia na orbita da civilização christã: de um disfarçado, refalsado, hypocrita, repugnante caudilhismo, feito, refeito, fortalecido, não da coragem dos seus agentes, mas da covardia, da fraqueza, da passividade dos nossos politicos, dos representantes da soberania nacional, do elemento civil emfim. Esta é a verdade pura, a verdade que resiste a todos os sophismas de cada transacção entre as leis do paiz e os que se supõem acima deltas, só porque têm armas na mão.

Estude quem quizer com seriedade a historia nacional e verificará que, de 1887 para cá, não têm sido os politicos profissionaes o peor elemento causador da anarchia da nossa vida social e, sim, o Exercito.

A chamada "questão militar" não foi resolvida com a queda da monarchia, antes se avolumou de modo incrível, se bem que nas dobras de uma assombrosa hypocrisia, desde que aluada, na sua faina perturbadora, ao fanatismo comtista. O certo é que, apesar de todas as resistências da massa civil, tal como nos últimos dias do governo de Prudente de Moraes e de Rodrigues Alves, tal como na tão mal orientada mas tão brilhante "campanha civilista", chefiada pelo conselheiro Ruy Barbosa, o certo que temos sido as victimas lastimáveis desse monstro

politico, o peor de que a historia nos fala, a que Cotegipe, com a sagacidade da sua critica, já baptisara de "Exercito deiiberante e incompativel com a liberdade civil".

É este Exercito deliberante, como que a actuar maçonicamente em toda a extensão da nossa existencia politica, sobreposto, ora como juiz, ora como dictador, a todos os órgãos da soberania nacional, a força que nos reduz á fraquesa, como povo civilisado. É elle o alimento da mentalidade revolucionaria, entre nós, dessa que já realmente se estende muito além d'elle, e ameaça o paiz de divisão, de esfrangalhamento, de aniquilamento total, porque teremos tantas portas abertas á ambição estrangeira, quantos forem os retalhos dessa mesma dignidade nacional, assim dividida.

Além disto, que vale moralmente a força armada sem disciplina, sem cohesão, se não vive só para o sacrificio supremo na defesa do paiz?

Ella propria passa a ser uma força que a si mesma se amesquinha e se annulla, como pode servir de prova, em relação ao nosso caso, esse mesmo quadriennio Hermes, imposto pelo Exercito, e em que este não foi das menores victimas da anarchia estabelecida .

É isto, felizmente, o que a grande maioria do Exercito já comprehende, se bem que, na pratica, ainda se a possa ver, sob o nevoeiro das explorações da politicagem inescrupulosa, debater-se em attitudes contradigas, de lastimavel dubiedade.

Uma certesa, porém, já pôde ter o Brazil e é que, pelo menos, o que ha de mais alto na mentalidade das forças armadas, em nossos dias, já constitue um respeitável agrupamento de consciências, animadas de um novo espirito, eminentemente constructor, de todo dedicadas a transformar a perigosa tendência deliberante da sua classe, em intransigente amor da disciplina e da lei, em reconhecimento de uma ordem juridica, que não pôde ser derogada por interesses ou opiniões de nenhuma classe, seja civil, seja militar.

Todo o mundo sabe que a chamada Reacção Republicana, não teria tido o minimc valor politico, na questão das candidaturas á Presidência da Republica, se não fora que, ao seu núcleo de demagogos ridiculos, se tivessem aluado as prestigiosas figuras dos srs. Seabra e Borges de Medeiros, mas sobretudo essa massa movediça e incerta que nas nossas forças armadas, ainda age ao sabor daquella condemnavel tendencia caudilhesca. O ultimo recurso de que se valeu mesmo a dissidencia para annullar a vontade nacional, expressa nas urnas, foi, como se viu, fazer suppor que tudo estava minado no Exercito e na Marinha, e que era preciso um accordo entre a nossa Lei basica — que é, no momento, o que representa a eleição do sr. Bernardes — e os seus espesinhadores, como se fosse possivel e desejavel essas tão clara prova de falta de character dos nossos homens publicos.

Já se sabe também que á dignidade constitucional do paiz, encarnada nas pessoas

dos srs. Bernardes, Washington Luis e Raul Soares não faltou a necessária virtude e coragem para repellir absolutamente pacto tão vergonhoso. É uma verdade que não está mais em jogo a pessoa do sr. Bernardes mas, sim, a Constituição do paiz. O sr. Bernardes, nem os politicos que o apoiam, não têm o direito, assim como os que o combatem, de sobrepor as suas vontades á vontade da nação, que elles próprios deram logar a que se manifestasse .

Para ser digno do respeito do pais, que o elegeu, o sr. Bernardes tem que ser derrubado, assassinado, tudo o que quizerem fazer os que se arvoram em detentores da força, entre nós, mas jamais ceder ante as ameaças.

A responsabilidade da violencia caberá a quem de direito.

Esta é que é a única doutrina e a unica pratica, que podem fazer respeitada a lei em nossa vida publica, respeito de que depende toda a nossa civilização, como a de qualquer outro povo.

Além disto é mesmo em ajuda dessa parte sã das forças armadas, que toda a nação deve levantar-se, cohesa, fortalecida da fé civil.

Como esses nobres officiaes, que tudo vão arriscando em defesa da legalidade, e tudo vão fazendo para que de todo se affaste o máo espirito de caudilhagem dos seus irreflectidos camaradas, poderão mais crer na efficacia das suas aspirações, se nós proprios, os civis, se os proprios politicos os

abandonam, aos primeiros ameaços da tempestade?

Não, de modo algum ha de ceder o Brazil, o Brazil organizado, civilizado, consciente de direitos e deveres, a essas tristes remanescencias do agitado periodo de transição para a Republica.

O nosso character de povo antimilitarista não está mais por fazer-se, já está feito.

Queremos todos um Exercito digno da nossa missão civilizadora no Continente, mas Deus nos ha de livrar de governos militares, disfarçados ou não.

DA BOA E DA MÁ INTOLERANCIA

DÁ gosto ler o discurso com que o sr. Carlos Penafiel provou, segundo diz um certo vespertino, que "a maioria da Câmara está contra a maioria da nação". Não é que sophisma tão grosseiro valha um commentario. A nação não é, propriamente, uma fabrica de titulos. bombásticos e perfidiasinhas venenosas, e está tão viva, tão digna de respeito, no mandato do sr. Penafiel como no de qualquer dos seus legitimos representantes, venha de onde vier, de São Paulo ou de Minas, de Matto Grosso ou de Goyaz, da Parahyba ou do Amazonas.

Não só o Rio Grande do Sul tem tradições a zelar na Republica, e até, mesmo entre esses Estados do norte, a que se parece alludir com desprezo, muitos ha que não podem temer comparações, dentro da historia nacional, entre as suas tradições de civismo e as do grande Estado sulista. Mais ainda: muitos ha, menos ajudados pela União, que

têm direitos, sempre, até hoje, esquecidos, e nunca dramaticamente revidados, a exercer a mesma vigilância do Rio Grande do Sul sobre "os festins de Balthazar".

Também não é o estylo do sr. Penafiel o que nos empolga. Em verdade, o deputado gaúcho, quando fala em "presidentes que exercem, no Brazil, uma gravitação decisiva", em "viva força das nossas tradições republicanas cujo prestigio tem força a valer", em "transes complicadissimos para os destinos da nossa patria", em "olhos pregados a esse periscopio de vigilancia" (o exame, explica o orador, do projecto dos orçamentos), em "equilibrio e continencia do poder presidencial que devem antes de tudo brotar da caudal da cultura politica, etc", merece o nosso applauso, pois rompe, até certo ponto, com o estylo do sr. Teixeira Mendes, em prosa ou verso, e demonstra uma certa vivacidade de imaginação, não commum entre os positivistas, fortemente accentuada, uma vez, ao menos, quando relembra que, sobre a cabeça do inolvidavel Pinheiro Machado, "se cruzavam todas as coordenadas politicas do paiz".

Isto é, realmente, novo e empolgante, mas ha uma coisa mais séria a respigar no admiravel arrazoado do sr. Penafiel em prol da predominancia da continuidade sobre a solidariedade e do governo dos mortos sobre os vivos.

Essa coisa é a insinuação de que á corrente politica da maioria cabe, neste momento, de "complicadissimos transes", a respon-

sabilidade da "rigidez de intolerancia" para com os adversarios. A intolerancia, diz o pacatissimo, o vulgarissimo Sortais, é uma propriedade tão util ao mundo moral como a impenetrabilidade ao mundo physico, e horas ha — diz o bom senso — que ella somente pôde compensar o excesso de tolerancia, que é, em ultima analyse, o incognito da falta de character.

Mas não é deste ponto de vista que se deve responder ao sr. Penafiel e áquelles que, com maior ou menor intelligencia, vêm explorando a firmeza demonstrada pelo governo e a maioria do Congresso em face dos aue pretendem perturbar a ordem política. Destes, não são dos menos criminosos os que se querem valer de sophismas e illusionis-mos contra a lei magna do paiz, e o sr. Penafiel sabe perfeitamente que, da preponderância em todos os sentidos, de certos elementos politicos, na Câmara e no Senado, não depende, a esta hora, a vida econômica do Rio Grande, do Sul, nem de qualquer outro Estado da Federação, mas, sim, a resolução legal de uma questão política, a mais importante, como o reconhecimento do que as urnas eleitoraes já registraram como vontade expressa da nação no pleito presidencial. Se o deputado gaúcho confessa que, ante a mascara do Presidente imposta á Republica não tem ingenuidades, não lhe fica bem figurar de ingenuo ante os actos da maioria da Câmara nos dias que correm.

Descançado pôde ficar o Rio Grande: jamais deixará de pesar nas considerações do

Congresso Nacional, conserve-se o seu nobre povo dentro ou fora das normas de 1835 a 1889. E até não lhe será desvantajoso ter os seus policiaes á porta das salas desse periscopio (!), em que estão, propriamente, os verdadeiros convivas de Balthazar... A tentação, de longe, é menor. Mas, não é só isto.

Se é intolerancia a legitima defesa contra as ambições desvairadas de uma facção politica, que tudo tem feito para substituir a lei pelos seus interesses privados, esta não cabe á maioria da Camara.

Em todo o agitado dominio da nossa vida politica, de alguns mezes para cá, não cabe nem a Minas, nem a S. Paulo, a nenhum dos Estados que sustentaram e sustentam a candidatura Bernardes, a responsabilidade dos actos de intolerancia, no máo sentido que se pôde emprestar a esta palavra. Não têm tido os seus representantes senão a intolerancia doutrinaria, da doutrina que nasce da lei, do respeito que a lei merece, intolerancia esta que é a única força moral capaz de salvar a Republica da anarchia com que a ameaçam.

Não estão do lado da maioria — note o sr. Penafiel — os que bebem no tinteiro do sr. Edmundo Bittencourt os ensinamentos politicos. O sr. Bernardes, a quem defende essa maioria, não anda aos beijos com a democracia, nem faz viglias civicas no altar da pátria, mas também jamais appellou para a revolução, o canhão ou a dynamite, com o meio de se apoderar do poder. Não seria delles o exemplo nem de indiscrição, nem de per-

nosticismo democrático, nem de brutalidade demagógica, nem de baixa odiosidade.

O sr. Penafiel, para quem a ordem social precede á moral, para quem a verdadeira liberdade é inherente e subordinada á ordem politica, não deveria esquecer que os que a esta ameaçam não podem nunca se apresentar como mais commedidos convivas nos festins de Balthazar.

E certo de pouco vale dizer — eu, não, eu condemno as revoluções, etc, quando se vae de braço dado com ella, a arrastar o paiz ninguém sabe para que infernal festim, muito peor, muito mais degradante que o que o rei dos Medas surprehendeu.

Só a vaidade, nunca um legitimo orgulho, é causa dessa péssima intolerância, que pôde arrastar um homem ou um grupo de homens aos desatinos que fazem, por exemplo, toda a historia da chamada reacção republicano . E note, mais uma vez, o deputado gaúcho, que não me quiz valer do argumento de que, nesta questão das Commissões permanentes, foi a propria dissidencia que a si mesma se derrotou, ou aos seus melhores elementos, por mais um desses finca pés de intolerancia, que conta muito pouco com outra qualquer força um pouquinho acima delles...

Afinal, pôde ser que a política que inspira a maioria combatida pelo sr. Penafiel nao faça surgir uma só grande idéa e se contente de fabricar homens pequenos. Quem os julgará?

Do futuro da reacção republicana, com

todos os seus delirios verdes ou amarelos, não serei eu o propheta. O certo é, porém, que as suas grandes idéas, até este momento, não são maiores que as de qualquer Homais do bovarysno politico, e os seus grandes homens cresceram de mais, mas para baixo.

O sr. Penafiel, se leu os formosos artigos do sr. Amoroso Costa ou de qualquer outro sabedor dos segredos de Einstein, juro que me comprehenderá.

Se não leu, a culpa é sua.

PARA A FRENTE!

SE a democracia, não fosse até hoje, pura e simplesmente "um falso espirito", o mais sordido dos embustes á boa fé ambiciosa da maioria dos homens, a torpe sabedoria de audaciosos, que ousam explorar as sociedades mais cultas com um systema de incitamentos e louvores ás mais baixas tendências da massa popular, não fosse isto, e não só no Brazil mas em toda a parte, poder-se-ia caracterisar por um mais forte e mais imperturbavel amor da disciplina e da ordem.

De facto, dentro de um meio realmente democratico, o depositário de qualquer parcella da Autoridade — porque assim é passageiramente e por delegação da vontade collectiva — deveria como que despersonalizar-se aos olhos dos seus commandados, no sentido de que deveria soffrer, proveitosamente, durante o exercicio do seu mandato,

uma especie de completa absorpção pela funcção que lhe houvessem imposto.

Ajuda o bom senso de quem quer que seja a certeza de que a uma dada autoridade, que lhe não agrada, já está de antemão, traçado pela propria lei, um limite de tempo, em que, como tal, desapareça. E neste ponto estamos de accordo com um escriptor militar contemporaneo e nada suspeito de anti-democratico. Theodoro Pavlovitch, autor de uma explanação, sob muitos aspectos proveitosa, sobre a democracia e a disciplina do soldado. Theodor Pavlovitch crê e crê com enthusiasmo que a democracia tornou a autoridade mais poderosa, mais efficiente, mais segura de si mesma, mais respeitada, por isto que se fez mais impessoal.

Os factos, ao que nos parece, não confirmam a these desse illustre militar mas, ainda assim, estamos convictos de que é possivel formular uma lei com a experiencia delles. E é esta: dado o ideal democratico, isto é, o governo temporario de todos, não por todos, como se diz, mas por qualquer um, julgado digno por todos ou pela maioria, dado esse ideal, é certo que um povo delle se ap-proxima á medida que, em sua vida, se vae verificando um maior respeito da lei ou de quem a representa.

A maneira porque se faz valer a vontade de todos ou da maioria pôde variar sem que influa positivamente na marcha dos acontecimentos. Os homens nunca foram, não são nem serão jamais eguaes entre si

quanto a intelligencia e character. Sempre uns tantos homens influirão mais ou menos na orientação do total dos homens. Pouco importa que estes lhes deleguem deste e não daquelle modo taes e taes poderes, o facto é que delegam sempre, e é com o facto que deve contar o político, primeiramente, na sua acção, o patriota, depois, na apreciação do politico.

Ora, após as infâmias de que foi victima a autoridade do sr. marechal Hermes — e, diga-se de passagem, que este está agora como que a querer provar que era digno dellas, pela dubiedade, indisciplina, quasi inconsciencia que revelam as suas ultimas attitudes — após aquellas infamias, parecia que o Brazil, cansado dellas e das humilhações, que implicavam, entrava definitivamente a plenitude da sua actividade poitica, por um esclarecido esforço reparador e constructivo, de que resultaria, dentro em breve, a grandeza da sua affirmação moral, deante das demais nações do Continente e do mundo.

Não que as nossas instituições fossem perfectas, nem perfectos os nossos homens. Também não os ha, assim, nem instituições, nem homens, em parte alguma. Mas o que vale, na existencia das nações, é o espirito social resultante das relações entre a lei, os que a executam e os indivíduos que fazem propriamente o seu corpo de cidadãos. E ninguém pôde negar que, no Brazil, deste ultimo decennio, tudo indicava que esse espirito era o da propria moderação e bom sen-

so, com que temos escripto as únicas paginas de real valor da nossa historia. Dahi se poder affirmar mesmo que nunca fora maior, entre nós, a harmonia entre o povo e os dirigentes nacionaes.

Os exemplos de Estados mal governados, etc, pouco importam ao que se quer lembrar. O certo é que, em conjunto, a nação prosperava e não só respeitava a Republica: principiava a entendel-a e a amal-a de verdade.

E até foi por isto mesmo que não ficou de todo indifferente aos appellos do sr. Bernardes e aos gritos, ás mungangas e aos exorcismos do sr. Nilo Peçanha.

Enganou-se este, porém, ante essa vivacidade da opinião publica, mas é o caso de dizer que se enganou a tempo... a tempo de aproveitar, para a premeditada provocação das paixões populares, os remanescentes dos incriveis ridiculos de que fomos victimas nos últimos annos do Imperio e nos primeiros da Republica: o tenentismo de coronelões e generaletes mais ou menos analphabetos, tresledores de Augusto Comte, e o demagogismo de feira, da feira de que o sr. Nilo é mesmo o bode preto, que ainda attrabia curiosos, mas em torno de cujo estrado de berros e palavrões os compradores iam rareando cada vez mais. A disfarçada tutela que o militarismo acapangado ainda suppõe exercer sobre o paiz; os judaisantes da nossa imprensa, os que são, dentro della, tão somente, systematisadores de infamias e humilhações ao senso moral da nação; os esgrouvinhados

mandatarios de uma dictadura regional e mesquinha, no seio da civilização brasileira, tudo isto, como que tomado do pavor da morte próxima, se levantou irado e fero para o ultimo combate. O ultimo... Eis a historia abreviada das tristes scenas que temos assistido... Mas é, repito, o ultimo combate.

O paiz, no que tem de organizado, de solido, tanto nos seus meios propriamente politicos, como nos meios militares, já tem dado bastante provas de resistencia. E vencerá. Se não vencer também essa gente não cevará mais por muito tempo odios e ganancias sobre um povo livre e digno da liberdade. O Brazil tem que sahir vencedor nesta luta — o Brazil civilizado, com as suas leis, os seus costumes, a sua educação politica — se não quizer morrer dentro de pouco tempo nas garras da mais monstruosa anarchia. É isto o que comprehenderam não só os politicos dirigentes da maioria, como também, no Exercito e na Marinha, todos aquelles em que, extremes de qualquer mórbida vaidade, estão encarnadas as mais altas virtudes da vida militar. A esta hora todo o mundo vê que, exgotados todos os recursos da revolução de calumnias e impropérios, só resta ao grupilho de ambiciosos, que carregam a pernostica esphinge da dissidência, a mais faladora e asneirenta esphinge, que já se viu neste mundo — um meio unico de dominar o paiz: a revolução de facto, a revolução de verdade, a revolução a mão armada, a revolução com sangue a correr nas ruas, nas praças publi-

cas, nos campos, por este vasto territorio além, em que já o povo não é o mesmo bestificado povo de 89.

Façam-na srs. da dissidência! Não esmoreçam! É preciso, de uma vez por todas, que o paiz saiba o que é, o que vale, o que valem os seus homens, as suas instituições, se são mesmo capazes de resistir a essa estúpida mentalidade de cangaceiros da liberdade, ou se esta tem por si homens dignos de com-prehender-a, respeitá-la e amal-a com todas as forças do coração.

O sr. Eptacio Pessoa, como estadista desta phase, paradoxalmente transitória e definitiva, da nossa vida politica, se já peccou pelo entendimento com a paz e o amor dos jogadores profissionaes da nossa dignidade civil, tem dado sobejas provas de energia, de despreso mesmo ás ameaças dos valentões da hora que não chega nunca.

É claro, é evidente que o Brazil politico não é mais aquelle ridiculo agrupamento de homens sujeitos a traumatismos moraes, ao primeiro clangor das trombetas da mais reles ambição. Os homens revelados, em toda a tensão das suas energias interiores, pela violência dos nossos últimos choques politicos, são mesmo para desesperar e enlouquecer os cassimicocos da eterna revolução de phrases feitas e attitudes carnavalescas. Já estão estes revolucionarios do dia seguinte a fazer pena.

Deus ainda tem de inspirar muito acto de caridade ao coração dos que, a esta hora, sob a ameaça do perpetuo vir a ser revolu-

cionario, vão vingando, de modo brilhante, as affrontas feitas á nossa cultura juridica, á nossa educação politica, á nossa dignidade civil... Nós aqui estaremos talvez para os applaudir...

MILAGRES DESTA HORA

OS inimigos do sr. Epitacio Pessoa têm quebrado, um a um, todos os dentes da calumnia de encontro a honestidade de sua administração. Deus cega os que não querem ver e é por isto que esses calumniadores são mesmo calumniadores... Realmente, contra o administrador que mais tem acariciado as custosas vaidades nacionaes, que carrega a responsabilidade, por exemplo, dos impulsos megalomanicos de um homem como o sr. Carlos Sampaio, uma opposição, que visasse o bem do paiz, e não fazer agua suja de que se dessedente, muito teria a maldizer, a criticar, sem faltar á verdade, ou pelo menos, sem caluniar propriamente.

Mas a opposição ao actual governo nem tem sabido disfarçar nas injurias ao homem, a honestidade pessoal do chefe do Executivo, a sua indiferença aos "erros" que acaso ve-

nha commettendo. O que se quer, do modo mais claro e positivo, é enfraquecer "politicamente" o homem, que se não tem dobrado nem ás injuncções dos profissionaes da ca-lumnia em letra de forma, nem ás da demagogia tresnoitada, nem ás da arrogância de um militarismo de terceira classe, mesmo na America do Sul.

Deste modo, é curioso examinar as armas de que se servem no seu trabalho de pretensa demolição esses advogados do diabo, com cujas sandices deve contar o sr. Epitacio perante a Historia.

O sr. Epitacio é mesmo o que se pode chamar um homem feliz!

Ultimamente, não se lhe tendo mais de que accusar, já se vae escala abaixo pela nota dá lamentação. Lamenta-se que a mais alta magistratura da Republica esteja entregue a um demagogo, a um pamphletario, revive-se a excellente piada de quem chamou o sr. Epitacio de "chefe da opposição á opposição"... Oh! boa gente! oh! bem nutrido bom senso!

A esta altura eu aqui estou para os applaudir.

Não ha duvida: quando o sr. Epitacio usa em documentos officiaes, elle, homem de Estado, chefe de governo, da mesma linguagem dos Edmundos, é mesmo para lastimar-se. Nem lhe diminue a falta a impessoalidade das reprimendas... Impessoalidade . Quem não conhece de norte a sul deste paiz. os "gros bonets" do nosso industrialismo de

calumnias, de injurias, de má fé systematica ?

Quando as velhas aristocracias européas principiaram a usar a linguagem do philosophismo voltaireano, já estavam muito proximas do cadafalso. Se os governos burguezes já necessitam da dialectica bolchevista, dos processos bolchevistas, de descer á praça publica, de cerrar os punho, agitar a cabelleira, desmanchar o nó da gravata nas pejorações, então está mais perto do que so pensa o salve-se quem puder do conservantismo democratico.

Não ha como esquecer a velha observação de Rivarol: "La faiblesse éprouve tous les moyens; elle va jusqu'à essayer de la force et toujours mal á propôs".

Mas, em psychologia politica, nem a palavra, nem o acto em si, é sempre o que mais deve interessar a quem n'a faz. Ás vezes, o principal é a intenção que os anima, e esta só do conjuncto das palavras e actos pode ser deduzida.

Ora, a verdade é que o sr. Epitacio, não só por outras manifestações da sua consciéncia de homem de Estado — serenas, bem calculadas — mas pela intenção sempre visível, e até ostensiva, de contrariar os impetos deste demagogismo de feira que nos deshonna, deve ser perdoado.

É da humana fraqueza valer-se das armas do inimigo, se se perde a fé naquellas que a tradição consagrou como as melhores.

A mais forte personalidade ainda é em muito um producto do meio em que se des-

envolveu. O político mais integro, mais resistente, é, a esta hora, de um a outro extremo do mundo occidental, um "decepcionado", como de decepção é o ambiente da democracia athéa, de fundo revolucionário, que não sabe ainda, ou ainda não quer saber, como salvar-se do mal de origem.

Como o sr. Epitacio não estaria ás vezes em contradicção com o seu próprio pensamento, se violentado a cada passo pelas contradicções do meio em que vive? Mergulhado nessa agua venenosa que vara não parecerá torta?

O facto é que estamos mesmo á borda do tradicional abysmo, não o abysmo de ridiculo da revolução nilista, do militarismo do espere ahi, do deixe estar, você verá, amanhã falaremos... Mas é claro que, se não se fizer agora, pelo menos no circulo do nosso desgraçado urbanismo, um movimento de mais consciente amor ás nossas tradições, ás conquistas do nosso bom senso conservador, mais depressa do que em qualquer parte aqui se fará sentir o sopro pestilencial da grande epidemia, que do oriente europeu ameaça o resto do mundo. O Brazil se reanimava, material e moralmente, de alguns annos para cá, no quadro artificial de leis que ia pouco a pouco nacionalisando, casando ao seu proprio temperamento histórico, e social. Mas bastou a grita de um bando de corujões, enfurnados ha muito na saudade da mais triste hora da nossa vida — aquella em que fomos o povo mais ridiculo do mundo, tontos, como então ficamos, entre as rui-

nas do systema monarchico, aniquilado pelo conselheiro Accacio do Marcoaurelismo sul-americano e as experimentações de um republicanismo aprendido no Prata, ao som das patas de cavallo, e lambusado das ma-luqueiras de Augusto Comte — bastou a grita desses corujões acordados pelos espirros de uma esphynges esfomeada, para que todo o paiz se sentisse em crise, ameaçado, crente mesmo de que corresse perigo e estivesse ás vespervas de um profundo abalo social.

Não é isto a prova de que a educação, a educação repito, precisa passar neste paiz, não por mais uma reforma, mas por uma depuração? De alto a baixo não é ainda ella um instrumento de revolução, uma arma de combate ás crenças tradicionaes do nosso povo? Porque só mesmo um povo em que se tenha enfraquecido a verdadeira fé pode ser victima do temor de tantos fantasmas, deixar-se dominar pelos truques de um espiritismo politico tão grosseiro como o que ahi vemos ostentando-se com menosprezo das nossas leis. E os resultados, vão colhendo os "mediuns" e curandeiros que delles se vão servindo... Os casos de loucura já se estão patenteando era todas as ordens da nossa vida.

Que quer dizer, por exemplo, um "cidadão livre", com quatro galões no braço?

Na palavra cidadão já está comprehendida toda a liberdade politica, isto é, toda a que é compativel com a dignidade do ser racional, do ser social, que é o homem. "Cidadão livre", por conseguinte, é espécie bra-

zileira, e ainda nestes Brazis somente quem pode jogar com o prestigio da farda e das armas que a nação lhe confiou. Em verdade, não ha outro modo de comprehender a falação do sr. Alipio Bandeira, cujo character eu proprio admiro, e que me merece sympathia, mesmo neste caso, pelo ardor das suas convicções. Mas muito ao contrario do soldado positivista, julgo eu que a expressão pleonastica, de que usou, não está muito de accordo com as tradições militares. A característica da vida militar é a disciplina, o máximo de contensão, de sacrificio pessoal, dentro da liberdade geral, da liberdade civil. Esta, nas suas mais largas modalidades, não é interdicta a ninguém. Não será tão difficil a quem só assim a ama, nas suas formas mais amplas, deixar a farda, a rigidez disciplinar que ella requer. Mesmo porque só assim a coragem de a amar só de si se vale, da fé na sua propria pureza, e não será jamais accusada de estar a gritar mais alto pela segurança que lhe dá um factor social, absolutamente estranho á força moral, interior .

Ahi está quanto ao Exercito o que se pode registrar com tristeza.

E que dizer do que já se passou no próprio Supremo Tribunal da Republica?

Custou-me acreditar, e só depois do concerto ainda peor. do que o soneto, pude ficar mesmo convicto de que o sr. Viveiros de Castro, membro do mais alto Tribunal do paiz, insinua á nação — á nação? — meios extralegaes para a resolução de um caso,

que a mesma nação já resolveu dentro da lei. Assombroso! E ainda mais assombroso quando se sabe que este ministro tem obras em que se confessa Catholico, Catholico, apostolico, romano. Terá mesmo, como principe da nossa magistratura, algum titulo de conde papalino e no pescoço um rosario de benções. Pois vejam lá, na minha humüima opinião, quando um individuo, ministerial ou não, se diz catholico e prega soberania popular revolucionaria, das duas uma: ou é catholico á maneira de Voltaire, que também se confessava e commungava, — e o seu elogio está feito — ou deve andar muito perto da mais completa cretinice.

Isto a mim mesmo me sorprehende, se applico ao sr. Viveiros de Castro, pois sempre o tive na conta de creatura mediocre e bem intencionada, vaidoso até onde se pode ser, como é vulgar nas creaturas mediocres, mas ainda assim incapaz de — sendo catholico — interpretar S. Thomaz ao sabor dos positivistas.

Mas Deus ha de proteger o Brazil, apesar de todos os catholicos desse jaez, cuja maior maldade é mais inconsciencia do ridiculo .

O que se não dirá, depois disto, é que o sr. Epilacio não saiba a quem está falando, e que momento é este em que fala e escreve.

Se já se viu Vieira, em nome de Deus, este mesmo arguir e quasi accusar de esquecer-se de si proprio com esquecer os interesses da sua gente, que muito é pois que o sr. Epitacio, em nome da Republica, a ella pro-

pria argua e accuse, se se vae a si mesma degradando, arruinando?

Accusação sem eloquência seria accusação perdida. Se a eloquencia é violenta, é que o assumpto só de violencias se originou.

Aos olhos do bom senso ella vale o que defende — que é, justamente, o que taes violencias têm buscado impedir: a applicação serena da lei.

Afinal de contas, não vêem os inimigos do sr. Epitacio, mas sobretudo das eleições de 1.º de março, que, com lastimarem o paiz assim entregue ao que chamam um demagogo, fazem a maior carga no sr. Nilo Peçanha e seus principaes defensores — demagogos, todos, de baixissima extracção — e ao mesmo tempo, o elogio mais surprehendente ao sr. Arthur Bernardes, de quem, até hoje, só se pode dizer que possui a mais eloquente serenidade, que já se viu em homem publico brasileiro.

Este é o lado talvez mais curioso de toda esta campanha contra o sr. Epitacio.

Nada fala mais alto da Providencia Divina que o poder com que faz o mal servir ao bem, a mentira se pôr a serviço da verdade.

UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

O "Correio da Manhã", abusando como sempre da nossa tão mal comprehendida liberdade de imprensa, classificou ha dias, pura e simplesmente, de grandes e pequenos canalhas a todos os bernardistas.

A julgar pela biographia que o director do mesmo jornal fez, ha poucos annos, do sr. Nilo Peçanha, ainda nós, bernardistas, temos a palma da moralidade.

É bom lembrar sempre que o sr. Arthur Bernardes ainda não foi victinia de maiores infâmias nem de inaiores calumnias do que o foi o sr. Nilo Peçanha, por parte daquella folha. Também que ellas já valem muito meios, como força destruidora de reputações. O facto de confraternizar, hoje em dia, o sr. Nilo com o seu insultador, como que lhe dando razão ás injurias de outr'ora, só ao sr. Nilo deprime — é um caso pessoalissimo — mas de modo algum significa que todos os homens de bem, insultados diariamente na-

quelle pelourinho da dignidade publica brasileira, se sintam, ainda agora, presa do terror que elle já inspirou.

Terror, sim, deve causar á mais desprezenciosa honestidade, qualquer signal de carinho das mesmas negras mãos, que têm tentado ferir a honra, o character de todos os homens, que o têm demonstrado na actividade politica nacional.

Mas esse jornal, afinal de contas, não nos tem, a nós, bernardistas, em tão má conta quanto alardeia. É sabido que abriga á sua sombra um deputado bernardista, e que não terá a coragem de suppor que seja dos "menores canalhas" entre os que apoiam o sr. Bernardes. O insultador tão grosseiro quanto imbecil, no caso, da veneravel figura de Pio XI, é evidente que tem muito pouco respeito, não só á fé de seu próprio irmão, que é um padre digno, mas á propria fé republicana dos seus eleitores catholicos, lá daquelles pobres sertões alagoanos.

Ora, ao seu patrão de imprensa não passará despercebido que, quem de tudo menoscaba, mesmo das coisas mais serias, só pelo mais mesquinho interesse serve a quem quer que seja — ao patrão de jornal como ao patrão politico. De onde se conclue que lhe merece a protecção um dos mais "positiva e demonstradamente" canalhas, de todos nós, os canalhas bernardistas. Não ha para onde fugir, ou melhor, não haveria, se, de facto, o sr. Edmundo estivesse a dizer o que pensa. Mas o director do "Correio" não está enganado, ninguém o pôde crer. O sr. Edmundo

Bittencourt é um indivíduo bastante inteligente e, creio eu que, apesar de todos os seus erros, sabe o que quer dizer character. Ter character — isto é, não ser canalha — nem sempre quer dizer ser bom. Ter character é manter-se identico a si mesmo em face das mais diversas circumstancias.

O mais difficil é o primeiro acto que revele essa physionomia moral, que é preciso conservar sempre, em face seja do que fôr.

Eu presto de bom grado esta homenagem ao director do "Correio": tenho-o por um homem de character. Elle tem sido, desde os seus primeiros annos de vida jornalística, até hoje, o mesmo homem desabusado, voluntarioso, generoso para com os seus servidores, dedicado aos seus amigos pessoaes, capaz de todas as violencias de linguagem, não vacillando jamais no emprego das peores armas para ferir a quem contrarie os seus interesses ou mesmo os seus caprichos. A calumnia, a injuria, o mais cynico esquecimento das affirmações de um dia antes, o mais valente desprezo pelo bom senso alheio, o mais absoluto descaso da dignidade politica daquelles mesmos que o apoiam, tudo isto, e mais um profundo conhecimento do jogo das paixões populares, tem elle posto a serviço da sua industria de popularidade no Rio de Janeiro, sem um só momento por-se em contradicção comsigo mesmo. Igual, sempre igual a si proprio — a sua característica é saber querer, dentro da mais completa ausencia de escrúpulos jornalísticos.

Um homem assim sabe o que é ter cara-

cter. O "mão, mas meu" fica bem em seus labios, e ha uma verdade que escripta, parece uma tolice, mas tem, no emtanto, uma grande influencia na vida intima de cada homem: que quando se sabe uma coisa, se conhece uma coisa, não ha como, no foro interior, negal-a ou despresal-a. Bôa ou má, ella pesará sempre na expressão, mesmo mentirosa, do nosso juizo.

Desta forma, o director do "Correio da Manhã", não poderá escurecer nunca, ante a sua própria consciencia, que em toda esta campanha não foi acompanhado por quem se pudesse gabar de representar a parte do character.

A historia do nilismo, de farda òu sem ella, só pódé ter uma única relação com "o que se chama identidade, e esta será a mais paradoxal, que se possa imaginar: a de unia permanente, absoluta negação de cada uma das proprias attitudes, mal consentindo que estas se desenhem definitivamente no toldado horizonte das suas assanhadas ambições."

O sr. Nilo, quantas horas se permittiu no goso dos vivos ao sr. Bernardes, quantas soffreu em vigalias civicas, quantas em que appellou para o eleitorado, quantas as que-gastou com Oldemar e o super-Glub, pára chegar ao Tribunal de Honra e, por fini, a sua proclamação revolucionaria, de hóütern, tão interessante como peça poetica?

Tantas mudanças, quando não levam ao hospicio ou coisa peor, a que conclusão a que levam?

Os mais que famosos directores da nos-

sa Light & Power politica — os homens que representaram, neste periodo, o Poder dos poderes, os donos do Brazil de hontem, os senhores directores do Club Militar — arre! — quantas vezes tiveram também uma opinião "definitiva" sobre a attitude a assumir deante da Nação?

E a própria revolução, poderá negar, o sr. Edmundo, que ella, a salvadora, acabará por não salvar coisa alguma, e nem a si mesma, do ridiculo em que caiu? E porque?

Porque não ha quem a reconheça amanhã, se a vê hoje, apesar de sempre dependurada ás mesmas columnas dos mesmissi-mos jornaes.

Deante desse fregolismo todo, dentro do qual só o sr. Edmundo se mantém coherente com o seu velho lemma de — "tudo serve" — que tem visto o director do "Correio"? Ligados, uns, por interesses — e quem não os tem? — outros, pela revolta contra a injustiça, outros por amor da ordem e da disciplina social — a grande maioria dos homens mais responsaveis pela Republica, manter-se firme, cohesa, inabalavel, em derredor daquelle que escolheu e a nação ha eleito, oppondo do modo mais sereno e mais enérgico, a todas as investidas do sophisma ou da brutalidade, um decisivo NÃO, que é assim que, em todos os tempos, o bem responde ao mal, a verdade á mentira, o direito ás ambições vulgares.

Está ou não está do lado do bernardismo, isto é, dos amigos da ordem, aquella necessaria identidade, que revela o character?

Bom ou máo este character? Isto é outra questão.

Quem quizer aprecial-a tem que fazer outras observações, tem que estudar a historia deste últimos vinte annos da Republica, indagar delia se alguma vez, por exemplo, já se encontrou o "Correio da Manhã" ao lado de alguma causa justa, de alguma causa que não fosse a da desordem e do desrespeito das nossas leis, e, se no caso de ter mesmo alguma vez se irmanado a outra, que não esta, se durou muito que não a transformasse em tumulto de paixões inferiores, que lhe não inoculasse o veneno demagogico e revolucionario, de que se sustenta o seu Mitridates, vencedor de alguns marechaes... e da Graphica, mas não ainda do Brazil todo inteiro, como vêm de provar as eleições de Março e o Congresso, ante-hontem.

UM BOM ASPECTO DE UMA GRANDE MALDADE

FAZ nojo, realmente, a quem quer que, sendo brasileiro, tenha uma gramma de bom senso e um pingo de vergonha, confessar que a politica nacional, durante mezes, tem tido como astro regulador das suas marés de enthusiasmo ou de angustia, a consciencia (?) de um profiissional da "chantage"... Porque avultou de tal modo a infame actuação desse individuo em todo este agitado periodo de nossa existencia politica, que nem sò ao chronista do ephemero quotidiano cabe agora registral-a; amanhã, também terá o historiador que se referir a esse inominavel acontecimento e, quem sabe, servir-se delle para caracterizar a degradação dos nossos costumes, da nossa moral publica, ao encerrarmos o primeiro seculo de vida independente.

E como não causar espanto, como não gravar-se na memoria de todos os que mou-

rejam na mediocridade, esse facto de todo em todo inesperado — que as múltiplas "revelações" do nojento mysterio vêm cada vez mais accentuando — isto é, que homens da mais alta responsabilidade em nossa vida publica mantenham relações, as mais amistosas, com falsarios da mais baixa especie, com elles troquem idéas, debatam planos politicos, examinem possibilidades??

Mas então até onde já descemos, santo Deus? E será mesmo ainda possivel levantar-se o Brazil de tão profunda, de tão monstruosa desmoralização? Surge ou não a duvida, e com insophismaveis direitos, deante de factos dessa natureza? O que se nos patenteia, de ha mezes para cá, nos mais altos dominios da nossa engrenagem social, é ou não é o cumulo do ridiculo, é ou não também a manifestação, em ondas revolucionarias, dos insondaveis e desconhecidos golphões de maldade, de improbidade, de infamia, de semvergonhismo, que já ha cavado, no seio da nossa sociedade, o esforço deschristianizador dos nossos dirigentes?

Um caso como esse das cartas attribuidas ao sr. Arthur Bernardes, num meio qualquer, por menos que fosse, um pouco mais são do que o nosso acaba de revelar-se, não poderia, de forma alguma, alimentar a ambição do mais repudiado dos homens quanto mais de uma classe, de uma corrente politica, de um partido, maximé de um partido que ousasse apresentar-se como regenerador fosse do que fosse.

O que, immediatamente, impõe o sim-

ples bom senso é que, mesmo ante a "hypothese de serem authenticas, taes cartas, documentos de character todo intimo, e ainda por cima roubados, não poderiam nunca servir de argumento pró ou contra o seu autor, numa discussão publica.

Mas aggravando a miseravel attitude dos que as exploraram, ha ainda, no caso presente, a reincidencia, por parte dos exploradores, nos mesmos actos de despudor social, de falta de cavalheirismo: negou, publicamente, o accusado que fosse autor de taes infamias e, publicamente ainda, disse o contrario do qu etaes cartas continham contra uma dada classe de homens.

Quem, que não fosse da egrejinha dos puritanos do quero por que quero, se não daria por bastante desaggravado? Quem se não sentiria perfeitamente dominador dos seus mais delicados escrupulos?

Entretanto — e nem me refiro aos políticos e jornalistas da "troupe" de falsificadores — entretanto não houve uma só manifestação desse cavalheirismo, desse pudor, tão proprio de militares, em todos os actos do grupilho que, na direcção do Club Militar, se disse representar as nossas classes armadas, o que ellas têm de mais nobre, de mais puro, de mais amante do Brazil.

Isto é também um cumulo, e, desta vez, da irrisão, ou melhor, uma vez mais, a objectivação violenta da mesma pretensão hypocrita e subterranea que characterisa o nosso militarismo, tal como aqui já temos assignalado. É a tutela da ordem civil, o menospre-

so pelo "paisano" e nada mais, felizmente já agora limitado á aggressividade de meia duzia de harpias, derradeiras illusões do positivismo de espada e botas, ligada sabe lá Deus porque á eterna meia duzia de exploradores e ambiciosos, que ha em todas as classes, por mais elevadas. Formado por essa gente o ambiente de inquietação e de odios, foi natural que muitas creaturas de boa fé não vissem o que verdadeiramente se agitava e queria, e se deixassem arrastar pela onda da ignobil e rocambolesca aventura.

Nestes ultimos dias, tudo leva a crer, porem, que, entre o Exercito, propriamente, e os guiões daquella escura hora da sua vida, se deve ter travado uma tanto mais terrivel quanto mais silenciosa luta de dignidade...

Como, ao Exercito, poderão elles explicar, com os dados da mesma exactissima, absolutissima sciencia, de que se serviram, a existência de cartas identicas ás atribuidas ao sr. Bernardes, e assignadas pelo sr. Nilo, o sr. Seabra? Que diz o assombroso e genial marítimo, o indefectível Silvado, que lhe segreda o grande fetiche nesta phase tão positiva de uma questão, até hontem tão metaphysica ?

Como, de agora em diante, disfarçar a ambição caudilhesca, a vaidade militarista, a filaucia de quartel, e continuar a querer salvar o paiz das garras de um monstro, se ficou demonstrado que é possível, que é muito possivel mesmo fabricar, um por semana, dezenas de monstros eguaes, e com a simples

ajuda de um falsario e a boa vontade dos que com elle negociam?

Divorciados como já estavam ha alguns annos, os novos e melhores elementos do Exercito, da ridícula mania positivista, a verdade é que não havia da parte da maioria dos nossos officiaes o desejo de voltar ás tropellas do chamado periodo de consolidação da Republica, e só mesmo um excesso de boa fé, e a natural surpresa provocada por processos realmente jamais vistos, tiveram-na, assim, até pouco, presa ao redil dos caçadores de fortuna politica.

Entretanto, a lição foi proveitosissima, podendo-se até, creio eu, affirmar, com mais sabedoria do que nunca: ha males que vêm para bem...

Se não se pode negar que a nossa desmoralização, na ordem politica, chegara ao seu auge, e ainda nos ataca por todos os lados, uma victoria moral, ao menos, cabe ao Brazil contemporâneo, e esta com o valor de muitas, pois bem se pode dizer que é o esmagamento definitivo do peor dos nossos males politicos: — desse mesmo refalsado espirito caudilhesco, que já aponteí, como causa occulta da nossa inquietação, da nossa permanente angustia social, desta febre revolucionaria, que não nos deixa trabalhar com socego e continuidade os immensos materiaes da nossa riqueza.

Ver-se-á que, anniquiüado este, todos os mais irão desapparecendo do nosso scenario politico, e com extrema facilidade, porque somos um povo naturalmente sensato e ho-

nesto, tal como é prova mesmo toda a historia da nossa resistencia aos péssimos exemplos da America hespanhola, durante quase um seculo.

Os symptomas de agonia militarista no Brazil são como que a resposta da esperança ás dolorosas interrogações, que fiz minhas, e são de todo o mundo, ante a confusão que se estabeleceu, de ha tempos para cá, entre homens publicos, que nos mereciam respeito, e criminosos de baixa estirpe. Mas ainda a observador attento, não teria passado: desr percebido o que a paixão dos militares do Club scientifico não lhes deixou ver. Tão fraca é, hoje em dia, a convicção dos que ainda esperam do Exercito a subversão .da ordem civil, que nenhum delles foi capaz de o seguir pelo tortuoso caminho, que lhes haviam indicado. Deixaram-no afundar-se no lodaçal da graphologia oldemarista, e ficaram, os grandes homens, a sorrir superiormente como Melgarejos de mais sabias attitudes. Vão, atirem-se no abysmo... E elles não vacillaram, nem mesmo olharam atraz, a ver se os chefes os seguiam... É sabido que nem o sr. Nilo Peçanha nem o sr. Seabra jamais deram palavra de apoio aos sustenta-dores, scientificos ou não, da authenticidade das cartas... E porque? Quem mais do que elles, em caso de tanta gravidade, como patriotas empenhados na salvacão da pátria, deveria mostrar de todos os modos a sua solidariedade para com os destemidos legionarios? Quem?

Longe disto, certos como estão ambos de

que o Brazil não sofferá mais a tutela de um militarismo, que a própria derrota do Conselheiro Ruy Barbosa feriu de morte, elles tudo consentiram, até mesmo que se confundissem as classes armadas com meia duzia de escorpiões da sua confiança e estribo de automovel, mas nunca dos nuncas que se as confundissem com elles proprios, calmos, afastados, do que a luta tinha mesmo de perigoso e de serio.

Isto diz muito bem do dia que começa. Poderia haver maior prova de que, no fundo, ninguém mais confia de todo nos suppostos remedios revolucionarios?

AVISO AO MESTRE

DE todos os homens, ou melhor, de todos os gigantes, já entrados no cenário do Rio de Janeiro para esmagar, com mais poderosa gloria, a gloria do Conselheiro Ruy Barbosa — empresa esta de todo patriótica, pois quasi que se fez um dever da genialidade no Brazil demonstrar que o sr. Ruy não é a sua ultima palavra — de todos esses gigantes, o mais infeliz foi talvez o sr. Abdias Neves. Rolando mythos sobre mythos é hoje o sr. Abdias pouco mais que um mytho lunar, perdido entre as retortas e mais vasilhames de um alambique, digo, de um arsenal hiperhistorico, de onde nunca se viu sair, para eterna desesperação do Marechal Pires Ferreira, coisa que conseguisse ferir o sr. Ruy, senão uma ou outra blasphemiasinha avinagrada... avalie-se contra quem!!... contra Jesus Christo!

A propria grandeza, a vastidão mesma do talento do sr. Abdias veiu a constituir

protecção ao sr. Ruy. Os tiros do sr. Abdias vão sempre além do alvo.

Mas neste drama, neste verdadeiro drama da intellectualidade brasileira contemporanea, que tal se pôde chamar a sua luta contra a hegemonia da guia de Haya, nem todos, é bom que se diga, teem sido tão infelizes como o paladino do Piaúhy.

A Bahia, terra natal do Conselheiro, tudo leva a crer que espera sahir-se victoriosa dessa luta, em que se ha de exceder a si mesma, se um outro filho seu, não menos querido, vier a impôr-se á consciência nacional como engenho mais fecundo, mais luminoso, mais vibrante e mais alto.

Além do sr. Raul Alves, que ainda não iniciou propriamente a sua offensiva, ha como negar que o sr. Moniz Sodré anda beirando agora esse abysmo de gloria? A não ser mesmo o sr. Ruy Barbosa haverá ainda por ahi algum nome que se possa comparar ao sr. Moniz Sodré? E não é mesmo de justiça, assignalar que, até certo ponto, a fama do sr. Sodré como que já vae escurecendo a do sr. Ruy? Quem poderá negar, por exemplo, que já o sr. Sodré se vae substituindo ao sr. Ruy nas gloriosas columnas da nossa imprensa consagradora?

Ao passo que ao sr. Ruy já se vae baptizando de "genio official", de "gloria official", etc, eloqüente e ainda carinhosa maneira de o ir arrumando na ordem dos medalhões, o sr. Moniz Sodré vae entrando o goso das primeiras paginas, em columnas abertas com titulos e subtítulos, notando-sè até uma certa

tendencia a se lhe arrancar o irritante ""Sr."" , indigna caudinha de mediocridade, que já não fica bem ao seu renome.

Dentro em breve ninguém se espantará ante o facto: Moniz Sodré, o vingador da moral republicana, o "az" bahiano, o aguia do Senado!

E nisto levará vantagem ao sr. Ruy, que nunca passou de uma aguia.

Deve-se confessar mesmo que ao illustre senador do sr. Seabra são devedores os neurasthenicos desta Capital de gratidão não pequena, desde a chegada, ou melhor, desde a longínqua partida dos srs. Gago e Sacadura. Acabariamos como gallinha de Angola, a repetir, a gaguejar unicamente estes dois illustres nomes, não foram os feitos do sr. Sodré, os seus vôos de eloquencia dissidente.

E nisto, sei-o eu, não ha que moleste a gloria lusitana, que melhor que outra qualquer sabe de cór que "As invejas da illustre e alheia historia Fazem mil vezes feitos sublimados."

O caso é que tenho razões especiaes para apressar-me a registrar esse assombroso crescer do sr. Sodré, que ameaça não poder entrar qualquer dia destes as portas do casarão do mesmo Senado, de onde merecer os mais francos applausos a energia com que o sr. Ellis conseguiu a sua substituição, delle casarão, por outro de mais largas entradas. É que fui discipulo, ouvinte muito attento, desse, ora luzeiro da brazilidade, naquella saudosa fabrica de bacharéis da capital bahiana.

Naquelle tempo, é certo que ninguém se-

ria capaz de prever tanta grandeza no futuro do sr. Moniz Sodré. Pedro Kilkerry, o genial bohemio, appellidara o illustre professor de "Dr. Tesoura", coisa essa de que só se veio a ter nitida comprehensão quando os mais ousados dos seus discípulos conseguiram levar até o cabo a leitura do "As tres escolas penaes", maravilha de saber e de intciigencia, em cujas trezentas paginas, penso que foi o sr. Almachio Diniz que descobriu vinte e tres (23) linhas da autoria... do autor do livro! Embaraça até falar nestas coisas, mas, seja como for, ninguém me póde tirar o direito de interessar-me pela gloria presente do meu velho e nunca esquecido repetidor da Faculdade de Direito.

Ao vel-o agora, quasi no cume da maior gloria possivel nestes Brazis, isto é, quasi a dominar, com o seu, o renome do homem-sol, do homem constellação, ao vel-o abeirar-se do solemne momento em que ha de surgir o seu Pinto da Rocha que o chame também de "ovo" (foi este, dizem, o maior elogio que já soffreu o sr. Ruy Barbosa), não posso deixar de temer das suas mesmas audacias, pois é certo que "sempre fez parte da verdadeira coragem um pouquinho de medo". É preciso prudencia.

Deus me livre de enfrentar constitucionalismos nesta questão do "habeas-corpus". Mas o sr. Moniz Sodré, na sua gloriosa fúria, parece que já perdeu mesmo a noção brasileira das coisas, e não mais observa o meio nem as circumstancias, que o rodeiam. Negar a um morto que a seu nome fique addicionado o ti-

tulo de uma recompensa aos seus meritos, o reconhecimento de um direito conquistado em vida, poderia ser lamentavel noção de moral publica em qualquer parte do mundo.

No Brazil, é um perigo. Estará o sr. Moniz Sodré esquecido de que ainda ha, neste paiz, onze positivistas vivos, e alguns de espada, sempre fremente, a tremer na bainha, á menor injuria ao governo dos mortos? Ninguém avalia o temor que me faz vel-o assim esquecido dessa maxima da Republica Occidental, que, como se sabe, tem no Brazil o seu primeiro departamento.

Fico esperando o que dirá o dr. Bagueira Leal, incansavel como é o illustre inimigo da tyrannia sanitaria, dos attentados do meu não menos illustre ex-professor contra a integridade republicana de um homem já entrado no Grande Ser. Fico esperando, após ter assim cumprido o meu dever para com o velho mestre, e certo de que não me levará a mal o aviso.

Tenha a certeza, porém, de que se o sr. dr. Bagueira chegar mesmo a ter conhecimento de taes attentados, e achar de boin aviso combatel-os, não será mais o autor d'"As tres escolas penaes" o vencedor da Aguia de Haya.

Ainda até hoje não houve quem resistisse ao dr. Bagueira, mesmo porque ninguém melhor do que esse puro positivista já conseguiu manejar o "habeas-corpus". Tome cuidado o sr. Moniz Sodré.

A Bahia lhe confiou missão muito mais alta, e o sr. Ruy Barbosa ainda ahi está a

ser invocado, de vez em quando, por alguns desgraçados patriotas, infelizes supersticiosos de uma cultura brasileira um bocadinho mais respeitavel.

Oh! borboleta, paira!
Oh! mocidade, espera!

NOTA FINAL

A minha collaboração n'O JORNAL, interrompeu-se no dia mesmo, por assim dizer, em que, desillusos talvez de encontrar, lá, pelo seu escuro labyrintho de intrigas, uma idéa e um chefe, resolveu a Revolução apparecer, tal qual era, á fria luz das realidades objectivas.

Não se sabe se por precipitação, de quem quer apparentar fortaleza acima do commum, se porque a enleasse o magnetismo de uma classica jetatura da Republica, o caso é que, mal se mostrou fora do antro, não houve quem duvidasse que tomava a mais ridicula das formas que, no Brazil contemporaneo, poderia vestir um motim de quartel... É que se lhe pregara aos hombros a cabecinha infeliz do Marechal Hermes da Fonseca, posta em fôrma de grão de bico, ha quasi dez annos, pelo "Correio da Manhã" e "O Imparcial", e posta tão a geito, que com ella identificada ficara, aos olhos do povo,

por mais que protestasse a consciencia dos homens honestos, a quem sempre repugnaram os processos de taes fabricas de injuria. A victoria da legalidade ficava, assim, de ante-mão, assegurada, pelo proprio ridículo a que se obrigara a Revolução, e quase não surprehendeu a ninguém.

Fiz, depois, na conferência que junto a esses artigos, como que a somma das justas razões do meu optimismo em relação ao Brazil de hoje. Espero em Deus que não as chamo justas levanamente.

Assim, a uma vez, quando me determino a publicar este livro, já está vencida a primeira phase do que se pode chamai a iniciação do Brazil na ordem de positivas reacções de bom senso, que deve percorrer toda, para se poder considerar paiz verdadeiramente civilizado e livre. Fala-se, em verdade, em possiveis reaparições do mesmo espúrio demagogismo e do mesmo assanhamento caudilhesco, que foram esmagados em Julho do anno corrente, pela férrea energia do sr. Epitacio Pessoa, férrea energia tantas vezes posta em duvida e levada a ridiculo pelos que lhe sentiram, por fim, o peso da intima segurança. Seja como fôr, porém, desencadeiem-se ou não, ainda uma vez, as furias da insensatez revolucionaria, a verdade é que, a maneira mesma como foram ultimamente refreadas, amordaçadas, subjugadas, sem nenhuma repercussão notavel na vida do paiz, é a prova de que já outro é o espirito da nacionalidade, na hora presente, e não ha temer victoria da parte dos

que aqui ainda representam a mentalidade inferior que fez o movimento revolucionario de 89, attentando não contra um thronu que contra si mesmo ha decennios conspirava, mas contra a nação, que foi então só e só dominada pela surpresa. Tenhamos como certo o seguinte: que a monarchia era uma suicida e a sociedade brasileira, se não reagiu contra os que lhe impunham nova fórmula de governo, foi somente porque ha muito não conhecia o regimen, sob que vivia, senão atravez da vergonhosa capitulação, que elle ia assignando em face da anarchia militar, porque assim entendera ser bonito o voltaireanosinho coroado, que confundia sabedoria e magnanidade com as mesuras de seu mediocrissimo espirito ante o orgulho revolucionario e anti-christão, que preparava as presentes desgraças do mundo occidental.

Bem ou mal se fez a Republica. Mais caro, umas vezes, menos, de outras, o que não se pôde já negar é que ella se vem adaptando á nossa indole e se fazendo merecedora de respeito. É que lhe tem cabido refazer o que a Monarchia, por desgraça nossa, ousada e convicta só neste sentido, conseguiu quasi que absolutamente destruir: o senso da Autoridade, o sentimento de respeito em face da lei, a consciência de que o governo não é o inimigo, o perpetuo explorador, a ambição egoistica realizada, mas uma expressão necessária de ordem, que é condição essencial da sociedade e obscuro reflexo da eterna ordem em que move Deus todas as cousas. Se deu ao homem liberdade, com que pôde.

apparentemente, ao menos, alteral-a, foi, no entanto, para, na sua obscuridade, se fizesse ella o que ha de mais bello e mesmo mais luminoso, porque a liberdade, que é o mais alto dom da sua bondade para comnosco, como que a coroa do seu santo orgulho em face da criação, a liberdade, digo, só é, de facto, o que Deus quer que ella seja, quando se faz, no mundo, a essência, o espirito da ordem. Se se transporta para fora desta, se lhe rompe os tecidos de bronze e de ouro, onde quer que se precipite, é mais germen de desgraça que semente de vida, destruidora de bens que elemento de verdadeiro progresso .

O BRAZIL DE HOJE

(Conferencia realizada a convite do Curso Jacobina, em 31 de Agosto, na sede do Circulo Catholico, Rio.

CELEBRAREMOS dentro de breves dias e, como não commover-nos? — o primeiro Centenario da Independência politica da nossa pátria, não sendo, assim, fora de proposito tentar apprehender, em conjuncto, o que ella é hoje, de facto, no mais vasto scenario do mundo, em face da civilização ou dos ideaes que a esta correspondem; indagar se, até agora, nada mais temos feito que os reflectir de imperfeitissimo modo, ou se elles, realmente, se revêem em nós, se em nós vivem vida superior, se lhes temos accrescentado mesmo alguma força própria, que brazileiraniente os caracterise. Certo jamais vos poderia passar pela

mente, ao nos chamardes a esta tribuna, que, como economista, ou mesmo como historiador ou geographo, vos fallassemos. Certo, da humildade do nosso labor intellectual só uma cousa ter-vos-á ferido a attenção: a confiança com que uma vontade, posta a serviço de uma doutrina — a mais alta, a unica verdadeiramente santa e invencivel — busca medir a extensão dos males que as demais doutrinas têm feito ao Brazil, pondo sempre em relevo, entretanto, tudo quanto representa força, vigor, saúde moral da nacionalidade, isto é, tudo quanto nella diz de sua intima ligação á unidade da civilização christã. E é deste ponto de vista que consideraremos o Brazil de hoje e esperamos em Deus não se vos afigure elle, em si, tão mesquinho como o é, realmente, o seu propugnador, que vos falia. De facto, nem mesmo a idéia de patria terá jamais a grandeza e a belleza que lhe são proprias, senão levada a essa ordem moral que vem a ser como que a eminencia de onde se olhe e se avalie tudo o que, na planicie immensa, é conquista de ordem material, o que vulgarmente chamamos progresso, objectivação do nosso esforço economic, commercial, industrial e mesmo politico, no quadro das realizações collectivas de policiamento de costumes, de protecção aos que delia necessitam.

Pois bem, subamos por um instante a essa eminencia e, fiéis no amor da verdade, tentemos fazer uma idéia do que somos, do que sabemos, a esta hora, em relação ao que

fomos e ao que poderemos ser no seio da civilização occidental.

O Barão do Rio Branco assim terminava o seu "Esboço de historia brasileira", publicado em 1889, no livro organizado por Santa Anna Nery para a Exposição universal de Paris:

"Ha quarenta annos, o Brazil, pacificado no interior, faz grandes esforços sob a direcção do Imperador D. Pedro II, no sentido de espalhar a instrucção, elevar o nivel do ensino, desenvolver a agricultura, a industria, o commercio, e tirar partido das riquezas naturaes do seu solo com a construcção de linhas ferreas, o estabelecimento de linhas de navegação e favores concedidos aos immigrants. Os resultados obtidos já são consideráveis; em nenhuma parte da America, salvo nos Estados Unidos e no Canadá, a marcha do progresso tem sido mais firme e mais rapida".

Notae bem: nunca um historiador pode parecer mais confiante na conclusão optimista de uma longa serie de premissas — digamos assim — todas favoraveis á consolidação de uma dada ordem de cousas. Ora, nunca um historiador, acertando, aliás, esteve mais perto do erro, mais estranho mesmo aos processos que levam á realidade, quando essa realidade que se quer apprehen-

der, é a da verdadeira vida das nações, que está mais no tecido das suas forças interiores, dos seus mais Íntimos estados de consciencia, do que nas suas obras, na face pouco significativa das cousas já realizadas, postas á luz do sol.

Esquecia Rio Branco, no seu optimismo, que o Brazil, creação que fora da civilização catholica — talvez mesmo a sua mais bella creação deste lado do Oceano — como que penetrara o seculo dezenove com a mesma pessima cegueira de que se resentia a Metropole: quero dizer: a deschristianização, mais ou menos hypocrita, do seu escol intellectual, preparava-o para a revolução e o seu tremendo correctivo pagão: o cazarismo. É um facto que a Revolução, a que me refiro, nada tem que ver com a chamada revolução que libertou o Brazil. Esta, não o foi, na sua essencia. Foi antes, com a queda das cadeias de um dominio que era tanto mais aviltante quanto nada mais significava então que o dominio do fraco sobre o forte, foi antes, digo, a Revelação da nossa soberania, como que a definição dos "dogmas nacionaes", para usar da expressão felicissima de um homem dessa epoca, o nunca bastante-mente louvado autor das "Considerações sobre a França"... Elle, ás revoluções como aquella, também não se pejava de chamar sagradas e legitimas na sua extrema raridade. A outra, a que me referi com o justo horror que lhe deve ter todo homem christão, e que se fizera como que a atmospherá envoltiva e envenenadora da justa, da unica le-

gitima revolução brasileira — porque justa e legítima também na vida de todos os povos — essa outra revolução, com que logo nos diminuimos na posse da nossa autonomia, era o que ainda é hoje: a da negação mais ou menos disfarçada dos direitos de Deus e de sua Igreja no governo dos homens, dando como resultado pratico o maior e mais pesado dominio do homem sobre o homem, verifique-se elle na acção mais ou menos grosseira da população sobre uma hierarchia periclitante ou na elegancia criminosa das aristocracias pagas, para as quaes é o povo meio de satisfação egolátrica e não deposito da confiança divina. Não via Pão Branco que nós, brasileiros, após as lutas mais ou menos infelizes do primeiro reinado — conseguida sob a regência como que a legitimação objectiva da nossa autonomia politica, tão fracos vinham sendo, no emtanto, os principios inspiradores de toda a política do segundo reinado, a que cobria de louvores, nos deparavamos de novo sob a ameaça de uma sobrepticia recolonização de ordem social — que dono é quem, nesta ordem, é o senhor de fortuna — dado que Pedro II jamais soubera esquivar-se, como homem de governo, desse plano inclinado em que o regalismo se deixa arrastar pela Revolução, isto é, pela negação mesma da autoridade na sua expressão legítima e sagrada.

Foi assim que a Republica se fez no Brazil.

Não ha condemnal-a em si, maximé se pensamos que, acertada ou erradamente, ella

era a aspiração do nosso escól de agitadores politicos, desde 1710, desde as primeiras mais fortes manifestações do nosso antagonismo com o povo portuguez.

Ha, por conseguinte, uma só cousa a registrar: impunha-se-nos a Republica com um terrivel mal de origem: a herança que lhe deixara a Monarchia. Filha, na apparencia, de facil victoria, da quazi ridicula victoria da indisciplina de alguns militares contra uma autoridade que vinha, ha annos, despindo-se de toda a magestade que lhe era propria, feliz de se mostrar duvidosa, descuidosa de si mesma, pareceu a principio que retrogradavamos cem annos, ou melhor, que nos iamos afundar no lamaçal e na sangueira das tropelias politicas mais funestas e mais enfraquecedoras. Houve realmente um crepusculo na vida nacional. Poude-se ver, então, sob o horizonte de chumbo, cortado de raios purpureos, um monstruoso sabbat de duvidas e negações, e pairar sobre tudo a aza sombria do "remorso social", o angustioso estado de espirito colectivo de que nos faliava Taparelli. Viu-se então o esquecimento de que a Republica fora uma lenta composição — feliz ou infeliz, não importa — da consciencia civil da nação; viu-se então a proclamação, mais do que affrontosa, de que ella era a "vontade" de alguns soldados aventureiros imposta a um povo "bestificado", e os grupilhos a arder na mesma incoercivel vaidade de mando, pareciam dispostos a despedaçarem a unidade da pátria nas pontas aceradas dos seus philosophismos

de caserna ou de club, para gloriola das egrejinhas e apostolados de paranoia mais ou menos revolucionaria.

Não tinha que ser assim, porém, ao sabor da mediocridade, do pedantismo e da loucura, a nossa historia destes ultimos trinta annos. Não ha negar, nem seria eu que o tentasse, por força de inintelligente optimismo, não ha negar que não são poucos os males que nos atormentam e os problemas de extrema gravidade que nos restam ainda a resolver e para os quaes não tivemos, até agora, nem a coragem de olhar com firmeza. Mas a verdade é esta que vos vou dizer, e só a negará o gosto amargo da negação pela negação ou adeantada miopia: tem, paradoxalmente, cabido á Republica, isto é, a um regimen que se costuma casar sempre á mentalidade revolucionaria, tem cabido á Republica o refazer no Brazil o sentimento da autoridade, a consciencia da lei, o que equiivale dizer, a vida normal da sociedade, a physionomia christã da sua civilização, por conseguinte: o espirito que, unico, pode "encaminha a aspiração na vida da tradição" — tal como tão conscienciosamente dizia ha dois annos o sr. Affonso Penna Júnior — e assegurar-nos, assim, a unidade da patria.

Ás iras da legião retrógrada, fostes testemunha ha pouco: — repetindo Floriano, repetindo Rodrigues Alves, poudo o sr. Epitacio Pessoa oppôr a energica mas sereníssima defesa da lei. E quando se levar em conta que, tanto Rodrigues Alves como o actual Chefe da Nação, foi do proprio Exercito que

se valeram para abater o caudilhismo, não se poderá negar, sem leviandade ou morbido pessimismo, que, para o Brazil, soou, justo á hora do seu primeiro Centenário de Independencia politica, a da sua mais consciente vida introspectiva, em que parece está a aprofundar "o que é" nas camadas mais solidas "do que foi", como povo de christianissima origem, onda altiva, sob o céu do mundo Occidental, em que se fundiram, na mesma fé catholica, os mais oppostos heroismos!

Sim: não nos lastimemos do que somos hoje. Olhemos com fé para o futuro. Não somos nós, por natureza, mais amigos da poesia, mais inclinados ás cousas do espirito, que os nossos, actualmente archipodero-sos, irmãos de Norte America? Sim; temos crescido em força bem mais lentamente, mas também porque esquecer que mais lentamente vamos conhecendo as misérias do febril industrialismo, que a elles talvez devora? E, ainda assim, que não temos feito de grande sobre o solo da America? Não será uma das maravilhas do mundo este Rio de Janeiro mesmo, em que habitamos? Que falta a S. Paulo para ser a capital de um grande povo, o centro de trabalho, de esforço econômico de um grande paiz? Que povo jamais realizou obra mais grandiosa, nem mais bel-la, sobretudo, em duas ou três dezenas de annos, que a que fez o povo mineiro com a sua Capital? E não pareis, vós que me ouvis, olhae do extremo sul ao extremo norte e não vos deixará decrescer o entusiasmo pa-

triotico a afirmação de vida progressiva da nação brasileira nestes cem annos de independencia. Sobre a terra ainda pouco firme da Amazônia — que importam as provações deste ou daquelle momento? — vereis cidades poderosas — sobre o chão resequido do Nordeste, já, imponente, a obra humana! E quando, maravilhados dos aspectos puramente exteriores de nossa existencia, quizerdes ir mais fundo, peneirar o dominio mesmo de nossa vida interior, do que somos como consciencia, como espirito, na "magna civitas", no conjunto da civilização christã, nem por um momento vos esmoreça a anciã indagadora, nada temais, não tereis de que vos envergonhar. A nenhuma nação, podemos assim dizer, a nenhuma nação na vida contemporânea, tem talvez cabido papel tão importante como á nossa, na expansão do Direito, da idéa de Justiça, nas relações entre os povos.

Resultado da mais singular fusão de raças, sobre um solo, quatro seculos atraz inculto e como esquecido da Providencia, nada ha que estranhar em não sermos já possuidores de uma litteraiura capaz de universalisar-se nas suas mais poderosas creações. Sob a onda de amargos philosophismos, de que se tinham impregnado as nossas letras, no decorrer do seculo XIX, e a tal ponto, que davam a impressão de uma antecipada velhice, o observador de bôa fé, quem tivesse realmente olhos de ver, poderia verificar que, resistente e impenetravel a toda desordem, estava o velho, o herdado fundo chris-

tão, que é o que nos irmana e integra ao mundo, á sua historia, no que ella tem de mais bello, e mais alto, "de vida que não morre", como diria Chamberlain.

Apraz-nos citar agora um escriptor da nova geração, para que se veja que não estamos isolados nesta verificação de ordem histórica, que tem o poder, quando perfeitamente expressa, de dar a mais cabal explicação de alguns dos mais complexos phenomenos de que resulta a grande esperança, que paira sobre o Brazil de hoje.

"Àffirma-se constantemente — diz o sr. Andrade Muricy — que o Brazil não tem tradições. Não ha duvida que temos mais que construir do que conservar nesta nação. Será isto justa razão para abandonarmos alguma cousa legitima já conquistada? Povo plasmavel, sujeito, como os adolescentes a todas as influencias exteriores, esquecemo-nos de conservar nossa individualidade, nosso character proprio, em meio do perpassar kaleidoscopico das modas e das vogas peregrinas".

Nossa individualidade, nosso character proprio... O facto é que já o temos, facilmente reconhecível na mesma producção litteraria, que é o que mais se resente, no Brazil, de estranhas influencias. Esse character é

— como ne'gal-o? — o de povo christão, conquistador, sob os auspicios da Cruz, de uma terra que, se não é, toda ella, propriamente, "um jardim em frescura e bosques" — tal como lhe chamava o santo poeta missionario

— nem muito menos o inferno desmoral-

sante da energia de todas as raças — tal como tantos, que a não conhecem, supõem e escrevem — é tão extraordinário motivo de humanas ambições, que muito devemos animar a nossa, para que nunca lhe tome a dianteira a de estranhas gentes, nem sempre, tanto como nós, respeitadoras de Direito e Justiça.

Esse caracter foi o que, no Brazil, fez do romantismo, tão pernicioso ás sociedades européas, uma reacção caracteristicamente nossa e, ao mesmo tempo, christã, mesmo nas suas manifestações mais desordenadas e aparentemente hostis á Egreja — porque o que elle foi, sobretudo, com toda a sua apologia do individuo e da intemperança, foi o protesto da nossa consciência collectiva contra o scientificismo mal apumado com que nos havia presenteadado o culto revolucionario da Encyclopedia e seus pedantissimos coripheus, assim, como que a proclamação de nossa autonomia mental. O veneno, ás vezes, também cura. A fraqueza do mal — já o notara Bossuet — está em que acaba por se voltar contra si mesmo. De que, quando assim não se destróe, nos vale o seu excesso, temos prova também em nossa própria historia. Jamais dera povo algum esse espectáculo de ridiculo que constituiu, por assim dizer, a nossa máxima manifestação intellectual, nos primeiros annos do regimen republicano: a quase officialisação de uma acanhada seita philosophica, de uma pretenciosa forma de scepticismo revolucionario, erigida em guia e conselho da nação! Parece incrível! Pois

bem: ao excesso de ridículo, teve o mal que ceder. De toda a parte foram violentas as contradictas, que soffreu, e, ás lições da Egreja, não pouco ajudaram, na sua destruição, fossem as desabusadas negações de Tobias Barreto e Silvio Romero, fossem os esforços isolados de Farias Brito, em prol do renascimento da philosophia espiritualista nas lettras brasileiras.

Tem razão, pois, senhores, o sr. Ronald de Carvalho, outro escriptor da nova geração, quando, do balanço mesmo da nossa litteratura, em todos os ramos, poudo concluir e com desassombro o disse que já "o Brazil representa uma força nova da humanidade" e possui "uma civilização mais ou menos definida, onde predominam, é certo, as influencias européas, mas onde já se vislumbram vários indícios de uma próxima autonomia intellectual, de que a sua litteratura, já consideravel e brilhante, constitue a melhor e mais decisiva prova".

Imaginamos que, se de todo não nos fahou a expressão, vos temos dito que cremos no Brazil, neste Brazil de hoje, sobre o qual me quisestes ouvir, e cremos mal grado a epopéa de pessimismo em que alguns de seus filhos, e, ás vezes, dos mais notáveis, julgam de seu dever patriótico, enquadrar todas as suas lutas, todos os seus esforços, todas as suas realizações.

Não estamos, de modo algum, ao lado desses aterrorisados censores ou simples amigos do pranto e da lamentação. Poderíamos mesmo interromper aqui a serie de nossas

conclusões, e nem por isto nos arreponderíamos, com a certeza de só nos termos valido, até agora, das observações em favor do nosso optimismo quanto ao que somos, actualmente, em relação ao que eramos. Mas não nos tememos das nuvens que também avistamos, mais ou menos escuras e tristes, de aspecto mais ou menos ameaçador, sob o claro e firme azul destes céos.

Sabemos, e já a elles de passagem nos referimos, que ha graves problemas a resolver no Brazil de hoje, implicando gravissimos erros e funestissimas tendências, que é preciso combater. A ninguém, verdadeiramente sensato e amante deste paiz, escapa que "é urgente se estabeleça, entre nós, mais rigoroso methodo de disciplina social". São de um escriptor muito moço também, o sr. Tasso da Silveira, estas ultimas palavras, e è assim que se completa o seu pensamento: "Não somos — diz elle — sustentados por invenciveis tradições seculares, como os povos da Europa. Relativamente falando, somos frageis ainda, inconsistentes em nossa estructura intima, para podermos fugir á dissolução, no caso de um abalo mais violento. E é por julgar assim, que eu instinctivamente anti-militarista, apoiarei em qualquer tempo todo projecto de organização militar, que domine a indisciplina nativa de nosso povo. E é por isto, principalmente, que vejo com bons olhos o esforço de alguns por guardar o espirito religioso da nossa gente, protegendo-o contra incursões de crenças e doutrinas differentes daquellas em que a nossa alma se

vem formando, e que constituem hoje a essencia do que somos, apesar de nós mesmo e de nossas duvidas".

Quando a mocidade assim fala, pode-se dizer que o bom senso já está muito vivo e forte no povo a que ella pertence. Mas não ha negar que só a Religião catholica poderá, com vantagem, ajudar-nos a fazer com que desapareçam da nossa vida lastimáveis signaes de indisciplina social, que, aggravada acaso, a qualquer hora, poderá levar-nos á completa ruina moral, ao anniquilamento da unidade nacional, morte, portanto, do que dizemos com orgulho: o povo brasileiro.

De facto, no momento mesmo, em que tudo parece assegurar o triumpho cada vez mais sereno da Autoridade contra os tradicionaes elementos de nossa indisciplina social — não da essência do nosso proprio temperamento, como julgou o jovem pensador, que acabamos de citar, mas creada, sobretudo, pelo nosso contacto com os povos do Prata e a acção do voltaireanismo coroado da ultima phase do Imperio — neste momento, é que nos ameaça, com a exploração dos nossos ultimos assomos de pessimo liberalismo, uma certa cultura "metèque", infensa á idéa de Patria, ora apresentando-nos o so-phisma recolonizador de duas pátrias para um só povo (!), ora pugnando por que isto aqui se transforme em campo experimental de anarchismo em casa alheia...

É contra a primeira destas perigosas extravagancias, que, previnindo-a, disse Álvaro Bomilcar: "as nacionalidades não se con-

tituíram por meio de formulas vãs de sentimentalismo, e mesmo quanto aos individuos, postos no mais alto gráo de moralidade e altruismo, ninguém tomará por prudente e avisado aquelle que franquear a sua hospitalidade a parentes que pretendam mandar na sua casa, nos seus filhos e na sua fazenda mais do que o legitimo proprietario".

Foi contra a segunda que o governo mesmo do sr. Epitacio Pessoa teve a gloria de resistir do modo mais patriótico, cortando-lhe cerce as garras mais crescidas e mais audazes, ao tempo em que um jurista, também representante do novo espirito político que fecunda o Brazil, o sr. Affonso Penna Júnior assim nos falava sobre a maneira como devemos encarar uns tantos problemas a que ella, de mais perto, se liga:

"Procurae — dizia elle aos bacharelados de 1920 em Bello Horizonte — os meios convenientes de prophylaxia social com que se previna a installação definitiva do problema operario e as explosões libertarias que elle sempre acarreta.

Lembrae-vos, porém, de que a regulamentação legal do trabalho não se ha de inspirar precipuamente no interesse do operario mas, como toda a lei, terá em vista, acima de tudo, o interesse social, isto é, todos os indispensaveis e respeitaveis factores envolvidos no problema". E ainda sobre o assumpto é delle a citação destas admiráveis palavras de José Enrique Rodo, o penetrante pensador uruguayo:

"Uma tendencia irresistivel, inclinará

sempre a todos os espíritos nobres em favor da parte menos afortunada ou mais fraca em qualquer conflicto de paixões humanas. A causa do operario traz por isto em si mesma uma attracção que independe do que haja de justiça em cada uma de suas reivindicações .

Mas, na tarefa de legislar, que não é obra da espontaneidade do individuo, senão cumprimento de uma delegação da communhão, essa inclinação individual tem que se subordinar ao respeito e equidade devidos a todos os interesses legitimos, de cuja articulação harmonica promana a ordem social, e cujo equilibrio compete aos órgãos do poder publico o manter com a alta imparcialidade de quem sobrepara ás competições de classes.

E cumpre ajuntar-se a essa consideração de dever e de responsabilidade uma outra inspirada em um sentimento de justiça; e vem a ser que, si ha um gênero de capital que mereça particular respeito, é este, sem duvida, o capital empregado na industria; porquanto, longe de subtrahir-se com pusilanimidade e avareza ao movimento da vida, para grangear um beneficio sem riscos, representa um espirito de iniciativa e emprehendimento, que contribue para o fomento dos interesses geraes affrontando, não raro, a contingência da ruina".

São estes, pois, meus amigos, os conselhos do bom senso, da sã politica patriotica, ao Brazil de hoje. Se os seguir, certamente os nossos motivos de esperança na sua gran-

deza, em face do mundo, e sobretudo, do alto destino humano que, é evidente, Deus lhe traçou como um dos fins a que pode chegar a sua livre vontade — certamente, digo, serão amanhã esplendidas realidades. Vigor de mocidade não nos falta. É preciso somente que corriamos os erros da nossa educação social de cinquenta annos a esta parte. Como vos disse não se tem feito pouco neste sentido, de alguns annos para cá. A consciencia jurídica do paiz já pode affirmar que a nossa propria "magna carta" politica, não é nem pode ser instrumento de deschristianização do paiz. É preciso, porém, que ella venha a ser a garantia mesma do nosso chris-tianismo, do amor que, como povo, como col-lectividade, como nacionalidade, devemos á Egreja catholica, vinculo moral e sobrenatural da vida de todas as gerações brazileiras, hoje ainda, como hontem, como sempre, afinal, refugio de toda a humana dignidade, de toda consciencia verdadeiramente livre — e sò o é aquella que, individual ou collectiva, informa toda a ordem pratica de sua vida, da certeza de que "originariamente, o direito nasce do dever".

APPENDICE

CATHOLICISMO E REVOLUÇÃO

PODERIA dar-me por satisfeito com a citação de autoridade tão veneravel como é a de D.

Antônio de Macedo Costa, confessor da Fé Catholica, ao lado do santo Bispo D. Vital, quando foi da infame perseguição contra a Egreja, prenunciadora da queda da Monarchia no Brazil. Mas tanto me horrorisa a attitude de perfeitos revolucionarios com que individuos, que se dizem catholicos, se mantém no dominio da nossa vida politica, que, por não duvidar, em absoluto, da sua bôa fé, só me resta acreditar na completa ignorancia de todos elles, em relação a este, o máximo problema da vida politica e social contemporanea.

É, por isto que, podendo, aliás, encher paginas e paginas de palavras verdadeiramente autorizadas, não posso deixar de trazer para aqui mais alguns testemunhos de

alto valor contra semelhante attitude. Em confronto com opiniões quase sempre bebidas em fontes positivistas, vejamos, nós, ca-tholicos, bem entendido, o que, da Revolução, em todos os seus aspectos, diz a verdadeira Igreja.

Principiemos por Leão XIII:

"Se portanto — dizia o grande Papa, a 28 de Dezembro de 1876 — se portanto acontecer alguma vez que o poder publico seja exercido pelos príncipes temerariamente e ultrapassando os limites do justo, a doutrina da Igreja catholica não permite que os subditos se revoltem contra elles, com receio de que a tranquillidade da ordem fique ainda mais perturbada e por isso a sociedade soffra um prejuízo muito maior. E quando as cousas chegarem a ponto de já não brilhar esperança alguma de salvação, a Igreja ensina que o remédio deve ser rogado e apressado pelos merecimentos da paciência christã e com fervorosas orações a Deus. Só ante a manifesta violação da lei Divina ou natural cabe ao catholico: "*obedecer a Deus antes que aos homens*", e é o caso da resistencia passiva.

(Ency. *Quod apostolici* — 1.º vol. da trad. port., pag. 21).

E Deumeran, a esta mesma passagem da Ency. *Quod apostolici*, acerescenta: "Cette doctrine qu'enseignaient, S. Thomaz, Suarez et Bellarmin, ne permet donc pas d'affirmer in general "le droit de résistance au tyran", etc. (*L'Eglise*, 263).

P. Ch. Makée, na sua clara exposi-

ção sobre o Direito Social da Igreja e suas aplicações, assim se exprime: "Si l'Autori-té se trompe *manifestement*, ou si elle impo-se arbitrairement ce qui n'est ni nécessaire ni utile à l'obtention de la fin de la Societé, ses prescriptions, *par elles mêmes*, n'obligent pas. Car, dans l'hypothèse, la base du Droit fait défaut, puisque le fondement du pouvoir que possède la Societé d'exiger quelque chose de ses membres repose sur la liaison nécessaire entre la fin de la Societé et la chose exigée. Elles obligent toutefois *accidentellement* lorsque ces deux conditions se trouvent á la fois réunies: que la chose prescrite, bien qu'inutile, soit licite; et que son omission doive occasioner le scandale, ou jeter le trouble dans la Societé".

(*Du droit social de l'Eglise et ses applications*, 4415).

Sempre a resistencia passiva será o ultimo reducto da consciencia de um verdadeiro catholico, e mesmo aos grandes apologistas modernos não escapou a necessidade de darem resposta de feição mais popular ás duvidas a esse respeito. Um delles, e dos maiores, assim resume a questão: "Une loi n'est droit qu'autant qu'elle concorde avec la justice. Une loi injuste n'est pas une loi parce qu'elle ne represente aucun droit (Augustin, *Lib. arbit.*, 1, 5, 11). *Mais parce qu'il est presque impossible de jamais donner une loi dans laquelle ne soit pas exprimée une idée quelconque de droit, il riest jamais permis d'opposer une résistance complete á une loi tyrannique.* Il y a en elle au moins ceci

du droit, que l'obéissance est exigée, quand même le contenu de cette loi et la façon dont cette obéissance est exigée sont injustes. *C'est la raison pour laquelle la loi de Dieu ne permet jamais un refus complet d'obéissance, jamais Vanarchie*". Isto quer dizer que não se deve confundir nunca a "resistencia passiva" de um povo catholico, quando desrespeitado nos seus mais sagrados direitos, com os processos revolucionários de sangue e incendio á primeira supposta injustiça que se venha a soffrer dos governantes.

E é ainda com maior energia que traça a linha que para sempre separará o verdadeiro crente do campo satânico da Revolução. Eis as suas palavras:

" .. .Nous avons dit précédemment, qu'en faisant son apparition, la Revolution avait invoque son droit d'autant plus haut qu'elle éternels de la Providence divine. *Dieu ría* elle ne l'avait pas par elle-même, encore moins par Dieu qui ne la reconnaissait pas; mais seulement par Pétat absolu qui la fit nécessairement. En d'autres termes, celui-ci ne doit pas se plaindre d'elle; mais elle, à son tour, n'a aucun droit de le metíre en piéces. Dans la main de celui qui régit le monde, elle est, tout aussi bien que Fétat absolu un instrument pour l'exécution des plans éternels de la Providence divine. *Dieu na pas plus fait la Revolution que Venfer; c'est ce qu'il y a de terrible en elle. Uétat moderne est aussi une monstruosité; cependant, á"après son origine, il est de droit divin. La Revolution est d'autant plus haissable qrielle*

n'a rien de Dieu en elle. Cest pourquoi Vétat conserve toujours son droit, quand même il en abuse; car Vinfidélilé des hommes nest pas imputable à Dieu. Mais la Révolution ráura jamais de droit venant de Dieu qui ne Ia veut pas".

São estas palavras, como as citadas mais acima, de Alberto Maria Weiss (V. *Apologie du christianisme*, trad. franc. de l'abbé Collin, VII, 178-59), e não se dirá que não conhece bem a Revolução e o que ella é em face da Egreja, quem, com a mais cerrada lógica e a mais forte documentação, provou que foi o proprio "Estado Moderno" quem lhe deu, a ella, apparencia de virtude. A Revolução não veio de baixo para cima e, ainda hoje, é de cima para baixo que ella se vae desenvolvendo. São os grandes que vão arrastando os pequeninos para o abysmo do mesmo cego orgulho contra Deus, e louca confiança na miseria que somos. O Catholi-co, grande ou pequeno, tem, por conseguinte, uma attitude "necessaria" no mundo moderno: a do reaccionario contra a Revolução, e não só contra as suas parciaes objectivações de odio sanguinario, mas também contra o que Malebranche chamaria as suas "falsas verdades", os máos princípios geradores de todos esses odios.

INDICE

Prefacio.....	21
A consciência religiosa do paiz e o momento	
Político.....	31
L'éclat de rire de la raison.....	37
Catholicismo e política.....	43
Delírio amarelo.....	49
Exercito e política.....	55
Egreja e política	61
Perigosa cegueira.....	75
Religião e politica.....	81
Aplicações de José de Maistre	87
Revisão ou revolução?.....	93
A lição de Farias Brito.....	101
A benção das espadas	107
Revolução branca	113
Onde estamos.....	119
Até 15 de Novembro.....	125
Motivos de esperança.....	131
Políticos e militares.....	141
O partido da experiencia.....	149
Política da experiência.....	161
Que lhes resta?	167
Ao fulgor das novas ameaças.....	173
Contra os sophismas de sempre.....	179
Da boa e da má intolerância.....	187
Para a frente!	193
Milagres desta hora.....	201
Uma questão de identidade.....	209
Um bom aspecto de uma grande maldade.....	215
Aviso ao mestre	223
Nota fina.....	229
O Brazil de hoje.....	233
Appendice.....	251

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 -, RIO DE JANEIRO
A 1 DE DEZEMBRO DE 1922.

